

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Pós-Graduação em Literatura

Márcio Miranda Alves

O jornalismo em *O Tempo e o Vento*:
fonte histórica e discurso ideológico na República Velha

Florianópolis

2007

Márcio Miranda Alves

O jornalismo em *O Tempo e o Vento*:
fonte histórica e discurso ideológico na República Velha

Dissertação apresentada
ao Curso de Pós-Graduação em Literatura
da Universidade Federal de Santa Catarina
para obtenção do título de
Mestre em Literatura Brasileira

Orientador:
Prof. Dr. João Hernesto Weber

Florianópolis

2007

À Rosângela

...Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.

*João Guimarães Rosa (**Grande Sertão: Veredas**)*

RESUMO

Os recursos do jornalismo presentes no romance *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo, são objetos de análise desta pesquisa. O estudo é direcionado à prática jornalística presente nos episódios que se concentram nos primeiros anos do governo republicano no Brasil. Ao explorar as notícias enquanto fontes históricas no romance, bem como os personagens-jornalistas e os principais jornais representados, busca-se interpretar os aspectos sociais reproduzidos na trilogia e suas articulações com o discurso da imprensa. A pesquisa tem por objetivo revelar como a versão jornalística do fato histórico, apoiada em pressupostos ideológicos, influencia a estética de *O Tempo e o Vento*.

Palavras-chave: Erico Verissimo; História; Jornalismo; Ideologia

ABSTRACT

The journalistic aspects in the novel *O Tempo e o Vento*, of Erico Verissimo writer, they are objects of analysis in this research. The study is directed to journalistic practices in the episodes that are concentrated in the first years of Brazil republican government. Analysing the news as historical sources in the novel, as well as the journalists-characters and the most important newspapers played, the study try to make clear some social aspects reproduced in the trilogy and their connections with press discourse. This research aims to disclose how the journalistic version of a historic fact, based on ideological premises, it can influence *O Tempo e o Vento*'s esthetic.

Keywords: Erico Verissimo; History; Journalism; Ideology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	12
1.1 O ESCRITOR E SUA OPÇÃO PELO RECURSO JORNALÍSTICO EM <i>O TEMPO E O VENTO</i>	12
1.2 CRÔNICAS DO CAMPO E DA CIDADE.....	26
1.3 PERSONAGENS-JORNALISTAS NA ENCRUZILHADA.....	42
CAPÍTULO 2	61
2.1 O JORNALISMO RIO-GRANDENSE EM MUTAÇÃO.....	61
2.2 <i>CORREIO DO POVO</i> E A <i>FEDERAÇÃO</i> : DOIS JORNAIS, DOIS CAMINHOS.....	74
2.3 SANTA FÉ NAS FOLHAS D'A <i>VOZ DA SERRA</i>	86
CAPÍTULO 3	94
3.1 VERSÃO JORNALÍSTICA DO FATO HISTÓRICO.....	94
3.2 UNIVERSO IDEOLÓGICO MULTIPLICADO.....	116
3.3 EDIÇÃO DE NOTÍCIAS: UM OLHAR PARTICULAR.....	128
CONCLUSÃO	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
ANEXO	153

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a representação de jornais e jornalistas no romance *O Tempo e o Vento*, obra maior do escritor Erico Verissimo. Publicado em três partes entre os anos de 1949 e 1962, *O Tempo e o Vento* compreende *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*. Na narrativa o autor reconstrói a história de seu Estado, o Rio Grande do Sul, a partir da epopéia da família Terra-Cambará, durante um período que abrange dois séculos, mais precisamente de 1745 a 1945. No entanto, o objeto do estudo se limitará apenas aos episódios em que o desenvolvimento da ação narrativa acontece no intervalo que vai do nascimento da Primeira República – ou República Velha – até o fim desta, quando acontece a ascensão de Getúlio Vargas ao poder central do Brasil. Os episódios que serão analisados estão distribuídos ao longo de toda a trilogia, uma vez que a forma da narrativa utiliza-se de avanços e recuos no tempo cronológico.

Quanto à justificativa para essa delimitação, entende-se que este período concentra no romance a maior riqueza de representações de aspectos jornalísticos, tanto na reprodução da prática da linguagem e do discurso implícita nas notícias quanto na caracterização de arquétipos fundamentais do enredo. Sendo assim, em *O Continente* será examinada a manifestação de recursos do jornalismo nos episódios “O Sobrado” e “Ismália Caré”; em *O Retrato*, os capítulos “Chantecler” e “A Sombra do Anjo”; e por fim, em *O Arquipélago*, serão objetos de estudo os episódios “O Deputado”, “Lenço Encarnado”, “Um certo Major Toríbio” e “O Cavalo e o Obelisco”, demarcando-se então uma trajetória da imprensa dentro do romance que começa precisamente em 1884 e se encerra em 1930.

Entre as hipóteses a serem estudadas estão a de que a opção do autor pelo recurso jornalístico como fonte histórica no romance *O Tempo e o Vento* eleva a importância da imprensa e dos responsáveis pelo seu funcionamento a uma condição essencial para a estruturação da narrativa. Neste período de interesse da pesquisa, a imprensa escrita enfrenta profundas transformações em suas bases que vão ao encontro do processo de industrialização em curso e à formação dos grandes centros urbanos no País. Num intervalo de tempo de pouco mais de 40 anos a imprensa gaúcha vive o auge do jornalismo partidário, um conceito sempre identificado com a formação doutrinária da opinião pública, ao mesmo tempo em que existe uma corrente do jornalismo literário em atividade e em que uma nova tendência, a do jornalismo noticioso, começa a ganhar espaço. As empresas melhor administradas, em sintonia com o novo ciclo de desenvolvimento econômico capitalista, suplantam as técnicas não profissionais de se fazer jornal. Trata-se, portanto, de uma fase de transição no

funcionamento e nos rumos de uma imprensa que vive os anos derradeiros do sistema monárquico, acompanha a implantação da República, reflete os conceitos do Modernismo e molda-se aos poucos à formação da sociedade urbana e da cultura de massa.

Pela voz do narrador, da narrativa indireta na voz dos personagens-jornalistas ou na reprodução de artigos de jornais fictícios e reais, Erico Verissimo arquiteta sua obra de maneira a dispor diferentes pontos de vista dos acontecimentos que marcaram a história do período. Valendo-se da desenvoltura desses homens, que atuam como porta-vozes do social, o escritor confere a eles a autoridade da palavra final sobre os assuntos em torno dos quais gira o romance. Entre esses fatos, encontram-se os debates acerca do fim do sistema escravocrata, a Revolução Federalista (1893-1895), a Primeira Guerra Mundial, as campanhas eleitorais e a Revolução de 1923, a Coluna Prestes e os movimentos políticos que culminaram na tomada de poder de Getúlio Vargas. No estudo pretende-se detalhar e sistematizar a presença do jornalismo enquanto versão histórica dos fatos narrados, bem como entender como os aspectos ideológicos atrelados à imprensa se reproduzem na trama.

A dissertação justifica-se pela possibilidade de se entender melhor o processo de criação de um dos principais romances da literatura brasileira do Século XX. Na historiografia crítica, Erico Verissimo aparece no entendimento de alguns estudiosos como o escritor que estabeleceu, com *O Tempo e o Vento*, o padrão do romance histórico na literatura brasileira contemporânea.¹ Apesar da representação da História ter uma larga abrangência no tempo do romance, o que permite haver inúmeras janelas abertas a novas pesquisas, também não se pode deixar de considerar o momento em que o escritor publicou sua obra-prima. A datação é importante porque durante a transição da primeira para a segunda metade do Século XX, resguardadas as diferenças de cada autor como indivíduo e de seus textos num mundo todo particular, a História se manifesta como em poucas vezes na literatura latino-americana. Alguns exemplos marcantes desta fase são os romances *Eu, o Supremo*, do paraguaio Augusto Roa Bastos, *O Reino deste Mundo*, do cubano Alejo Carpentier, *O Senhor Presidente*, do guatemalteco Miguel Angel Asturias, ou, ainda, *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Além disso, a pesquisa também se justifica pela intenção de revelar como se desenvolve a relação entre a versão jornalística impressa e a ficção de *O Tempo e o Vento*. A partir dos processos estilísticos da imprensa aproveitados pelo escritor para organizar o quadro social do

¹ Para Flávio Loureiro Chaves, além de firmar o padrão do romance histórico na literatura brasileira, *O Tempo e o Vento* assinala “um dos pontos fortes do nosso diálogo com a literatura ocidental”. In: O narrador como testemunha da história. GONÇALVES, Robson Pereira (org.). *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria: UFSM; Bauru: EDUSC, 2000, p. 72-73.

romance, é possível descortinar aspectos intrínsecos à estética da narrativa e levantar novas hipóteses de estudo em sua obra.

A dissertação está dividida em três capítulos principais, subdivididos por sua vez em três subcapítulos. No primeiro, a pesquisa concentra-se em descrever a manifestação do recurso jornalístico no período histórico delimitado. Para tanto, o texto procura seguir uma linha cronológica do tempo respeitando a narração dos eventos pelo narrador, independentemente dos avanços e recuos da história segundo as divisões que são próprias da estrutura do romance. Assim, faz-se um apanhado da imprensa escrita representada na trilogia, apontando os momentos em que ela se manifesta e com qual finalidade, bem como as justificativas do próprio escritor pela opção da fonte jornalística durante o processo criativo. A relação pessoal de Erico Verissimo com a imprensa, mesmo que ele não tenha desempenhado propriamente a função de jornalista profissional, também será destacada no estudo.

Em seguida, a pesquisa relaciona os jornais reais e fictícios que aparecem em diferentes fragmentos da trama com produtos que servem de ligação entre os habitantes do campo, no caso os personagens de Santa Fé, e os elementos representativos da cidade e do “progresso”. Expõe-se ainda como a cidade e os aspectos da modernidade são introduzidos na ficção através das notícias publicadas em jornal ou dos jornalistas que fazem propaganda destes novos elementos. Nesse contexto analisa-se como agem as forças opostas entre os indivíduos que lutam para divulgar e enaltecer os benefícios do “progresso” científico e social e os que simbolizam o “atraso” do campo, posicionando-se na defensiva em relação a tudo que representa o “novo” e o “moderno”.

Outro aspecto que será observado é a influência dos folhetins publicados em jornal na vida dos personagens, em especial nas duas senhoras que incorporam a ficção dos romances e passam a agir como se deles fizessem parte. Para fechar o primeiro capítulo, o estudo volta-se à tipologia dos principais personagens-jornalistas representados por Erico Verissimo no romance. Os primeiros personagens a reunirem a condição de porta-vozes do social em *O Tempo e o Vento* são os jornalistas Toríbio Rezende e Manfredo Fraga, introduzidos no romance em 1884. Os outros são Rodrigo Cambará e Amintas Camacho, que entram em cena em 1910 e permanecem atuantes nos principais momentos da narrativa até o final da trilogia. Neste momento da dissertação o interesse é identificar nos personagens os seus pensamentos e atitudes, analisar como eles se comportavam, como eram vistos pelos outros e qual o seu papel na sociedade de Santa Fé, sempre a considerando uma representação do Estado, que por sua vez reflete o País.

O segundo capítulo do estudo começa por caracterizar o jornalismo vigente no Rio Grande do Sul no período delimitado dentro da narrativa. No campo da divulgação das idéias, a época e a região sulina exploradas pelo escritor foram marcadas pela supremacia da imprensa política e partidária, embora mudanças estruturais no foco jornalístico já estivessem em curso. Uma explanação sobre o referido tema mostra-se válida para situar a práxis jornalística no contexto histórico e reafirmar a condição do jornalismo como uma prática social componente do processo de formação da opinião pública, derivando daí, portanto, o interesse de destrinchá-lo no romance.

Num segundo momento o estudo vai se ater ao histórico dos dois jornais mais representativos da imprensa gaúcha no período. Um deles é o jornal *A Federação*, fundado pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) em Porto Alegre, em 1884, e que se transforma num importante panfleto doutrinário das causas republicanas durante mais de 40 anos. O outro é o *Correio do Povo*, jornal fundado por Caldas Júnior em 1895 e que implanta um novo regime jornalístico no Estado, baseado no fortalecimento da organização empresarial, dentro de um novo conceito de capital, em detrimento do processo artesanal até então vigente.

A compreensão sobre o funcionamento e a importância destes dois jornais na sociedade gaúcha serve também para introduzir o fechamento do segundo capítulo, reservado ao fictício *A Voz da Serra*. Uma invenção do autor, o periódico dirigido por Amintas Camacho em Santa Fé surge como uma síntese do jornalismo da época e tem diferentes funções ao longo de sua representação. Além de servir à causa política republicana, o jornal se apropria da narrativa indireta para apresentar notícias sobre as novidades do Estado, do País e do mundo, bem como os acontecimentos menos relevantes da sociedade local. O *A Voz da Serra* também tem o papel de combater as idéias do personagem-jornalista Rodrigo Cambará e simboliza uma imprensa em crise de identidade que ainda sofre a influência político-partidária.

No terceiro e último capítulo da pesquisa a abordagem é direcionada, inicialmente, ao conteúdo das informações que são retiradas dos jornais para serem introduzidas na ficção. Será analisada neste momento a influência da versão jornalística de fatos históricos na estrutura do romance e como, a partir da reprodução de algumas destas “notícias”, o autor descreve a sociedade gaúcha e conduz os destinos da trama. Busca-se ainda cruzar as informações dos jornais reais e fictícios de *O Tempo e o Vento* com a ação dos personagens para encontrar respostas acerca das intenções estilísticas do autor, podendo a pesquisa chegar

a conclusões sobre como o discurso jornalístico enquanto sinônimo de uma “verdade” histórica pode ter direcionado a apresentação final da narrativa.

Em seguida, a análise volta-se para o discurso ideológico reproduzido pelos personagens do romance a partir de textos publicados em jornais. Nesta etapa em que se faz uma análise mais pontual dos principais protagonistas, será observado como as idéias progressistas se infiltram no Sobrado e como a família se comporta em relação ao seu posicionamento político, ora com os republicanos, ora contra eles. Além do pensamento ideológico positivista, os episódios estudados também colocam o jornal no caminho de simpatizantes do anarquismo, do comunismo, do anti-semitismo e da monarquia. A partir desta variada tipologia social que o autor distribuiu no período abrangido pelo estudo, tenta-se pontuar o discurso da imprensa com a caracterização da época e de seus personagens, para se chegar o mais próximo possível de uma interpretação segura a respeito da relação entre autor, jornalismo e obra em *O Tempo e o Vento*.

Para finalizar, o estudo procura demonstrar de que forma o escritor registra sua própria interpretação da História no romance por meio do recurso jornalístico, seja na escolha dos textos de jornal ou na tipificação dos personagens. Erico Verissimo se declarava um humanista liberal e planejou recontar a história rio-grandense de um novo ângulo, fugindo dos mitos e estereótipos. Para tal, ele se utilizou das experiências próprias, informações da imprensa e da historiografia oficial. No fechamento da pesquisa, portanto, se fará uma tentativa de relacionar as posições pessoais do autor e seu projeto literário ao quadro político e social representado, bem como as marcas do discurso jornalístico na formação do caráter gauchesco na ficção.

Por fim, este estudo busca interpretar como o jornalismo, meio pelo qual se modifica a forma de narrar no mundo moderno, interage na construção do romance *O Tempo e o Vento*. O autor optou conscientemente pelas fontes jornalísticas, logo também sistematizou a produção e a reprodução de sua linguagem nos episódios da ficção. O desafio desta pesquisa consiste em decodificar esse processo e interpretá-lo à luz das relações entre os grupos políticos e as classes sociais.

CAPÍTULO 1

1.1 O ESCRITOR E SUA OPÇÃO PELO RECURSO JORNALÍSTICO EM *O TEMPO E O VENTO*

Para contar de forma ficcional a história política e social do Rio Grande do Sul, a partir da saga de uma família e de um povo em *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo lançou mão de diferentes elementos narrativos ao longo do seu romance. Para cada período de acontecimentos históricos abordados no tempo, que começa em 1745 e vai até 1945, o escritor introduz diferentes símbolos que ajudam a construir o grande painel historiográfico projetado por ele e publicado a partir de 1949 em três partes.

Sandra Jatahy Pesavento² aponta com presteza alguns desses elementos que se transformam em emblemas da linhagem dos Terra-Cambará, contrapondo ao elemento mobilidade-aventura de alguns personagens a força da estabilidade junto à terra e da continuidade da vida. Um deles seria o punhal, que surge na história associado à morte na longínqua Espanha, na perpetuação de um crime, passa às mãos do patriarca Pedro Missioneiro até chegar ao mais novo da árvore genealógica, o menino Rodrigo Cambará na Revolução Federalista de 1893. Outros seriam a tesoura e a roca, que também passam de mão em mão através das mulheres; e a guerra, um elemento que “permanece e representa o eterno retorno do mesmo, do qual o homem é como que escravo, cumprindo ele também a sua sina... e se complementa com a estabilidade da terra” (PESAVENTO, 2001, p. 48). Mas há ainda outro elemento que pode ser incluído nesse processo cíclico da vida no romance de Erico Verissimo: o jornal.

Durante um período aproximado de 60 anos o jornalismo impresso acompanha a composição dos costumes dos principais personagens de *O Tempo e o Vento*. Como ainda eram poucos os jornais que circulavam nas cidades do interior da Província de São Pedro, é natural que eles somente fossem introduzidos na narrativa durante a segunda metade do Século XIX. Mais precisamente em 1895, um ano de relevante importância no painel histórico arquitetado por Erico Verissimo. Naquele ano, federalistas (maragatos) e republicanos (pica-paus) ainda se enfrentavam na mais sangrenta guerra civil entre facções partidárias opostas da história do Rio Grande do Sul. A Revolução Federalista (1893-1895), como ficou conhecida a batalha na historiografia, é tratada pelo escritor nos sete episódios de “O Sobrado”, que estão

² A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Erico Verissimo: O romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

na primeira parte da trilogia, *O Continente*. Nesses capítulos a narrativa se concentra em apenas três dias do mês de junho, de 25 a 27. Cercado pelas forças federalistas que há uma semana haviam tomado a cidade de Santa Fé, o intendente e chefe político republicano Licurgo Cambará e um grupo de correligionários tentam resistir ao cerco no interior do Sobrado, o casarão da família localizado em frente à praça central de Santa Fé. A comida, a água e a lenha para aquecer o fogão estão terminando. Na noite do dia 26, quando a batalha se aproxima de seu desfecho, o personagem Fandango, peão de estância e muito próximo dos Cambará, caminha até a despensa e volta minutos depois com um pacote e pedaços de madeira. Florêncio Terra o aguarda em frente ao fogo:

- Veja só o que encontrei – cochicha.
- Ajoelha-se diante da boca do fogão e mostra a Florêncio o pacote à luz das brasas.
- Que é isso?
- Jornais velhos. Vou meter tudo no fogo.
- Não faça isso. Deve ser a coleção do Licurgo...
- Qual nada! Pra mim jornal só é bom mesmo pra começar fogo.
- Florêncio permanece calado e imóvel, enquanto o outro começa a rasgar velhos números de *O Arauto* e de *O Democrata* e a atirar os pedaços dentro do fogão.³

Este trecho da narrativa, que encerra o penúltimo episódio de ‘O Sobrado’, é a primeira referência que Erico Verissimo faz ao jornalismo impresso no romance *O Tempo e o Vento*. O curto diálogo faz apenas uma referência a dois jornais, que reaparecem com força em “Ismália Caré”, mas já antecipa alguns elementos da relação existente entre os personagens e os jornais ao longo do romance. A partir desse momento da narrativa exemplificado com a citação, o jornalismo enquanto documento histórico passa a ser uma das estruturas de sustentação da narrativa, adotado de forma consciente pelo autor de *O Tempo e o Vento*.

Para reconstruir na forma ficcional o abrangente cenário da história do Rio Grande do Sul, Erico Verissimo se utilizou de diversas ferramentas.⁴ Inspirou-se em pessoas reais para criar alguns de seus personagens, recorreu às memórias da infância e experiências próprias e consultou livros de História e jornais, conforme afirmação do próprio escritor em artigos e entrevistas.⁵ No seu livro de memórias *Solo de Clarineta*,⁶ quando lembra das

³ VERISSIMO, Erico. *O Continente II*. 29 ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 557.

⁴ A mais completa fonte de pesquisa sobre o processo criativo da obra de Erico Verissimo está em BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

⁵ “Sempre que escrevo um romance, cuja ação se passa em fins do século passado ou princípios deste, costumo recorrer a velhas coleções do *Correio do Povo*, que, como testemunho da história e espelho da nossa vida social destes últimos oitenta anos, me pode fornecer com abundância. Muitas de minhas personagens costumam ler ou

circunstâncias que o levaram a começar a escrever *O Retrato*, em janeiro de 1950, Erico Verissimo afirma que “como não possuísse um escritório propriamente dito, usei a sala de jantar, colocando a máquina de escrever em cima da mesa, ladeada por pilhas de volumes contendo números do *Correio do Povo* correspondentes aos anos de 1910 a 1915”. E logo adiante ratifica: “Assim, ajudado por velhos jornais e pelas minhas às vezes nebulosas e outras vezes luminosas lembranças de menino, comecei a trabalhar no romance”. Com a confirmação do autor pela opção do recurso jornalístico na construção da trama, temos o indicativo de um fértil material de análise que permite não apenas comprovar e confrontar relatos jornalísticos, mas também interpretar o papel discursivo da imprensa na formação dos arquétipos ideológicos dos personagens e a sua relação com os acontecimentos históricos dentro do romance.

No período histórico delimitado na pesquisa, que vai dos últimos anos do regime monarquista até a ascensão de Getúlio Vargas à liderança do Governo Provisório e o conseqüente fim da República Velha, em 1930, os jornais se fazem presentes em praticamente todos os momentos decisivos da narrativa ficcional. É através dos periódicos e de seus redatores que o autor explora elementos narrativos que auxiliarão na formação do cenário político e social e na reprodução das idéias em discussão entre liberais e republicanos nos anos que antecedem o fim da monarquia no Brasil. No capítulo “Ismália Caré”, cuja ação romanesca acontece em 1884, cinco anos antes, portanto, da Proclamação da República, os debates sobre monarquia versus república são apoiados em longos discursos que chegam aos personagens na forma de versão jornalística ou pela visão de jornalistas. Nesse ambiente de grandes transformações Licurgo Cambará concede alforria aos escravos do Angico, a propriedade dos Cambará, e Santa Fé se transforma legalmente em cidade por meio de lei aprovada na Assembléia Legislativa.

Em janeiro daquele ano os republicanos do Rio Grande do Sul passam a contar com a voz do seu jornal, *A Federação*, dirigida por Júlio de Castilhos para fazer frente ao jornal *A Reforma*, que circulava desde 1869 a serviço das idéias de Gaspar Silveira Martins. A influência de *A Federação* na formação de uma consciência política e social identificada com os ideais positivistas de Augusto Comte é amplamente explorada pelo autor em sua obra.

pelo menos mencionar o jornal que Caldas Júnior fundou. De certo modo o *Correio* passou a ser uma espécie de personagem de muitos de meus romances”. In: VERISSIMO, Erico. O *Correio do Povo* e eu. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 1 out. 1975, p. 2-3.

⁶ *Solo de Clarineta I*. 20 ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 303-304.

Sandra Jatahy Pesavento⁷ observa que Erico Verissimo faz uso de marcas de historicidade explícitas e implícitas, mesclando personagens históricas com fictícias, e procura uma datação precisa no desenrolar da trama ao longo do tempo:

Igualmente, Erico usa o recurso de por o leitor em contato com a leitura dos personagens, a mostrar as verdades do acontecimento, publicadas na imprensa da época. Este recurso é de tal forma perfeito que funciona quase como que uma nota de rodapé ou citação do texto histórico: recurso de autoridade e erudição, o autor como que desafia o leitor a refazer o seu caminho de pesquisa nos arquivos para certificar-se a concordar com ele... Nesta medida, o texto tem um sabor de real, e as situações e personagens foros de veracidade.

Seguindo esse raciocínio, percebe-se que todo o embate de idéias presentes em “Ismália Caré” serve como uma espécie de antecipação, ou explicação histórica não oficial, da luta armada que começa em 1893 e é tratada nos episódios de “O Sobrado” já nos últimos instantes dos combates. Entretanto, essa divisão entre duas correntes político-filosóficas não se restringe aos primeiros anos da formação da república. Apesar da derrota, os ideais federalistas continuam vivos e voltam a se manifestar 15 anos mais tarde. Esse momento é abordado na segunda parte da trilogia, *O Retrato*, sendo os arquivos de jornais explorados mais uma vez para formar o quadro histórico que interessa ao autor. No capítulo “Chantecler”,⁸ que se passa em 1910, os Cambará estão na oposição à candidatura do Marechal Hermes da Fonseca à presidência da República, contrários, portanto, aos republicanos. Pelos jornais que chegam de Porto Alegre, Rodrigo Cambará, o jovem e recém formado médico, filho de Licurgo, acompanha as notícias sobre os distúrbios nas ruas da capital durante a campanha eleitoral e decide fundar o seu próprio veículo, *A Farpa*. Por meio desse jornal Rodrigo desfere severos ataques à situação e defende a candidatura de Rui Barbosa. No outro lado, o *A Voz da Serra* e seu redator Amintas Camacho trabalham a serviço do Cel. Aristiliano Trindade, o administrador da intendência de Santa Fé. Entretanto, em muitas ocasiões o *A Voz da Serra* serve também como voz descritiva na composição da narrativa, como na longa descrição dos *réveillons* feita pelo cronista social do jornal na virada para o ano 1910 (O RETRATO I, p. 130).

Sem dúvida a segunda parte da trilogia é a que Erico Verissimo mais recorreu às fontes jornalísticas para construir sua narrativa histórica. O resultado das pesquisas feitas pelo escritor no *Correio do Povo* aparece ao longo de *O Retrato* para manter a população de Santa

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Encontros e desencontros da ficção com a história. *Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2005. Cultura.

⁸ *O Retrato I*. 24 ed. São Paulo: Globo, 1997.

Fé informada sobre o que acontece no mundo na segunda década do Século XX. A fase de mudança do jornalismo engajado e opinativo para o jornalismo de caráter informativo e industrial que marcou esse período da imprensa gaúcha se manifesta de forma clara na ficção de *O Tempo e o Vento*.⁹ Nos episódios “A Sombra do Anjo” e “Uma Vela pro Negrinho”, além de “Chantecler” (continuação do Volume I),¹⁰ os personagens são informados pela imprensa sobre o resultado da eleição, a passagem do cometa Halley e os espetáculos em cartaz na capital. A revista francesa *L'Illustration* anuncia a invenção dos aeroplanos e explicações científicas sobre o perigo real do cometa chocar-se contra o planeta Terra. A Primeira Guerra Mundial é um importante acontecimento do início do século que também chega aos personagens de Santa Fé através dos jornais. O assunto merece destaque e o narrador reproduz um discurso de Rui Barbosa sobre o conflito, publicado no *Correio do Povo* em 1914. Outro tema em que Erico Verissimo se apropria do discurso jornalístico para compor *O Retrato* é a campanha pela candidatura de Hermes da Fonseca ao Senado e todos os principais detalhes que levam ao assassinato de Pinheiro Machado. Para narrar o impacto da notícia sobre os personagens de diversos ângulos, o autor busca um número ainda maior de fontes da imprensa, do *Diário do Interior*, de Santa Maria, ao *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Erico Verissimo afirmou numa entrevista a Rosa Freire D'Aguiar¹¹ que “o aparecimento eventual de vultos e fatos históricos em meus romances vale como um selo de autenticidade para as minhas ficções. Marcam a época com seus dramas ou comédias políticas”.¹² Esses fatos históricos retirados dos jornais e reproduzidos no romance permitem que o escritor reflita sobre os dramas e comédias políticas através da voz jornalística. Seguindo esse raciocínio, é possível afirmar com segurança que os aspectos biográficos do autor fornecem novas pistas para compreender suas escolhas no processo de estruturação do quadro descritivo na trilogia. Ainda criança no município de Cruz Alta, era pelos jornais que Erico Verissimo tomava conhecimento do noticiário nacional e internacional, como a marcante notícia do naufrágio do Titanic, e alimentava aos poucos o seu imaginário com as

⁹ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993. A questão será estudada com mais profundidade no Capítulo 2.

¹⁰ VERISSIMO, Erico. *O Retrato II*. 23 ed. São Paulo: Globo, 1997. Todos os acontecimentos citados neste parágrafo estão neste volume, mas as páginas não estão explicitadas porque os mesmos serão retomados com mais precisão de análise nos capítulos posteriores.

¹¹ Tradutora carioca nascida em 1948, formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi correspondente em Paris para as revistas *Manchete* e *IstoÉ*. A entrevista com Erico Verissimo foi realizada para a revista *Manchete*, em 1973.

¹² BORDINI, Maria da Glória. *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. São Paulo: Globo, 1999, p. 186.

reportagens sobre figuras que sugeriam histórias de crimes, emboscadas, punhais e venenos (SOLO DE CLARINETA I, p. 95).

A importância que o autor releva às fontes jornalísticas começa inclusive pela descrição do próprio nascimento. No seu livro de memórias, ao relatar o que acontecia no mundo naquele momento, o escritor precisa situar-se no espaço e no tempo conforme a versão histórica jornalística daquele mês de dezembro de 1905. “Nasci a 17 de dezembro de 1905, sob o signo de sagitário. Andavam no ar ecos da Guerra Russo-Japonesa, e os jornais comentavam ainda os horrores do massacre de São Petersburgo” (SOLO DE CLARINETA I, p. 33). Outro exemplo de experiências próprias e lembranças da infância que ajudam o autor na caracterização de seus personagens e na relação destes com os periódicos vem do seu próprio avô, Aníbal Lopes da Silva. Os modos com que o avô se relacionava com os noticiários da política e a importância que dava aos editoriais impressos são repetidos incessantemente por Erico Verissimo em *O Tempo e o Vento*, como vemos nessa confirmação do livro de memórias:

Assinante dum jornal maragato de Bagé, era admirador fervoroso de seu diretor, cujos editoriais políticos costumava ler em voz alta e bem modulada. Um dia cheguei à casa do velho no momento em que ele vibrava de emoção, lendo um artigo que o citado jornalista escrever sobre Assis Brasil, às vésperas da Revolução de 1923. ‘Que cosa extraordinária!’ – exclamou. E, entregando-me o diário, pediu: ‘Leia alto esse editorial. (SOLO DE CLARINETA I, p. 29)

A relação de Erico Verissimo com o jornalismo se estreitaria ainda mais após sua mudança para Porto Alegre. Walter Benjamin¹³ nos diz que “a experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer esta experiência seja própria ou relatada. E, por sua vez, transforma-se na experiência daqueles que ouvem a estória”. Durante o processo de criação do romance, nos anos 1940 e 1950, Erico Verissimo sempre recorreu a essas experiências de leituras anteriores e de vivência com os principais fatos que marcaram o Rio Grande do Sul para tecer sua trama histórica e política. Sobre a influência de sua própria condição social no processo criativo dos romances Erico Verissimo afirmou em 1973, ao *Jornal Opinião*, que “é preciso saber que as condições econômicas de minha vida pessoal, particular, influenciaram muitos os romances que escrevi entre 1933 e 1940” (BORDINI, 1999, p. 166). A primeira parte de *O Tempo e o Vento* é publicada apenas em 1949, mas as experiências da década de 30 influenciam beneficentemente a melhor fase produtiva do autor. Ele fala mais sobre os anos 30, no período em que trabalhava 12 horas por dia, traduzia livros, trabalhava na Livraria do

¹³ O narrador. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Os pensadores).

Globo e inventava histórias para programas infantis de rádio. “Considero essa fase de minha carreira um período de exercícios em que me preparei, consciente ou inconscientemente, para a obra com que comecei a sonhar depois de 1935 e que acabou sendo publicada a partir de 1949 sob o título geral de *O Tempo e o Vento*” (BORDINI, 1999, p. 166).

Embora jamais tenha exercido o jornalismo em caráter profissional, o escritor dirigiu a *Revista do Globo* e foi o primeiro a presidir a Associação Rio-grandense de Imprensa. No *Correio do Povo*, depois de ter alguns de seus contos publicados, vem mais tarde a assumir a edição de uma “página feminina”, de publicação semanal. Segundo palavras do autor, a página *A Mulher e o Lar* trazia “crônicas e versos mundanos, receitas culinárias, modas, tudo sempre com a prestimosa colaboração da tesoura e do pote de grude” (SOLO DE CLARINETA I, p. 254). Entretanto, essa atividade de jornalista e redator que o escritor desempenhou por pouco tempo não consistia uma tarefa das mais prazerosas. Para Carlos Reverbel,¹⁴ que trabalhou com Erico Verissimo na *Revista do Globo*, para materializar o sonho de ser escritor o criador de *O Tempo e o Vento* teve que “sujeitar-se a recorrer a outros meios de vida, por ele desempenhados a contragosto, mas sempre de modo a resguardar e preservar a dignidade pessoal e a lisura funcional”. Aponta ainda Reverbel que “tenho como certo que Erico Verissimo só gostava de escrever ficção. Tudo que produziu, em outras áreas, não passaria da abertura do caminho que lhe permitiria dedicar-se a seus romances, em tempo e integral e sem precisar recorrer a outros meios de vida”.

Essas experiências como jornalista e redator, aliadas às memórias da infância, podem explicar muitas das estratégias narrativas adotadas pelo autor de *O Tempo e o Vento*, principalmente em relação aos conflitos políticos e sociais que levam à Revolução de 1923. Mas não foram apenas essas vivências que o ajudaram a construir esse que é considerado o romance-chave que estabeleceu o modelo de romance histórico brasileiro. Nos apontamentos e esboços que deixou, o escritor demonstra sua preocupação em cercar-se de diversas fontes – não apenas jornalísticas – para desenvolver os temas na narrativa. Para escrever *O Arquipélago*, terceira e última parte da trama que foi publicada nove anos após *O Retrato*, o autor busca material de apoio “sobre as crises da pecuária, conteúdo ideológico do assisismo, aspectos militares da campanha de 1923, rotina das estâncias, músicas modernas de 1922, um bom estudo sobre o castilhismo, borgismo e positivismo, a formação do Rio Grande no Século XIX à luz de Comte, o fenômeno maragato e republicano” (BORDINI, 1995, p. 143). Ainda em relação às fontes de consulta, Erico Verissimo deixou registrado nessas cadernetas

¹⁴ Erico e o jornalismo. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Homenagem aos 85 anos de nascimento. Porto Alegre: Sulina, 1990, p. 24.

os levantamentos feitos em publicações como as revistas *‘Problemas e Synthe’se*, o livro de Oliveira Vianna, consultas a J. F. Carneiro, Luderites, Fanfa Ribas, Vécia, a Coleção Comércio e o *Correio do Sul*, aparece também um roteiro de pesquisa de dados a serem colhidos sobre Cruz Alta, quanto à cidade, o campo, as gentes, hábitos, vestuário, a vida doméstica e o cemitério; registram-se detalhes sumários sobre como seria a Revolução de 1923 vista de dentro; sobre as colunas, como seria a de Santa Fé e a de Bio...como agiria a o homem comum nessa Revolução quanto a ideologias” (BORDINI, 1995, p. 143).

O jornalismo presente em *O Tempo e o Vento* chega à década de 1920, em *O Arquipélago*, quando Rodrigo Cambará, já eleito deputado pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), prepara sua saída do Partido Republicano para ficar ao lado da Aliança Libertadora e de Assis Brasil. Para confrontar a propaganda republicana em Santa Fé, Rodrigo põe em funcionamento *O Libertador*, o segundo jornal partidário utilizado pelo personagem para fazer oposição ao situacionismo de Borges de Medeiros. Nessa fase da narrativa a relação entre Rodrigo Cambará, o personagem principal, e os jornais se torna mais intensa. Como deputado, ele passa a se relacionar com jornalistas da Capital e não raras vezes se oferece para conceder entrevistas. Para garantir audiência no seu discurso de desligamento do partido na Assembléia, Rodrigo convoca a presença dos jornalistas do *Correio do Povo* e da *Última Hora*. Pelas páginas dos jornais e das revistas o personagem acompanha tudo que se escreve sobre ele, “o deputado mais bem vestido”, segundo o cronista social da *Máscara*,¹⁵ e também colabora com artigos opinativos esporádicos. Já a folha fictícia *O Libertador* tem algumas poucas edições impressas com a ajuda do amigo comunista Arão Stein. No primeiro número, o jornal apresenta aos leitores de Santa Fé na primeira página um artigo de Rodrigo atacando o borgismo “do ponto de vista ideológico” e, na segunda, uma biografia de Assis Brasil. O restante do espaço também fica reservado às notícias políticas e avisos ao “eleitorado livre do Rio Grande” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 127). Logo após a eleição o segundo jornal partidário de Rodrigo Cambará perde o seu propósito e deixa de existir.

Para descrever o ambiente de disputa política e ideológica desse importante período para a história do Rio Grande do Sul, Erico Verissimo se ampara muito no jornal *A Federação*, o órgão oficial do Partido Republicano. O periódico é utilizado como sinônimo da versão republicana dos fatos, servindo também como o informante oficial da apuração dos votos na eleição. *A Federação* está a serviço do governo da situação e não raro é vítima da fúria de Rodrigo, que não hesita em lançar suas páginas ao fogo (O ARQUIPÉLAGO I, p.

¹⁵ VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago I*. 19 ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 107.

258). Quando os Cambará se retiram para o Angico, enquanto aguardam o desenrolar dos fatos e se preparam para a luta armada, acompanham pelos jornais as informações sobre os combates entre revolucionários e legalistas em outras cidades do interior do Estado. Quando a coluna comandada pelo Cel. Licurgo Cambará entra na briga, são as mulheres que se resignam em acompanhar as notícias da revolução pelos jornais.

Em 1923, no calor da revolução, Maria Valéria e Flora Cambará estão em casa à espera de notícias dos homens que saíram para lutar. Sentada na sua cadeira de balanço, Maria Valéria lê o *Correio do Povo* logo na abertura do primeiro capítulo de *O Arquipélago II*, intitulado “Lenço Encarnado”.¹⁶ “Muitos assististas tinham sido presos em Porto Alegre e outras localidades do Estado: jornalistas, políticos e gente do povo. A coisa ficava cada vez mais preta”. Mais adiante, no mesmo capítulo, o narrador descreve em detalhes como os jornais chegavam ao Sobrado no começo da tarde e todo o cerimonial das duas mulheres durante a leitura dos periódicos *Correio do Sul* e *Correio do Povo*. Floriano Cambará, filho de Rodrigo e Flora, alter ego do escritor,¹⁷ também aos poucos ia se interessando pelas notícias da revolução por meio da leitura dos jornais.

Outra personagem que possui um relacionamento íntimo com o jornalismo do início do século é D. Evangelina Mena, a D. Vanja, que aparece no romance para encarnar a mulher que acompanha e até acredita nas histórias publicadas em folhetim pelo *Correio do Povo*. Esse tipo de publicação que marcou época no jornalismo e na literatura brasileira é retratado em *O Tempo e o Vento* a partir das ações de D. Vanja, “uma velha limpinha e ágil, com algo de passarinho nos movimentos e no olhar” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 306). Além de se comover com as histórias de *A Ré Misteriosa* ao ponto de entristecer-se e encher os olhos de lágrimas, D. Vanja passa a incorporar o vocabulário desses folhetins e não perde oportunidade de repetir palavras e frases tiradas das páginas dos jornais. Sobre esse gênero, Marlyse Meyer¹⁸ aponta que “o folhetim ficcional inventando fatias da vida servidas em fatias jornal [...] oferecia às classes populares o que desde os tempos da oralidade e das folhas volantes as deleitava: mortes, desgraças, catástrofes, sofrimentos e notícias reatualizados nos tempos da modernidade industrial e urbana”. Ainda segundo Marlyse (p. 225), a técnica do folhetim-romance é a mesma técnica fragmentária que caracteriza a transmissão de notícias,

¹⁶ VERRISSIMO, Erico. *O Arquipélago II*. 16 ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 369.

¹⁷ “Este último (Floriano) é novamente um alter ego de Erico Verissimo, personagem-escritor de *O Arquipélago*; e pela sua palavra fica explícito o valor atribuído ao julgamento da sociedade numa forma peculiar de romance onde a invenção e a fantasia estão intimamente vinculadas à inquisição sobre o destino da sua terra e da sua gente”. In: CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo: narrador e personagem. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 dez. 1975. Cadernos de Sábado.

¹⁸ Terceira fase do romance-folhetim (1871-1914) – Os romances dos “dramas da vida”. In: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 224.

uma ‘fragmentação noticiosa que cai como uma luva para as mentalidades fragmentadas, diluídas, difusas, que vêem o contexto social, a realidade, sem nenhum nexo, sem nenhum fio ordenado’.

No Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, a popularidade do romance-folhetim também repetiu o sucesso constatado no centro do país, a exemplo do que ocorrera na França a partir da década de 30 do Século XIX.¹⁹ Antonio Hohlfeldt²⁰ identifica um número aproximado de 240 folhetins publicados nos jornais da Capital da Província entre 1851 e 1900, sem considerar nesta soma os contos e novelas publicados na *Revista do Partenon Literário*.²¹ Em geral, os folhetins dos jornais no Rio Grande do Sul eram traduzidos ou adaptados pelos próprios jornalistas, sendo a maioria deles a partir de textos franceses. Ao analisar os folhetins *A Filha da Cigana*, de Carlos Jansen, *Paulo Lopes*, de João Carlos More, e *A Casa do Tio Pedro*, escrito por três jornalistas porto-alegrenses, Hohlfeldt (2003, p. 256) observa que:

Através da forma de romance-folhetim, nossos folhetinistas desenvolveram textos que os aproximam da categoria de literatura com que os textos em livro seriam depois reconhecidos, através da oficialização da instituição escolar. Na verdade, embora pareçam repetir o modelo, o que de fato fazem formalmente, inovam quanto ao enfoque e conteúdo, trazendo lições modernizadoras e civilizadoras.

E acrescenta:

A partir e graças ao romance-folhetim a literatura alcançou efetivo reconhecimento junto ao público, independente da posterior avaliação estética que se tenha vindo a fazer dos textos então publicados. E isso se deu porque os escritores de então se preocuparam em desenvolver estruturas literárias narrativas ditas folhetinescas, que atingiram plena comunicabilidade junto ao público e, com isso, sua popularidade. [...] Mais que o hábito da leitura, o romance-folhetim divulgado pelas páginas de nossos jornais inseriu o leitor num universo profundamente mais amplo, ao mesmo tempo em que tornou cotidiano o hábito da leitura. (2003, p. 257)

¹⁹ A genealogia do romance-folhetim francês teria como origem principal o romance inglês do Século XVIII, em três vertentes principais: o romance realista (Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henri Fielding), o romance gótico (Horace Walpole, Gregory Lewis e Ann Radcliffe) e o romance histórico (Walter Scott). In: RIVERA, Jorge B. *El folletín y la novela popular*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1968, p. 20.

²⁰ HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 50.

²¹ A participação da Sociedade Partenon Literário na produção literária do Rio Grande do Sul será abordada no capítulo 2.1.

Desta forma, também podemos incluir o folhetim como uma representação consciente nos propósitos do autor, mais um aspecto jornalístico presente de forma marcante em *O Tempo e o Vento*.

Por outro lado, ao abordar no romance os acontecimentos que levaram ao movimento revolucionário da coluna Prestes, Erico Verissimo continua se amparando nos jornais para introduzir informações na narrativa e testar o reflexo delas sobre os personagens. O irmão de Rodrigo, Toríbio Cambará, é um dos integrantes da coluna revolucionária, vindo daí o título do episódio “Um Certo Major Toríbio”, que se inicia em 1924. Pelo *Correio*, que “como de costume evitava o sensacionalismo dos cabeçalhos em tipo graúdo e negrito” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 446), os Cambarás são informados do levante dos militares em São Paulo e no resto do país. Pelo mesmo jornal eles acompanham à distância o movimento da coluna pelo interior do Brasil e buscam alguma pista sobre o paradeiro de Toríbio.

Sérgio Buarque de Holanda²² percebe que o cortejo de fatos históricos presente no romance não atropela o conteúdo propriamente romanesco, nem “ratifica o movimento livre do artista, segundo as leis de um mundo já organizado e de rígidos contornos, para dar-lhe direção prevista e almejada. A evocação do passado faz-se sempre por vias indiretas, segundo um sutil e quase invisível processo de seleção”. Nessa via indireta a que Sérgio Buarque de Holanda se refere inclui-se o jornalismo partidário e o jornalismo informativo em curso no Brasil e no Rio Grande durante a República Velha. Nem o debate sobre o Movimento Modernista escaparia do olhar jornalístico do autor de *O Tempo e o Vento*. É através das páginas d’*A Voz da Serra* que dois personagens – o promotor público de Santa Fé e um fiscal de imposto de consumo – travam uma discussão sobre os novos rumos da arte no Brasil. No mesmo periódico, o redator Amintas Camacho escreve num de seus editoriais que “Santa Fé civiliza-se” e “ninguém pode segurar o carro do Progresso” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 497), uma alusão ao processo de modernização que tomava conta do Rio de Janeiro desde os primeiros anos do Século XX.²³ Sobre o enquadramento técnico da literatura de Erico Verissimo nos moldes do modernismo, Wilson Martins²⁴ fez a seguinte avaliação. “Enquanto concepção e técnica, sua obra nada tem de ‘modernista’, mas ela, como muitas outras, não teria surgido fora da atmosfera introduzida pelo movimento, sem a ação catalítica que exerceu”.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 228.

²³ A frase lembra o bordão “O Rio civiliza-se”, de autoria de Figueiredo Pimentel e repetido na polêmica coluna “Binóculo”, no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 37.

²⁴ MARTINS, Wilson. “Erico Verissimo”. In: *O modernismo (1916-1945)*. São Paulo: Cultrix, 1945, p. 295.

Apesar do centro da narrativa nos capítulos estudados estar amarrado aos fatos históricos relacionados à política e à luta pelo poder, o autor não rebaixa os jornais a simples informes partidários como selo de autenticidade à ficção. As notícias dos periódicos acompanham o desenvolvimento de uma comunidade, no caso a fictícia cidade de Santa Fé, e apresentam ao leitor, em forma de notícia, os avanços tecnológicos que acompanham essa arrancada para a modernidade. Enquanto os integrantes da família Cambará estão preocupados com as notícias das revoluções, outros personagens estão às voltas com as reportagens que enaltecem as grandes invenções no campo da ciência, como o hidroavião, do entretenimento, como o cinema sonoro, e as aventuras de homens como Santos Dumont e Charles Lindbergh. O trecho a seguir de “Um Certo Major Toríbio” exemplifica a estratégia narrativa utilizada por Erico Verissimo para preencher as lacunas do tempo e do espaço durante a ação dos personagens no romance, caracterizando o começo da incorporação do *American way of life* na cultura rio-grandense:

Noticiavam então os jornais que a Warner Brothers acabava de produzir o primeiro filme sonoro da História: *The Jazz Singer*. Uns quatro ou cinco rapazes intelectualizados de Santa Fé, que costumavam referir-se ao cinema como ‘a sétima arte’, e eram adoradores de Charlie Chaplin, achavam que dar voz às figuras da tela seria a mais grosseira e ridícula das heresias. Entrevistado por *A Voz da Serra*, o Calgembrino, do Cinema Recreio, foi franco: ‘Fita falada? Aposto como esse negócio não pega. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 535)

Chegando a 1930, ano que encerra o ciclo da Primeira República e delimita nosso estudo, agora no último tomo de *O Arquipélago*,²⁵ um novo movimento armado envolve a família Cambará e é amplamente noticiado em *O Tempo e o Vento* através dos jornais. A revolução que leva Getúlio Vargas ao cargo de chefe provisório da República ganhou força com o assassinato de João Pessoa, o então presidente da Paraíba. Pelo noticiário da imprensa, Rodrigo Cambará acompanha as reportagens que trazem informações detalhadas sobre o crime e sente que está na hora de também entrar na luta. “– Os olhos do Brasil estão voltados para o Rio Grande, esperando a revolução! – exclamou Rodrigo Cambará num daqueles primeiros dias de agosto, depois de ler os jornais que Bento lhe fora buscar à estação” (O ARQUIPÉLAGO III, p. 688). Esses acontecimentos que marcaram profundamente a história do Brasil são retratados por Erico Verissimo em “O Cavalo e o Obelisco”, episódio que abre a última parte da trilogia. Agora do mesmo lado na Frente Única Rio-grandense, Rodrigo

²⁵ VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago III*. 22 ed. São Paulo: Globo, 2000.

Cambará e Amintas Camacho, d'A *Voz da Serra*, fazem vistas grossas às desavenças do passado para apoiar Vargas na sucessão a Washington Luís.

Getúlio Vargas lidera o levante contra as forças do governo e dirige-se num pronunciamento aos correligionários. O texto do manifesto proferido naquele mês de outubro de 1930 é reproduzido nos jornais. Termina assim: “Rio Grande, de pé pelo Brasil. Não poderás faltar ao teu destino glorioso!” (O ARQUIPÉLAGO III, p. 688). A importância para o povo rio-grandense de ver um gaúcho no mais alto posto do país está refletida no discurso dos personagens de Santa Fé, a maioria pertencente a um círculo de amizade que converge para Rodrigo Cambará. Para obter um efeito maior da situação narrada, o autor muitas vezes coloca as notícias na fala do personagem Rodrigo. A leitura em voz alta das notícias que os jornais traziam naqueles dias, uma forma de narrativa indireta, permite que as informações jornalísticas sejam amarradas à trama ficcional de forma realista sem desviar a narrativa do seu propósito. Esse recurso pode bem se enquadrar na análise de Mário de Andrade²⁶ sobre a obra de Erico Verissimo, analisada a partir do romance *Saga*.²⁷ Diz o escritor modernista que “onde a sua arte assume verdadeiras forças de criação é no dom inventivo de situar os seus personagens no momento exato de ação em que eles mais se expandem em seus caracteres psicológicos gerais. As cenas admiravelmente bem achadas, a riqueza das situações caracterizadas, o acertado das preparações para os diálogos (e que diálogos ótimos de a propósito e naturalidade!), o jeito finíssimo de enxertar a paisagem entre os personagens, o equilíbrio variado de coisas sentimentais amargas, realísticas, caricatas, tudo isso é magnificamente bem achado”.

Assim, a cobertura jornalística da revolução que abre um novo capítulo da história do Brasil reproduz também em *O Tempo e o Vento* um texto do telegrama de Getúlio Vargas aos revolucionários, uma nota de João Neves à imprensa e um pronunciamento de Flores da Cunha aos repórteres sobre os propósitos do movimento. Para concluir essa explanação da presença do discurso jornalístico enquanto documento histórico em *O Tempo e o Vento*, importa lembrar o que apontou Flávio Loureiro Chaves (1975, *Correio do Povo*) sobre o ato de contar a história segundo Erico Verissimo:

Escrever o romance significa, pois, dialetizar a realidade em todos os níveis – do individual ao social, do histórico ao mítico – revelando-a ao mundo da ficção [...] O ato de contar a história origina-se na observação do real a fim de problematizá-lo sob todas as perspectivas possíveis.

²⁶ ANDRADE, Mário de. *O Empalhador de Passarinho*. São Paulo: Martins/INL, 1972, p. 253.

²⁷ VERISSIMO, Erico. *Saga*. 20 ed. São Paulo: Globo, 1995.

A problematização de muitas dessas perspectivas não passa pela voz dos personagens de *O Tempo e o Vento* sem que estes dêem uma rápida folheada nos jornais.

1.2 CRÔNICAS DO CAMPO E DA CIDADE

O gesto natural de Fandango de levar ao fogo as edições antigas de *O Arauto* e *O Democrata*, durante o cerco ao Sobrado em 1895, inaugura um modelo de relacionamento conturbado entre jornais e leitores em *O Tempo e o Vento*. Se para a família Cambará os periódicos fazem parte do ambiente familiar, um instrumento útil para o debate de idéias e para que as informações do Brasil e do mundo circulem livremente no Sobrado, para os personagens mais rudes os jornais são apenas motivo de curiosidade reservada. Atitudes como a de Fandango, que queima sem remorso os exemplares cuidadosamente mantidos por Licurgo Cambará desde 1884, são comuns durante a narrativa e sinalizam o conflito que o ingresso de aspectos da modernidade representa na vida dos homens do campo. Mais receptivos a essas novidades, os Cambará enquanto leitores tomam muitas de suas decisões com base nas notícias publicadas em jornal, seja ele real ou fictício.

As idéias republicanas chegam a Santa Fé em 1881 através da propaganda feita pelo baiano Toríbio Rezende, que recebe ameaças dos Amaral (liberais) para deixar a vila e acaba sendo acolhido e protegido pelos Cambará. Essa amizade é decisiva para levar a família do Sobrado para o lado dos republicanos, mas por uma via indireta fortalecida pela leitura de artigos que circulavam na imprensa. Rezende passa a ser o redator de *O Democrata*:

O convívio com Toríbio Rezende, a leitura dos artigos que Júlio de Castilhos publicava na imprensa atacando o império e fazendo a propaganda da abolição e da república – tudo isso tinha feito de Licurgo Cambará um republicano e um abolicionista. Ficara de tal modo dominado por essas idéias que acabara quase fanatizado por elas. (O CONTINENTE II, p. 570)

Esse “fanatismo” de Licurgo resulta na fundação do Clube Republicano de Santa Fé, em 1883, decisão fortalecida “pelas notícias do progresso do movimento no resto do país [...] na capital de São Paulo, onde Borges de Medeiros, jovem estudante gaúcho, dirigia um jornal” (O CONTINENTE II, p. 570). Um ano depois, os republicanos do Rio Grande passam a contar com o seu jornal, *A Federação*. Em Santa Fé os sócios do Clube Republicano “esperam com ansiedade a mala postal que trazia semanalmente os números da folha em que Castilhos publicava seus artigos candentes” (O CONTINENTE II, p. 570) e por fim acabam também fundando o seu próprio periódico, *O Democrata*, para combater as idéias de *O Arauto*, publicado sob supervisão do coronel Bento Amaral.

Como se percebe, o jornalismo começa já nos últimos anos da monarquia a ter um papel preponderante nos rumos da família Cambará e do Rio Grande do Sul representado no

romance de Erico Verissimo. Entretanto, a presença da imprensa não se resume às questões ideológicas do ponto de vista político. A leitura que os personagens fazem dessas informações introduzidas na narrativa colocam em lados opostos os elementos pró e contra os aspectos de uma sociedade em transformação.

A representação do campo e da cidade na obra do escritor Erico Verissimo já resultou em diversas pesquisas e valiosos estudos para a formação da fortuna crítica do autor.²⁸ No entanto, muitos dos trabalhos publicados sob essa perspectiva estão relacionados aos primeiros livros do autor, os chamados “romances urbanos”, começando por *Clarissa* (1933) até *O Resto é Silêncio* (1943). O interesse dos pesquisadores por esses romances pode estar no fato de que as narrativas são ambientadas em Porto Alegre e fornecem muito mais subsídios para uma pesquisa que objetiva relacionar literatura e cidade moderna. É nesse período que se estende dos anos 1920 à primeira metade dos anos 1940 que se concentram, na capital gaúcha, as principais mudanças típicas de uma cidade pequena a caminho de se tornar uma metrópole.²⁹

Mas essa representação também se manifesta, mesmo que com temáticas diferentes – por vezes menos evidentes –, nos livros da segunda fase produtiva de Erico Verissimo. A presença de elementos “modernos” da cidade em contraponto ao “atraso” do campo, assim como a questão da regionalidade sulina na obra do escritor, também aparecem de forma marcante em *O Tempo e o Vento*, conforme aponta Ligia Chiappini no ensaio *Campo e Cidade no Retrato*.³⁰ Para Ligia, nesse romance existe um diálogo permanente entre o Rio Grande do Sul rural e patriarcal com o Rio Grande do Sul urbano e burguês. Uma relação conflitante que surge através de forças contrárias exercidas pelos personagens no universo da narrativa ficcional.

O confronto cidade e campo, novo e velho, civilização e barbárie, cultura e natureza, atraso e progresso percorre o livro todo e se expressa seja na descrição do espaço, seja no comportamento e caracterização dos personagens, expandindo-se da primeira oposição entre o Angico e Santa Fé, a casa da estância e o Sobrado, para Santa Fé e Porto Alegre, Porto Alegre e Rio de Janeiro, Rio de Janeiro e Paris, sem

²⁸ Entre os principais, pode-se destacar GUIMARÃES, Josué (org.). *A Porto Alegre de Erico*. Porto Alegre: Globo, 1984; e BORDINI, Maria da Glória. Porto Alegre na literatura de Erico. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org.). *Porto Alegre: história e cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

²⁹ CRUZ, Cláudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1994, p. 20. Segundo o autor, a representação dessas transformações na literatura sulina, em especial na forma romanesca, tem 1935 como ano-chave. Nesse ano são publicados os livros *Caminhos Cruzados*, de Erico Verissimo, *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, e *A ronda dos anjos sensuais*, de Reynaldo Moura.

³⁰ Campo e Cidade no Retrato. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Erico Verissimo: o romance da história*. Op. cit., p. 112.

apresentar-se de modo fixo, mas volta e meia confundindo e problematizando os pólos opostos numa tensão ambígua e, por isso mesmo, crítica.

Esse confronto entre campo e cidade, dentro de um processo de modernização das organizações sociais na República Velha, é acompanhado pelos jornais no romance. Como documentos que aferem veracidade à estória e à História narradas, além de reforçarem as posições ideológicas dos personagens, os jornais *Correio do Povo*, *Correio da Manhã*, *A Federação*, *Diário de Notícias*, *Diário do Interior*, *Última Hora* e *Correio do Sul*, mais a revista francesa *L'Illustration* e os fictícios *A Voz da Serra*, *O Arauto*, *O Democrata* e *O Libertador*, funcionam também como uma espécie de ponte para os habitantes de Santa Fé, que vivem no campo e sentem os efeitos do processo de modernização nas grandes capitais. Através deles, os personagens interagem e passam a fazer parte das modificações sociais e históricas que estão em curso no Brasil e no Rio Grande do Sul. Neste período que a pesquisa abrange, o Brasil passa do regime monárquico para o republicano, os habitantes enfrentam duas guerras civis, os efeitos de uma guerra mundial e fortes crises na política e na economia, além de participarem do início de uma revolução silenciosa – industrial e capitalista – na forma de êxodo em direção aos grandes centros urbanos, processo este que afeta diretamente os moradores do campo.

Os leitores dos jornais representados em *O Tempo e o Vento* têm interesses divergentes, como escreveu Maria da Glória Bordini (1995, p. 226). Pelas páginas do jornal os homens se informam das notícias políticas e as mulheres, nos folhetins, aprendem o vocabulário da prosa romântica para aplicá-lo à conduta social. Dessa forma, a leitura como hábito em Santa Fé é sempre utilitária e não está relacionada ao simples prazer de ler. Para Maria da Glória, essa postura reflete a mentalidade pragmática do gaúcho guerreiro, “para quem as idéias só se justificam na prática, seja ela a do cotidiano ou a da política”. A exceção a essa divisão de comportamentos, indicada por Bordini, ocorre, no entanto, quando os homens saem para participar das revoluções e as esposas e filhas ficam em casa, tomando conhecimento pelos jornais sobre o andamento dos conflitos. Quando isso acontece, elas voltam o seu interesse para o aspecto informativo dos periódicos. O trecho a seguir exemplifica essa situação comum no romance:

Os jornais em geral chegavam ao Sobrado às duas da tarde, trazidos por Dante Camerino, que ia buscá-los na estação. Processava-se então ali na sala de jantar todo um cerimonial. Maria Valéria sentava-se na sua cadeira, traçava o xale, acavalava os óculos no nariz, abria o *Correio do Sul*, lendo primeiro o editorial e depois as

notícias. Flora, ao seu lado, tinha nas mãos o *Correio do Povo*. A velha interrompia-lhe a leitura de quando em quando, com observações.

– O Gen. Estácio voltou, reorganizou a coluna dele e anda fazendo o diabo pras bandas de São Gabriel...

– Ahã – fazia Flora, sem prestar muita atenção. Continuava a ler, mas lá vinha de novo a velha:

– O Zeca Neto tomou Lavras...O Honório Lemes entrou em Dom Pedrito. – Uma careta, um estalar de língua e depois: – Alegria de pobre não dura muito. Tiveram de abandonar a cidade porque a força do Flores da Cunha andava nas pegadas deles...(O ARQUIPÉLAGO II, p. 369)

A passagem deste capítulo reforça a idéia de que as mulheres que habitam o Sobrado também têm outros interesses nas páginas dos jornais que vão além da simples leitura folhetinesca. Elas acompanham atentamente o desenrolar dos acontecimentos políticos na Capital e em outras cidades do interior do Estado, mesmo que identifiquem aqueles tantos personagens reais apenas pelos “nomes claros e nomes escuros [...] um era o herói, outro o bandido” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 570). Com sucessivos conflitos políticos e sociais em marcha, Maria Valéria e Flora aprendem por bem ou por mal a ter uma consciência política na situação construída no romance. Algo que não acontece com Ana Terra, personagem marcante da trilogia, que vive numa época durante a qual o jornalismo era uma atividade ainda inexistente no Rio Grande.

Maria Valéria e Flora são as senhoras da casa e suas principais preocupações se limitam a manter o lar em ordem e a aguardar a chegada dos homens, vivos ou mortos. Mas o interesse nos rumos da política, que afetam diretamente os destinos dos Cambará, as obriga a se manter com os pés no mundo real. Para isso, servem-se à vontade dos jornais. Regina Zilberman³¹ aponta que Maria Valéria não retém apenas a memória dos fatos, “ela preserva igualmente os vestígios do passado, corporificados nos objetos que sintetizam os sujeitos que os portaram”. Esses objetos estão armazenados num baú, a cuja chave Floriano Cambará tem acesso e somente no final da trilogia a utiliza para revelar o conteúdo. Entre as bugigangas, recortes de jornais.

Depois de muitas hesitações e resmungos, a Dinda me confia a chave do baú de lata em que traz guardadas suas lembranças e relíquias. Encontro nele, de mistura com incontáveis bugigangas [...], importantes peças do museu da família, como o dólmã militar do Cap. Rodrigo, um xale que pertenceu a D. Bibiana, e uma camisa de homem, de pano grosso e encardido [...]. Todas essas coisas naturalmente me excitam a fantasia pelas duas possibilidades novelescas, mas concentro a atenção

³¹ BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 190.

principalmente nas cartas, nos recortes de jornais e nos daguerreótipos que descubro dentro duma caixa de sândalo, no fundo do baú. (O ARQUIPÉLAGO III, p. 748)

Partindo-se da observação de Flávio Loureiro Chaves,³² que afirma que *O Tempo e o Vento* constitui “uma verdadeira reflexão sobre a marcha da História e o sentido da temporalidade no destino humano”, nota-se que a modernização tecnológica dos jornais, o surgimento da publicidade e toda a expansão de atividades comerciais acaba por contribuir na formação conceitual e, também, nos pré-conceitos dos personagens para com o mundo moderno. Mesmo sendo dependentes dos noticiários impressos para tirar suas conclusões sobre os temas em discussão, a relação entre jornal e personagens geralmente é de desconfiança. Ou seja, quando a notícia lhe agrada, o personagem concorda e a reproduz para os outros. Quando a informação vai contra suas idéias, ele a ignora ou destrói o jornal.

Numa passagem que acontece em 1910, Rodrigo recebe um pacote de jornais de “um próprio vindo da cidade” e, ao redor da mesa de jantar, lê para Licurgo, Maria Valéria, o irmão Toríbio e o velho Fandango algumas notícias previamente assinaladas. A primeira traz uma informação sobre a eficiência dos aeroplanos em relação aos dirigíveis como meio de transporte a ser utilizado na guerra. Na época, um aeroplano havia transposto pela primeira vez o Canal da Mancha. Ao ouvir que um homem voara numa máquina, Fandango não acredita em nada e diz que é tudo invenção. Escandalizado, afirma que utilizar aeroplano na guerra é uma “indecência” porque “homem deve brigar contra homem, de frente”. Logo adiante, quando ouve de Rodrigo que Santos Dumont caiu de uma altura de 25 metros durante um de seus testes aéreos, em Saint-Cyr, Fandango volta a reprovar a notícia e sugere na sua linguagem que mistura português e espanhol a invenção de algo mais útil à vida campestre. Um objeto prático que seria desenvolvido pela indústria eletrônica meio século mais tarde: o controle remoto.

Podia emplegar su tiempo inventando una cosa mejor. Por exemplo, uma porteira que se gritasse na frente dela e a bicha se abrisse sem ser preciso a gente descer a hacer fuerza. (O RETRATO I, p. 204)

Para erguer o cenário de *O Retrato*, o escritor utiliza uma farta documentação, conforme comprova uma de suas agendas,³³ que inclui números da revista *L'Illustration*, dos quais retira datas e eventos importantes. Entre esses apontamentos que ficaram registrados

³² CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p. 26.

³³ Essas agendas e outros documentos deixados pelo escritor Erico Verissimo são mantidos pelo Acervo Literário Erico Verissimo, da PUC-RS. A referida agenda está cadastrada com o registro 04b0065-35.

estão indicados o primeiro ataque aéreo, a presença de Mal. Hermes na França, duelos de estudantes, o avião que sobrevoou a catedral gótica e o desembarque de Sarah Bernhardt no Brasil (BORDINI, 1995, p. 137).

A introdução da notícia do primeiro filme sonoro da história, produzido pela Warner Brothers, acontece no capítulo “Um Certo Major Toríbio”. Um dia após a volta de Rodrigo de Porto Alegre, ele reúne amigos no Sobrado para uma ceia. Antes de falar sobre o filme, o narrador comenta: “Mas alguns santa-fezenses, para os quais Hollywood se havia tornado mais importante que Washington, parece concentrar seu interesse na guerrinha local que agora se travava, por motivos óbvios, entre as “viúvas do Valentino” e o clube das fãs de John Gilbert” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 535). A introdução de aspectos da cultura norte-americana no romance não chega a ser uma surpresa, apesar da França ainda ser a grande referência aos parâmetros artísticos e culturais no Brasil e no Rio Grande do Sul naquela época. Erico Verissimo foi um dos primeiros escritores brasileiros a se voltar para a literatura e a cultura norte-americana, tanto na atividade de tradutor e editor como nas influências recebidas de outros escritores, e levou essa influência para os seus romances.

Entre 1943 e 1956, enquanto trabalhava na trilogia de *O Tempo e o Vento*, o escritor viveu nos Estados Unidos, onde atuou como professor e, num segundo momento, como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. As impressões do escritor sobre este período estão reunidas nos livros de viagem *Gato Preto em Campo de Neve*³⁴ e *A Volta do Gato Preto*,³⁵ os quais revelam um rico material de apontamentos que permitem entender melhor o pensamento do autor sobre a condição de seu país e de si mesmo. No primeiro, Erico Verissimo cria um interlocutor invisível, Pedro Malazarte, com quem dialoga sobre suas impressões e confia opiniões daquilo que vê e sente em relação aos norte-americanos.

Malazarte encarna o velho tropeiro gaúcho, simples nos costumes, romântico em relação à vida e ao mundo e contrário ao jeito moderno, que vê com reserva o cosmopolitismo das cidades americanas e ao mesmo tempo admira-se com a cordialidade e a praticidade do povo. Ele incorpora os mesmos arquétipos de personagens de *O Tempo e o Vento*, como Babalo, Fandango e Toríbio Cambará. Na figura do seu companheiro invisível, Erico Verissimo ficcionaliza na personificação do Outro o que deveria ser apenas um relato de viagem, mas que revela a cada instante uma face até então oculta do escritor enquanto sujeito da história. Volta e meia, para apontar suas opiniões pessoais sobre as diferenças entre o

³⁴ *Gato Preto em Campo de Neve*. 23ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

³⁵ *A Volta do Gato Preto*. 17ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

Brasil e os Estados Unidos, ou para destacar uma opinião própria dos problemas americanos com os quais se depara – e confronta com os brasileiros –, Verissimo recorre aos diálogos secretos com Pedro Makazarte.

Um personagem secundário do episódio “Um Certo Major Toríbio”, o Reverendo Dobson passa ao ainda menino Floriano as revistas ilustradas que recebia dos Estados Unidos. Eram números velhos do *Saturday Evening Post* e do *Ladie’s Home Journal*. A relação infantil de Floriano com o inglês, não mais com o francês, mais tarde ajuda a moldar o caráter do personagem como representante vital das transformações sociais em curso. No segundo parágrafo da transcrição, o narrador descreve que “também por aquela época andava o mundo inteiro (inclusive e principalmente o Rev. Robert E. Dobson) entusiasmado com a façanha de Charles Lindbergh, um americano de vinte e seis anos que, no seu pequeno aeroplano, *The Spirit of St. Louis*, atravessara o Atlântico, dos Estados Unidos à Europa, num vôo ininterrupto” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 535). Ele não explicita como os habitantes tomam conhecimento da aventura de Charles Lindbergh na Europa. Nem seria preciso, pois está claro que foi através dos jornais e das revistas.

Na maioria das vezes em que se apresenta uma notícia relacionada a uma novidade tecnológica, um dos personagens duvida da informação ou do efeito dela sobre a comunidade. Há um paradoxo constante entre componentes modernos querendo se firmar e aspectos enraizados no campo procurando resistir. Sandra Jatahy Pesavento³⁶ observa que *O Retrato*, onde essas posturas antagônicas estão mais evidentes, é um livro que trata de perdas e de derrocadas. Para ela, ao tratar da mudança, o autor inverte as temporalidades, “pondo ceticismo no novo e colocando a questão da possibilidade ou não de salvar o tempo passado”.

Aderbal Quadros, o Babalo, sogro de Rodrigo, é o personagem que mais incorpora o gaúcho da estância, avesso a qualquer novidade da cidade, preso a tradições que estão se apagando e não encontram seguidores. Seu apego ao puro e ao natural o transforma num homem ingênuo. Estancieiro falido, Babalo ganha dos Cambará a confiança para administrar o Angico, a fazenda de onde sai o sustento da família e onde o contato com outras pessoas, além dos peões, não existe. Numa visita à fazenda, Rodrigo encontra o sogro apreensivo ante a notícia que lera no *Correio do Povo* sobre o hidravião Atlântico, que havia feito a primeira viagem de Porto Alegre à cidade de Rio Grande, com passageiros e 162 quilos de bagagem. O fragmento:

³⁶ A temporalidade da perda. In: *Erico Verissimo: O Romance da História*. Op. cit., p. 89.

O velho sentia-se afrontado. Era uma imoralidade – disse ele ao genro – um despautério, que aquelas engenhocas de voar, fabricadas no estrangeiro, estivessem cortando e sujando os céus do Rio Grande, que de direito pertenciam às aves e às nuvens, isso para não falar no sol, na lua e nas estrelas, que eram de todo mundo. Aquele progresso – continuou – estava aos poucos mudando a boa vida antiga do gaúcho, pois assim como as máquinas registradoras haviam trazido a imoralidade para as casas de comércio, o aeroplano, como o automóvel, constituía um insulto ao cavalo, à diligência e à carreta. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 528-529)

Para provocar o sogro, Rodrigo, que se posiciona e representa justamente o oposto de tudo que o velho pensa, diz:

– O Governo Federal já deu licença à Kondor Syndikat para estabelecer uma linha aérea entre Porto Alegre e Rio de Janeiro – contou Rodrigo, para escandalizar o sogro. – E lhe digo mais, seu Aderbal, a primeira vez que eu tiver de viajar para o Rio, vou de avião.

Babalo nada respondeu. Montou a cavalo, saiu sem rumo pelas verdes invernadas, agitando macegas e espantando quero-queros, respirou em plenos pulmões o ar do campo, limpou o espírito de cuidados e irritações, voltou para casa assobiando, e não tocou mais no assunto.

Esse personagem continua carrancudo em relação ao moderno e a tudo que esteja distante da sua realidade ao logo do romance. Em “A Sombra do Anjo”, quando a história decorre nos primeiros meses da Primeira Guerra Mundial, Santa Fé acompanha o desencadear do conflito pelos jornais enviados da Capital. Durante mais uma dessas visitas a Babalo, Rodrigo é interpelado logo na chegada sobre o andamento da guerra. Ele conta que os confrontos estavam um pouco parados por causa do inverno e da nevasca e que os soldados estariam cavando trincheiras enquanto aguardavam a primavera chegar. Babalo sorri e comenta:

– Às vezes chego a pensar que toda essa história de guerra não passa duma invenção do *Correio do Povo* e dos outros jornais, só para terem assunto.

– Antes fosse...(O RETRATO II, p. 435)

No segundo tomo de *O Arquipélago*, o tema do progresso da aviação volta à tona quando Rodrigo lê as notícias sobre a inauguração do serviço postal aéreo na América do Sul. O percurso entre Toulouse e Buenos Aires será feito em menos de quatro dias por aeroplanos e hidroplanos da companhia francesa *Latecoère*. Empolgado, Rodrigo comenta que dentro de poucos anos haverá aviões comerciais transportando gente da América para a Europa e vice-versa. Pouco impressionado, Babalo ouve a leitura e pergunta a Rodrigo o que se ganha com todas essas coisas. Rodrigo responde que se ganha tempo, mas Babalo retruca um “pra quê?”.

O genro insiste com argumentos a favor do progresso da ciência e cita outros exemplos, como o telefone sem fio. No entanto, nada convence o sogro,

[...] Tudo isso significa, seu Aderbal, que aos poucos o homem domina a natureza, melhora a sua vida, tornando-a mais fácil, mais higiênica, mais agradável, mais...mais...

– Atrapalhada – terminou o velho, tirando do bolso um naco de fumo em rama.

– Qual trapalhada! Essa história em falar no “tempo de dantes” é pura conversa fiada, puro romantismo. O mundo tem melhorado, ninguém pode negar. E vai melhorar mais.

Rodrigo não gostou da expressão gaiata que o velho tinha no rosto.

– Que é que o senhor está achando tão engraçado? – perguntou, entre divertido e irritado.

– É que ninguém ainda se lembrou de inventar uma droga pra curar a maior doença da humanidade.

– A tuberculose?

O velho sacudiu a cabeça negativamente.

– Não. A estupidez. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 470)

Aderbal Quadros representa o tipo de leitor de jornal cujo interesse nas notícias, mesmo que mínimo, resume-se aos acontecimentos da sua cidade ou do seu estado. Para ele, pouco importa o que acontece no resto do mundo com as coisas e as pessoas. O personagem encaixa-se perfeitamente no novo perfil de leitor de jornal apontado por Walter Benjamin, quando este utiliza as palavras do fundador do jornal *Figaro*, Villemessant, para afirmar que “a informação capaz de oferecer alguma ligação com a vida prática é recebida com mais agrado do que o relato de situações e a descrição de lugares longínquos ou de tempos afastados” (1975, p. 67). Durante uma visita dele ao Sobrado, Roque Bandeira e Arão Stein discutem as diferenças entre heróis e mitos da Revolução de 1923. Aderbal não se pronuncia durante o debate, mas o narrador se encarrega de descrever os pensamentos do personagem sobre o tema:

Aderbal Quadros não entendia aquelas conversas. Sobre o que se passara na Rússia, tinha apenas idéias nebulosas: ouvira falar numa “reviravolta braba” em que revolucionários tinham “feito o serviço” na família imperial, instituindo um regime em que tudo era de todos. Mas como podiam aqueles dois moços tão instruídos perder tempo com problemas dum país distante, quando ali nas ventas deles fervia uma guerra civil em que irmãos se tiroteavam uns com os outros?

Pelas notícias dos jornais, o velho acompanhava fascinado as proezas de Honório Lemes e seus guerrilheiros. Muitas vezes entrava no Sobrado erguendo no ar, como uma rósea bandeira de guerra, um número do *Correio do Sul*, e lia para a gente da casa e para os que lá se encontrassem o editorial assinado por Fanfa Ribas, que na opinião de Babalo era o maior jornalista vivo do Brasil. – Que estilo! Que coragem! Que cosa!

Os jornais do governo estadual procuravam ridicularizar o general da Divisão do Oeste, apresentando-o como um homem de poucas letras, um simplório, um ‘mero tropeiro’.

Uma tarde Aderbal irrompeu no Sobrado e, sem tirar o chapéu, de pé, no meio da sala, leu em voz alta todo um editorial do *Correio do Sul*, que era um hino à profissão de tropeiro e ao caráter de Honório Lemes. Ao chegar às últimas linhas, fez uma pausa, lançou um olhar para as duas mulheres que o escutavam, apertou os olhos e, pondo um tremor teatral na voz seca e quadrada, leu o final: ‘De joelhos, escribas! É o Tropeiro da Liberdade que passa!’

Soltou um suspiro, murmurou: ‘Que coisa!’, atirou o jornal em cima numa mesa e saiu rengueando da sala, como um final de ato. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 349)

A resistência dos personagens a tudo que representa novidade, moderno e diferente, e em consequência às notícias da imprensa, repete a postura de desconfiança que os habitantes do campo representados na literatura brasileira geralmente sentem em relação aos da cidade. Esse sentimento contrapõe toda uma cultura camponesa (Santa Fé) ao processo de modernização que atinge os grandes centros urbanos. O próprio Erico Verissimo saiu da Cruz Alta no final de 1930, uma cidade gaúcha não muito diferente da fictícia Santa Fé em termos de variedade urbanística, para viver em Porto Alegre, sendo uma testemunha da história retratada por ele em *O Tempo e o Vento* e nos livros da primeira fase.³⁷ Esse aspecto intrínseco à vivência do autor e aos temas que ele pretendia retratar explica em parte porque em certos momentos o leitor tem a sensação que a história não acontece em algum ponto remoto do interior do Rio Grande do Sul entre a Serra e o Planalto, mas sim numa cidade populosa, onde a constante circulação de informações se faz presente pelos jornais e, mais tarde, pelo rádio e pela melhoria dos sistemas de transporte como o trem, o automóvel e o avião.³⁸ É surpreendente perceber que o trem como meio de transporte, que certamente representou um grande salto de comodidade e, por que não, de impulso à modernidade nas comunidades interioranas naqueles primeiros anos do século passado, não é muito explorado nas descrições dos costumes sociais de Santa Fé. Os personagens, à exceção de Rodrigo,

³⁷ Maria da Glória Bordini faz um comentário interessante sobre Erico Verissimo e a influência de sua condição de vida na autoria do romance. “Sua aventura pela História sulina, portanto, que se iniciava com *O Continente*, vinha precedida do descrédito no legado regionalista, tanto brasileiro quanto local, que dourara um passado (e por vezes um presente) de guerras bárbaras e de opressão no campo, e na desconfiança na História oficial do Estado, que, ao gosto da época, dedicava-se a erigir heróis a partir de caudilhos sanguinários e nem sempre esclarecidos. Entretanto, Erico também provinha do interior, de uma região politicamente conturbada e de economia agrária, testemunhara ainda muito jovem os desmandos dos próceres de Cruz Alta e conhecera inúmeras figuras que transitavam entre o campo e sua cidade, tratara de suas doenças e feridas e ouvira seus dramas primeiro no dispensário de seu pai e depois ao balcão da Farmácia Central”. In: *O Continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política. O Tempo e o Vento – história, invenção e metamorfose*. Op. cit., p. 74.

³⁸ SCHLEE, Andrey Rosenthal. Almanaque municipal de Santa Fé para o ano de 1899. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit., p. 261-284. O trabalho traz um histórico do município com fatos curiosos, lendas e as mais belas casas.

nunca andam de trem, quase sempre lembrado na narrativa para o transporte de algum objeto, principalmente os jornais vindos da Capital, de Santa Maria e de Bagé. Jacques Leenhardt³⁹ nota que “através da estrada de ferro e da imprensa, a pequena cidade de Santa Fé passa, então, a estar ligada prática e simbolicamente à capital do estado, Porto Alegre, e àquela do país, o Rio de Janeiro”. A propósito, é da estação de trem de Santa Fé que Rodrigo Cambará parte para o Rio de Janeiro, na comitiva de Getúlio Vargas, quando eclode a Revolução de 30.

Em relação aos jornais fictícios produzidos em Santa Fé, o narrador os utiliza ora como narrativa indireta para revelar situações pontuadas, como o debate sobre república e escravidão em *O Arauto* e *O Democrata*, os carnavais e os *réveillons* descritos por Amintas Camacho no *A Voz da Serra*, ora para descrever o ambiente de guerra travado entre grupos políticos opostos. Em algumas ocasiões os personagens anônimos que vivem na cidade têm reações de resistência em aceitar os jornais. Um desses momentos acontece quando os amigos de Rodrigo tentam distribuir exemplares de *A Farpa* para os moradores que deixam a igreja após a missa dominical. Os “leitores” se recusam a apanhar o jornal e alguns fogem do local, com medo de receberem o periódico e mais tarde serem perseguidos pelos situacionistas.

Quando a missa terminou e os fiéis começaram a sair, Rodrigo postou-se do lado de fora da porta do templo, no alto dos degraus, de onde avistou logo o Chiru, que começava a distribuir *A Farpa*, gritando e fazendo largos gestos de camelô. Maneco Terra e Joca Prates receberam seus exemplares: o primeiro, sorrindo, o segundo de cenho fechado. Outras pessoas, no estonteamento da surpresa, pegavam automaticamente a folha que Chiru lhes dava e muitos, depois de verem do que se tratava, amassavam o jornal e o lançavam na sarjeta [...] Muitos passavam de largo; outros pegavam a folha e paravam para ler os cabeçalhos. Alguns até pareciam ensaiar protestos. O vento fazia esvoaçar os jornais que juncavam as calçadas e o pavimento da rua. Rodrigo avistou, sob as árvores da praça, o Neco Rosa no momento em que ele metia a força debaixo do sovaco de Arrigo Cervi um jornal dobrado. (O RETRATO I, p. 257)

Como contraponto aos posicionamentos contrários aos inventos da modernidade, Erico Verissimo cria outros personagens que reagem de maneira diferente quando confrontados com informações jornalísticas. D. Vanja e D. Emerenciana Amaral são duas personagens que têm profundo interesse nos jornais, mais precisamente nos folhetins, e acabam incorporando a ficção como realidade. Elas choram com a morte dos personagens e falam das histórias como se elas de fato estivessem acontecendo em suas vidas.⁴⁰ Por isso,

³⁹ O romance da dispersão do sentido. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Erico Verissimo: o romance da História*. Op. cit., p. 161.

⁴⁰ Exemplo disso é essa passagem: “Uma noite encontrou no quarto da doente tia Vanja, que, sentada ao pé do leito, com os óculos na ponta do nariz, lia à luz dum lampião o folhetim do *Correio do Povo*, enquanto D.

para D. Vanja a paixão pelo texto ficcional publicado em jornal acaba se identificando com os dramas exibidos no cinematógrafo, que acabara de chegar a Santa Fé. Durante uma sessão ela afirma:

– Sou louca por cinematógrafo! – exclamou. – Eu já disse lá em casa: tirem-me tudo, o pão, a água, o oxigênio que respiro, as estrelas do firmamento, tudo, mas não me privem do folhetim do *Correio do Povo* nem do meu rico cinematógrafo. Não achas, Rodriguinho, que é um invento tão instrutivo? Que de maravilhosos espetáculos nos proporciona! E que privilégio podermos ver naquele rico paninho branco os melhores atores e atrizes do universo! Eu só imagino se meu pai ressuscitasse dentre os mortos e pudesse ver essas fotografias animadas. Ele já achava o daguerreótipo uma coisa mágica, imaginem! Ai! É como sempre estou dizendo, bendito seja o progresso! (O RETRATO II, p. 481)

A influência do folhetim na vida dessas personagens revela uma maneira de manter as duas em mundos distintos, da realidade e da ficção, não muito diferente do mundo dos homens que estão interessados nos noticiários políticos e científicos. Elas vivem na pequena Santa Fé e viajam para mundos distantes através da fantasia dos romances, habitam o mesmo espaço na cidade fictícia e mantêm um pé em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e nos países da Europa. Assim como os homens moldam suas idéias de consciência cívica a partir da leitura dos noticiários, elas passam a identificar nas pessoas que estão em sua volta os modelos tirados dos folhetins.⁴¹

A influência jornalística muda inclusive a linguagem das duas senhoras.⁴² D. Emerenciana, “por influência de suas leituras do *Correio do Povo* usava termos como *doidivanas, tresloucado e adrede*” (O RETRATO I, p. 137). Já D. Vanja, que tem circulação livre no Sobrado e por isso aparece um número maior de vezes no romance, age como se fosse uma das personagens saídas do folhetim:

Emerenciana, sentada na cama, especada entre travesseiros, a escutava de olhos semicerrados e uma expressão de felicidade no rosto [...]. Despediu-se delas, deixando-as a discutir as personagens do folhetim como se se tratasse de criaturas vivas que conhecessem na intimidade. Será que o conde ia casar com a Marie? E por que é que aquele sem-vergonha do Dr. Monet não volta para o lar? Anda bebendo pelas tavernas, enquanto a pobre da esposa fica em casa se esfalfando a costurar, a costurar, a costurar...”. O Retrato II. Op. cit., p. 378.

⁴¹ Sobre a leitura folhetinesca nos jornais da Província, Antonio Hohlfeldt destaca que “não há qualquer relação direta entre a ideologia do jornal e o folhetim publicado, de sorte que muitos dos folhetins divulgados num jornal liberal podem vir a ter espaço num jornal republicano”. Isso também acontece no romance pesquisado. In: *Deus escreve direito por linhas tortas*. Op. cit., p. 51.

⁴² D. Vanja e D. Emerenciana têm perfis diferentes de idade e sentimentos em relação às leitoras costumeiras dos folhetins, conforme escreveu Marlyse Meyer. Entretanto, para os efeitos que Erico Verissimo procurava imprimir na formação do caráter das personagens, isso pouco importa. “A mulher, ‘a gentil leitora’, é o destinatário ‘natural’ do romance. Repetiu-se no Brasil aquela ‘situação de leitura’ a que se refere Roger Chartier, largamente representada na pintura pré-romântica, que multiplicou ‘as cenas de leitura feminina’, sendo típica aquela que mostra uma mulher jovem recostada languidamente, livro aberto sobre o colo, olhos perdidos, envolvida pelos efeitos emocionais da leitura romanesca”. In: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. Op. cit., p. 379.

Era talvez a única pessoa em Santa Fé que usava palavras como alhures, algures e nenhures. Nunca pedia silêncio; sussurrava: Caluda! Quando queria estimular alguém, exclamava: Eia! Sus! – Caspitê! Era uma de suas interjeições prediletas. Para ela povo era sempre turbamulta; mãe, genitora; vaga-lume, pirilampo; cobra, ofídio. Tinha seus adjetivos, advérbios, substantivos e verbos arrumadinhos aos pares. Aspiração nunca se separava de lídima. Massa sempre andava junto com ignara. E podia haver uma coisa preparada que não fosse adrede? (O ARQUIPÉLAGO II, p. 306)

Nem na morte de D. Emerenciana, que por ironia do autor acontece durante uma sessão do cinematógrafo, a amiga D. Vanja consegue distinguir o real do ficcional. Para D. Vanja, mais importante que a morte da companheira é o fato de que ela não poderá acompanhar o final do folhetim publicado no *Correio*. As palavras de D. Vanja são recuperadas por Rodrigo Cambará durante uma conversa sobre fé e religião com o padre Astolfo.

– Vou lhe contar uma coisa padre, que lhe dará uma idéia de como sou preso aos prazeres deste mundo, por menores que sejam. Tia Vanja me disse lá no velório que foi uma pena D. Emerenciana morrer sem ter visto o final do folhetim do *Correio do Povo*. Acho que a velhinha não disse nenhuma tolice. Viver é bom por causa duma série de coisas grandes e pequenas entre as quais está também a de ler a *Toutinegra do Moinho*. A idéia da morte me é tão desagradável que nem a certeza de ganhar o Céu me faria encará-la com menos horror. (O RETRATO II, p. 491)

Em 1915 a família Cambará está aliada à campanha contra a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca ao Senado da República. Na noite do dia 14 de julho, em Porto Alegre, a Brigada Militar dissolve um comício dos estudantes que protestavam contra a candidatura. O resultado são cinco pessoas mortas e mais de trinta feridas. Em Santa Fé, Rodrigo recebe a notícia do confronto na Intendência e a novidade logo se alastra. Os personagens se encontram na praça e o narrador apresenta as diferentes reações contra o ato de violência. O personagem Saturnino, o estafeta, mostra em sua fala que acreditaria nos fatos e tiraria suas conclusões somente após ler a versão no jornal:

Na praça encontraram Chiru e Saturnino, que já sabiam da notícia. Ficaram a conversar, sentados sob a figueira grande. Chiru achava que ia rebentar uma revolução. Saturnino, com seu ar reservado e grave, dizia que preferia aguardar os jornais para ler os detalhes e formar um juízo definitivo com conhecimento de causa. Rodrigo pensava já em barricadas. (O RETRATO II, p. 551)

Enquanto leitor fervoroso dos jornais, Rodrigo pensa que quem não lê jornal não pode ter uma opinião formada sobre as coisas. Ele lança essa acusação contra o amigo Roque

Bandeira, o Tio Bicho, que é chamado de “bárbaro” pelo fato de preferir beber cerveja preta ao conhaque português em abundância no Sobrado. Para Rodrigo, o amigo nunca compreenderia a grandeza do movimento de 1930, desencadeado após o assassinato de João Pessoa, justamente por não ter o hábito da leitura.

– E que me dizes desse belo movimento que agita o país? És um céptico, não acreditas em nada e em ninguém. Pois eu te repito que ainda tenho fé no Brasil. O gigante adormecido finalmente acordou. O assassinato de João Pessoa galvanizou-o. O sacrifício do grande Presidente não foi em vão. Mas qual! Tu não lês jornais. (O ARQUIPÉLAGO, p. 639)

Além de ser o centro para onde convergem as tensões da narrativa no romance, Rodrigo sempre está numa posição superior aos demais em relação ao conhecimento adquirido através das publicações impressas. Essa condição ajuda a formar o caráter do personagem em todos os fragmentos do contexto histórico do romance a partir de 1910, quando ele retorna a Santa Fé formado em medicina e abre o jornal *A Farpa*. A sabedoria que adquiriu nos livros permite a Rodrigo interpretar melhor as notícias e agir como o mestre sempre disposto a tirar as dúvidas de seus pupilos. Por vezes, ele apresenta a versão jornalística como uma arma de convencimento sobre determinado assunto posto em argumentação. “Isso é invenção de jornal! – protestou Chiru”, descreve o narrador quando Rodrigo Cambará “esfregou-lhe na cara o jornal que acabara de chegar com a notícia duma tremenda derrota sofrida pelas tropas de Honório Lemes em Guaçuboi” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 457).

No Sobrado, ambiente onde acontece a maioria das ações envolvendo jornais ou a leitura de notícias, os componentes internos também acompanham a modernização dos ambientes e a sofisticação comum aos grandes fazendeiros. Mas isso tudo com esforço exclusivo de Rodrigo, que vai contra as posições conservadoras do pai Licurgo e do ceticismo da tia Maria Valéria. Rodrigo introduz no Sobrado o gramofone, encomenda comidas, bebidas e petiscos enlatados do exterior e cerca-se de amigos para longos serões. Assim como os saraus literários estão em alta no Rio de Janeiro, na fictícia Santa Fé as ceias entre amigos e familiares seguem essa característica de encontro festivo, para se falar das novidades do estrangeiro, de política e literatura. Jacques Leenhardt⁴³ vê o Sobrado como uma vitória simbólica da modernidade mercantil sobre a aristocracia latifundiária. Para ele, esse ambiente onde os índices de leitura estão bem acima do normal para a época mostra também que o

⁴³ Narrativa e história em *O Tempo e o Vento*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Erico Verissimo: o romance da história*. Op. cit. p. 34.

surgimento “de novos valores, tais quais a sedução e a variedade de registros concretizados nos dois andares representa uma aspiração de novo rico a desejos múltiplos” (PESAVENTO, 2001, p. 34).

Como um símbolo de tradição das famílias ricas e poderosas do interior, o Sobrado pode ser comparado às mansões senhoriais que existiam na Inglaterra nos Séculos XVIII e XIX e são descritas em narrativas de ficção inglesa, principalmente em Jane Austen (1775-1817). Reservando-se todas as particularidades culturais, arquitetônicas e geográficas, os conflitos sociais ligados aos personagens que circulam pelo Sobrado não diferem muito dos conflitos que afetaram as comunidades rurais inglesas e foram representados na literatura. Temas relacionados a reafirmações de posição social, aumento de renda e capital, garantia de propriedade e transformações no campo, que foram abordados por Austen em seus livros, entre eles *Razão e Sentimento*⁴⁴ e *Orgulho e Preconceito*,⁴⁵ também aparecem no painel histórico desenhado por Verissimo. O Sobrado está localizado no centro de uma pequena comunidade urbana, mesmo que provinciana, e os integrantes da família tiram proveito dessa localização. Dali eles podem acompanhar os acontecimentos da praça e o movimento dos poucos estabelecimentos comerciais. Naquele local estratégico eles estão fixados como parte integrante de um movimento sócio-econômico em direção ao capitalismo agrário e industrial, deixando para trás a economia rural tradicional, mas também são vítimas das crises da pecuária que afetam os produtores gaúchos no período do pós-guerra. A importância do casarão durante a saga da família Terra-Cambará é marcante ao ponto da construção assumir por vezes um papel de personagem. Sobre esse aspecto, Célia Ferraz de Souza⁴⁶ afirma que “não são os Terras que se preparam para as lutas, para as festas, para os encontros, mas o Sobrado”.

Antonio Candido⁴⁷ diz que os dois possíveis eixos da sensibilidade de Erico Verissimo, a obra e a própria visão ficcional, fazem uma espécie de jogo fecundo que representa “de um lado, o desejo de descrever a vida como ela é num instante único do tempo, multiplicada por todos que a vivem; de outro lado, representa o desejo de entender de que maneira os atos dos homens se engrenam com o que veio antes e o que virá depois, levando o observador a pensar nas seqüências longas, não nos momentos limitados”.

⁴⁴ AUSTEN, Jane. *Razão e Sentimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

⁴⁵ Idem. *Orgulho e preconceito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁴⁶ A Representação do Espaço na Obra de Erico Verissimo: *O Tempo e o Vento*. In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit. p. 257.

⁴⁷ Erico Verissimo de 1930 a 1970. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de Pauta Simples: Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005, p. 66.

Ao final desta leitura sobre os paradoxos que tornam eficaz esse corte transversal de um olhar para o futuro e o passado, o campo e a cidade, percebe-se que o escritor, ao utilizar os jornais como suporte nas descrições que representam todas essas questões, faz do romance um espelho da História que reflete um mundo enigmático e novo, cheio de temores e rancores. Um mundo atropelado pela era da informação, pela comunicação de massa, e que tem nos jornais um aliado para a disseminação de uma nova cultura política, social e econômica em curso. Um mundo fechado dentro de Santa Fé, com seus desdobramentos modernos orquestrados por Rodrigo Cambará e combatidos por outros personagens. Neste ambiente, os homens rudes e carrancudos ficam para trás porque não há como deter a veloz máquina do tempo, que aponta para um futuro aberto às novidades da ciência e da tecnologia.

1.3 PERSONAGENS-JORNALISTAS NA ENCRUZILHADA⁴⁸

São quatro os jornalistas representados em *O Tempo e o Vento* no período histórico que a pesquisa abrange. O conceito de jornalista neste caso vale para denominar o profissional encarregado de coletar as informações e transformá-las em notícias para um determinado grupo de leitores.⁴⁹ Os dois primeiros personagens que incorporam o jornalista – também chamado no romance de redator – são Manfredo Fraga, do jornal *O Arauto*, e Toríbio Rezende, de *O Democrata*. Eles fazem parte do enredo em *O Continente*, mais precisamente no ano de 1884 retratado no capítulo “Ismália Caré”. Manfredo Fraga escreve sob a fiscalização do coronel Bento Amaral os textos de cunho ideológico a favor dos interesses dos liberais (monarquistas). Já Toríbio Rezende introduz em Santa Fé as idéias republicanas e recebe o apoio de Licurgo Cambará para produzir o jornal da oposição, que segue a linha editorial de *A Federação*, o jornal oficial do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), implantado no dia 1º de janeiro daquele ano.

Diferente destes dois personagens, que têm uma participação datada na construção do romance, os outros dois – Rodrigo Cambará e Amintas Camacho – têm uma vida bem mais longa em *O Tempo e o Vento*. Rodrigo Cambará e Amintas Camacho também entram em cena, em 1910, para representar as forças políticas opostas através de jornais partidários. Contudo, se mantêm por mais tempo no controle da palavra escrita em Santa Fé. Enquanto o médico Rodrigo Cambará funda *A Farpa* e depois, em 1922, *O Libertador*, Amintas Camacho segue firme na redação de *A Voz da Serra*. Para Sandra Jatahy Pesavento (PESAVENTO, 2001, p. 93), é através “dos leitores privilegiados do social” que Erico Verissimo escreve a saga dos Terra-Cambará num momento de inflexão da História do país, “se não na prática das condições concretas da existência, pelo menos na percepção de seus contemporâneos”. Os leitores privilegiados, como aponta Sandra Jatahy, são os escritores, sejam eles “historiadores ou romancistas”. Pode-se acrescentar nessa relação, ainda, os jornalistas.

Veja-se, então, como o narrador descreve o jornalista Manfredo Fraga e o jornal *O Arauto* logo nas primeiras linhas de “Ismália Caré”:

⁴⁸ Na definição de Alberto Dines, jornalista é aquele que “vive enunciando, parabolizando, cronicando, individualizando, generalizando, definindo, montando tendências, compondo perspectivas, rejuntando o passado. [...] O jornalista é um ser em permanente estado de exposição”. In: DINES, Alberto. *O Papel do Jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1996, p. 122.

⁴⁹ “Sob a definição profissional de jornalista pode-se fazer uma lista muito grande das profissões individuais, que variam de um país para outro quanto ao tipo de trabalho realizado – por exemplo: repórter, sub-redator, mediador, fotógrafo jornalístico, editor etc.”. KUNCZIK, Michel. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul*; 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 17.

A redação e as oficinas de *O Arauto* ficavam numa meia-água quase em ruínas, apertada entre o Paço Municipal e o casarão dos Amarais. Toda a gente em Santa Fé sabia que o jornal dirigido por Manfredo Fraga se mantinha graças ao apoio financeiro que lhe dava o Cel. Bento, o qual da janela lateral de sua residência costumava berrar sugestões para os artigos de fundo: “Ataque esses republicanos duma figa. Diga que são uma corja de traidores!” Ou então: “Responda ao artigo de Júlio de Castilhos e conte que *A Federação* é financiada pela Maçonaria”. Ou ainda: “Ameace que vamos contar donde saiu o dinheiro pra construir o sobrado dum certo republicano de Santa Fé. Dê a entender que vamos desenterrar cadáveres, e que muita roupa suja vai ser levada em praça pública!” (O CONTINENTE II, p. 559)⁵⁰

Manfredo Fraga representa na trama o papel do redator humilhado pelas condições de trabalho. Submisso aos mandos do chefe político liberal de Santa Fé, o redator e diretor de *O Arauto* apenas faz aquilo que sabe fazer, escrever artigos. O narrador não esclarece as origens de Manfredo Fraga, apenas que era “meio surdo” e era tratado por “salafatório” pelo coronel. Apesar do autor não deixar claro, o motivo que leva o redator a aceitar o trabalho propagandista parece muito mais ligado a uma questão de sobrevivência financeira do que simples simpatia com as idéias liberais. Quando recebia uma ordem, escutava “num silêncio servil e depois ia sentar-se à mesa de trabalho, molhava a pena na tinta e com caligrafia caprichada traçava o artigo de fundo, de acordo com as instruções do Chefe. Nunca publicava nada em seu jornal sem primeiro pedir a aprovação do Cel. Bento”. Na fria manhã do dia 23 de junho de 1884 Manfredo Fraga escreve aquele que ele considera o seu principal artigo desde que assumira a diretoria do semanário. Trata-se da elevação de Santa Fé à categoria de cidade e dos festejos programados para comemorar o grande feito. Para espantar o frio, o redator tem a seus pés uma garrafa de cachaça, da qual vez ou outra toma largos sorvos para em seguida limpar os beiços com a manga do casaco e continuar a escrita.

[...] Manfredo Fraga terminava de revisar o editorial que devia aparecer no número do dia seguinte. Sentado junto da escrivaninha, metido num largo poncho cor de chumbo, do qual sobressaía seu pescoço descarnado e cheio de pregas, a sustentar precariamente a cabeça oval, de rosto rosado e glabro, o diretor de *O Arauto* parecia uma enorme tartaruga. Acariciando o lóbulo da orelha direita com a ponta da caneta, os óculos acavalados no nariz adunco, os lábios a se moverem silenciosamente. (p. 559)

Nas poucas vezes em que Manfredo Fraga aparece na trama, o narrador reforça as características que deixam transparecer um personagem ridículo, muito mais que apenas subserviente. Apesar da posição humilhante de dirigir um jornal financiado, ele toma partido

⁵⁰ Para melhor fluência do texto, as próximas citações, correspondentes ao ano de 1884 na história narrada, serão indicadas apenas pelo número da página.

na briga política local e coloca todo o seu talento a serviço dos liberais. “Ali estava um artigo de arromba – concluiu o diretor de *O Arauto*, esfregando as mãos. Ficou imaginando a cara com que ia ficar Licurgo Cambará quando lesse aquele editorial no dia seguinte” (p. 562). No dia em que o jornal é publicado, os Amaral e os Cambará assistem a uma missa rezada pelo padre Atílio Romano. Do banco reservado à família, onde está posicionado, Licurgo olha para a direita e vê “o Fraga sentado junto dum dos Amarais, de beiçola caída, boca semi-aberta, calva reluzente, ar palerma, os óculos acavalados no nariz lustroso e vermelho de cachaceiro”(p. 581). Quando o padre critica os ataques pessoais publicados em *O Arauto* e vangloria, durante o sermão, a vitória dos Farrapos na Revolução Farroupilha, o coronel Bento Amaral protesta e deixa a igreja seguido dos outros familiares que acompanhavam a celebração religiosa. “Manfredo Fraga seguiu-os como um cão fiel” (p. 583), completa o narrador.

O jornalista responsável por confrontar a propaganda liberal de *O Arauto* é o advogado baiano Toríbio Rezende. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, ele se estabelece em Santa Fé em princípios de 1881, levando na bagagem as idéias republicanas das quais era um ardoroso propagandista. Ao demonstrar coragem e altivez ante as ameaças dos Amaral, Rezende ganha a confiança e a amizade de Licurgo Cambará. Dessa amizade nasce *O Democrata*, jornal no qual o advogado defende a abolição e a implantação da república, e o Clube Republicano, que surge em 1883 e chega ao ano seguinte com quase sessenta sócios.

Toríbio Rezende tem uma participação importante nesse fragmento histórico do romance construído por Erico Verissimo. Afinal, sob sua influência a família Cambará retoma uma atitude política mais ativa, postura que estava acalmada desde a Revolução Farroupilha. Contagiado pelas idéias do baiano, Licurgo liberta os seus escravos no mesmo dia em que os liberais comemoram a emancipação de Santa Fé. Por esta época um jovem defensor dos ideais republicanos, chamado Júlio de Castilhos, publicava artigos pró-república no jornal *A Federação* e a sua figura por vezes se confunde, no romance, com a de Toríbio Rezende:

Como Toríbio falava bem, com que eloquência, com que facilidade! Na mente de Licurgo a imagem do amigo desapareceu para dar lugar à de Júlio de Castilhos, cuja mão ele apertara comovidamente por ocasião do último congresso republicano de Porto Alegre. Era incrível que aquele moço retraído e de poucas palavras estivesse abalando o trono com seus artigos políticos, escritos e publicados na Província! (p. 571)

Diferente do que acontece com Manfredo Fraga, os atos de Toríbio Rezende não são desqualificados moralmente. O advogado paulista não apresenta traços de submissão,

mas, ao contrário, mostra-se seguro de suas idéias e assume no Sobrado o papel de orador e propagandista da República que se avizinha. Apesar de ser recebido cordialmente como um integrante da família, o redator de *O Democrata* não fica livre da desconfiança por tratar-se de um estrangeiro e por tomar liberdades gestuais pouco comuns no entendimento da gente do campo. No olhar de Bibiana Cambará, Toríbio Rezende “é um serelepe, parece que tem bicho-carpinteiro no corpo” (p. 585). Sentada à cabeceira da mesa, na sala de jantar, ela contempla o Dr. Toríbio Rezende, que “dava pulinhos na frente de Licurgo, atirava os braços para o ar e movia a cabeça para a direita e para a esquerda – hein? hein? – com movimentos vivos de pássaro” (p. 585). A agitação e o ímpeto do personagem em confrontar os liberais, pelas idéias ou pelas armas, encontra a simpatia dos Cambará, sempre preocupados em manter a postura de valentia e hombridade. Entretanto, seu comportamento por demais alegre gera reservas nos mais velhos:

Toríbio exclamou:

– Pois que venham os capangas dos Amarais! Havemos de recebê-los à bala. E quando a munição acabar, brigaremos com batatas, laranjas, mandiocas, pratos, garfos, panelas. – E à enumeração de cada uma dessas coisas, movia vigorosamente os braços, como se estivesse atirando pedras contra inimigos invisíveis. Agitava a cabeleira negra, longa e ondulada, que o tornava tão parecido com Castro Alves.

De repente cessou de falar, mas continuou a produzir ruído: uma risada de garganta, trepidante e prolongada, que lembrou a Bibiana a matraca da igreja em Sexta-Feira Santa. [...] O Dr. Rezende aproximou-se da velha, tomou-lhe da cabeça com ambas as mãos, e deu-lhe um sonoro beijo na testa. A fisionomia de Bibiana permaneceu impassível. Não gostava muito daquelas liberdades, principalmente quando vinham dum estranho. Nunca fora ‘mulher de beijos’. (p. 585)

A amizade que leva Licurgo Cambará e Toríbio Rezende para o mesmo lado na campanha abolicionista e republicana não anula na trama o sentimento comum do homem do campo em relação ao que vem do “estrangeiro”. O conservadorismo de Licurgo com tudo que desvirtua os códigos morais e sociais intrínsecos ao estilo de vida do gaúcho também se manifesta contra Rezende. Um homem de posses na Serra, Licurgo Cambará vive e sustenta a família com o trabalho dos peões e escravos da estância. Entretanto, Licurgo não tem a habilidade da palavra e da escrita. Ele não sabe agradar e elogiar os outros, por isso a habilidade do baiano é vista com certa desconfiança:

Considerava Toríbio Rezende o seu melhor amigo, mas havia no rapaz traços e hábitos com os quais ainda não se acostumara. O baiano era demasiadamente derramado de palavras e gestos, e tinha o hábito constrangedor de chamar-lhe ‘meu querido’, coisa que causava a Curgo um certo desagrado, pois achava esse tratamento demasiadamente efeminado. (p. 577)

Por outro lado, Toríbio Rezende também faz a sua leitura do arquétipo de Licurgo Camará, confirmando o enquadramento do estancieiro no grupo dos personagens avessos a ostentações e às artes em geral:

Parecia ser um traço dos Terras detestar tudo quanto fosse ostentação e atitude teatral. Não gostavam de pessoas ‘semostradeiras’: eram homens secos, prosaicos e reservados, que viviam por assim dizer em surdina, procurando não chamar sobre si mesmos a atenção dos demais. Licurgo até que não era dos piores. Florêncio, esse sim, levava aquelas manias ao extremo. (p. 607)

A ação de Toríbio Rezende em *O Tempo e o Vento*, apesar de consumir mais de 100 páginas do romance, acontece em um único dia. O personagem assume a narrativa para proferir longos discursos a favor da república, apresentar Júlio de Castilhos e as idéias positivistas aos santa-fezenses e até recitar trechos do poema *O Navio Negreiro*, de Castro Alves. Rezende tem plena consciência da força que um jornal pode ter como instrumento formador de opinião. Empolgado com a possibilidade de convencer os outros a aderirem a essas novas idéias em curso, o baiano classifica a escrita de “pena mágica”. Como contraponto no debate, Erico Verissimo introduz no enredo o Dr. Winter, médico descendente de alemães que se mostra totalmente pessimista em relação aos sonhos republicanos. O fragmento a seguir exemplifica esse confronto de idéias:

– E quem vai derrubar a monarquia – declarou Rezende com voz empostada – é aquele moço austero que nasceu na estância da reserva, e que escreve artigos em *A Federação*. A república, tome nota das minhas palavras, Dr. Winter, vai cair aos golpes duma pena e não duma espada.

O médico sacudiu a cabeça, céptico.

– Neste país nunca se fará nada sem a interferência direta ou indireta da espada. Só virá a república se o Exército quiser. [...]

– Quando chegar a oportunidade – disse Toríbio, remexendo-se na cadeira – o Castilhos saberá atirar habilmente, o Exército contra a monarquia. Não há nada que aquela pena mágica não possa fazer.

– É um homem inteligente, não há dúvida... – murmurou o Dr. Winter com ar benevolente.

– Um homem inteligente? Só isso, meu caro doutor, apenas isso? Hein? Hein? – E Rezende voltava a cabeça dum lado para outro. – Hein? Júlio de Castilhos é o maior escritor político do Brasil! (p. 591)

Na sua defesa pelo fim da monarquia, o jornalista Toríbio Rezende se posiciona contra a violência. Para ele, a revolução não se daria através das armas, mas sim das idéias. E essa maneira de pensar é associada pelo personagem às mudanças comportamentais relacionadas ao desenvolvimento e ao progresso. “Estamos no século do progresso, do

caminho de ferro, do vapor, do telégrafo elétrico, da fotografia...hein? hein? A era da barbárie já passou” (p. 592). O pensamento de Rezende será novamente contestado pelo Dr. Winter, que sustenta uma visão menos romântica das afirmações políticas e do comportamento humano, visão que vai ao encontro dos fatos que acontecem dez anos mais tarde na Revolução Federalista. “– Não se iluda, meu jovem amigo. Os homens inventaram algumas engenhocas úteis, não há dúvida, mas no que diz respeito a sentimentos não estão em muito melhor situação que seus antepassados das cavernas. Suas reações animais são basicamente as mesmas” (p. 592).

O deslocamento da voz narrativa para um “leitor da sociedade” repete em *O Tempo e o Vento* o que Eliana Pibernat Antonini⁵¹ apontou existir em *Incidente em Antares*,⁵² outro romance de Erico Verissimo em que o jornalismo e os jornalistas são representados na composição da trama. O mediador em *Incidente em Antares* é Lucas Faia, redator do jornal *A Verdade*, que empresta sua fala para expor idéias do autor de forma indireta na construção do romance. Esse recurso que também se apóia em Toríbio Rezende obedece, segundo Eliana Pibernat Antonini, a um “critério de composição, até de criação, que privilegia as sensações, os sentimentos do autor, o que considera o seu papel ético sobre os fundamentos estéticos”. Deonísio da Silva⁵³ complementa essa idéia quando escreve que em *A Verdade*, porém, Lucas Faia não consegue publicar uma só linha de sua reportagem sobre o “incidente”. “Lida em voz alta aos próceres locais, é vetada no primeiro ato do que chamaram Operação Borracha, metáfora da censura que asfixiava o país ao tempo do incidente”.

São as idéias de Rezende e não o conteúdo de *O Democrata* que são explorados pelo autor em *O Continente*. Nenhum artigo do jornal criado para divulgar a ideologia republicana é reproduzido no romance. A única referência que o advogado faz ao periódico acontece logo após o almoço, horas antes da festa programada para comemorar a libertação dos mais de 30 escravos. Rezende diz que pretende escrever o texto, que deve ser publicado no dia seguinte, antes mesmo de o fato acontecer e faz um comentário sobre a “modernidade” do jornalismo à época:

– Preciso voltar à redação. Estou preparando um número especial de *O Democrata* para amanhã. Os monarquistas vão ficar com a canela ardendo de inveja. Já comecei a escrever a notícia da nossa festa.

⁵¹ ANTONINI, Eliana Pibernat. *Incidentes narrativos: Antares e a cultura de massa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 108.

⁵² VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 49ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

⁵³ SILVA, Deonísio da. *O jornalista em Incidente em Antares*. Seminário Erico Verissimo: 100 anos. Porto Alegre, set. 2005.

- A festa de hoje à noite? – estranhou Bibiana.
- E que tem isso? Não é difícil imaginar o que vai acontecer. Não se esqueça de que estamos em 1884. O jornalismo moderno difere do antigo principalmente na presteza com que dá as notícias. (p. 601)

Já Bibiana, que sempre demonstra ceticismo em relação ao jornal e àquelas idéias de uma república que ela não consegue imaginar como seria, mostra numa passagem que também aprecia a leitura do periódico.

- Por alguns segundos teve uma sensação estonteante de vazio na cabeça. De repente, lembrou-se.
- Lindóia! – gritou. E quando a negra apareceu, ela pediu:
- O jornal.
- A escrava trouxe-lhe o último número de *O Democrata*, que Bibiana pôs debaixo do braço, e depois, em passos lentos, dirigiu-se para a escada e começou a subir devagarinho [...]. (p. 606)

A apresentação através da imprensa do pensamento republicano e das idéias abolicionistas que estavam em pauta no último decênio do regime monarquista serve de pano de fundo para os tomos seguintes de *O Tempo e o Vento*. As palavras didáticas de Toríblio Rezende, o conteúdo dos jornais e a reprodução de trechos dos artigos de Júlio de Castilhos funcionam como uma antecipação, ou explicação, dos fatos que vêm a seguir, na Revolução Federalista. Talvez por isso Erico Verissimo não tenha considerado importante repetir a estratégia do uso da fonte jornalística nos episódios de “O Sobrado”. Nessa altura da narrativa a luta armada entre maragatos e pica-paus já está em marcha e não há mais lugar para o debate de idéias. Isso justifica em parte o gesto de Fandango, que queima os exemplares dos jornais para alimentar o fogo. Seguindo o enalço dos jornalistas no rastro da história construída por Erico Verissimo, chega-se a 1910 e ao jovem Rodrigo Cambará, personagem que centraliza as ações em *O Retrato*.

Rodrigo Cambará retorna a Santa Fé formado em medicina e contagiado pelas tendências modernas que viveu em Porto Alegre e pelas leituras de livros e revistas estrangeiras. Moderno, refinado, admirador de ópera e do bom vinho, ele entusiasma-se com o que poderá fazer pelo progresso da cidade. Em plena *Belle Époque*, Rodrigo está cheio de idéias humanitárias e pensa em proporcionar a si mesmo e à família uma vida menos áspera e mais propícia ao desenvolvimento cultural. Maria da Glória Bordini⁵⁴ lembra que “para estranheza da gente local, Rodrigo enche o Sobrado de novidades e confortos europeus, abre

⁵⁴ Um burguês na coxilha: o paradoxo de *O Retrato*. In: *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Op. cit., p. 111.

um consultório para os menos favorecidos, mas logo se insurge contra os poderosos do lugar e, desafiando-os, participa da campanha pró-Rui Barbosa, candidato à Presidência da República”.

Passado o tempo de guerra, a família Cambará não está mais do lado dos republicanos. Depois da morte de Júlio de Castilhos, Licurgo afasta-se do partido por não concordar com a orientação do Dr. Borges de Medeiros “no que dizia respeito à política dos municípios” (O RETRATO I, p. 73).⁵⁵ Logo após sua chegada na cidade Rodrigo recebe a visita de Amintas Camacho, secretário do município e redator do semanário *A Voz da Serra*. O objetivo da visita é sondar sobre a inclinação política de Rodrigo Cambará em relação aos candidatos à presidência da República. Na descrição de Rodrigo, tratava-se “dum rábula, natural de Porto Alegre, e fazia apenas oito meses que chegara a Santa Fé, onde tinha banca de advocacia e era redator” (p. 82). A partir deste encontro os destinos de Rodrigo e Amintas Camacha se cruzam diversas vezes até 1930, sempre enroscados em desavenças políticas cujas armas de persuasão serão os artigos de jornais. Para pôr em prática os seus projetos de progresso para Santa Fé, Rodrigo precisa primeiro medir forças com os representantes do poder constituído, grupo em que se inclui o diretor de *A Voz da Serra*. Então ele sugere ao pai a fundação do jornal *A Farpa*, com o qual é feita a campanha de oposição ao nome do Marechal Hermes da Fonseca.

Jacques Leenhardt⁵⁶ insere Rodrigo e *A Farpa* num momento em que a epopéia de *O Tempo e o Vento* mostra uma sociedade urbana em formação, marcada pelo declínio das ações guerreiras e, paralelamente, pela ascensão da opinião pública. Para Leenhardt, Rodrigo será “um chefe de imprensa em busca de difusão para as novas idéias”, que são divulgadas no Brasil sob a influência dos positivistas, e o jornal fundado por ele vai “contribuir para a formação de um espaço público de discussão”.⁵⁷ Ainda segundo Leenhardt, Erico Verissimo evita construir um ‘romance de tese’ quando retrata esse momento de elaboração da opinião pública através de uma “pena jornalística”.⁵⁸ Antes mesmo de sair o primeiro número do jornal, Rodrigo já imagina o conteúdo dos artigos que serão publicados. Além de desmascarar e humilhar os que detêm o poder político local, o médico-redator quer escrever um artigo para “arrasar com a *Compagnie Auxiliare*” (p. 209), responsabilizada por ele pelos danos em um de seus discos de ópera que haviam sido transportados de Porto Alegre pela ferrovia.

⁵⁵ As próximas citações de *O Retrato I* serão indicadas apenas pelo número da página referente.

⁵⁶ O retrato de Rodrigo Cambará. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy, et al. *Erico Verissimo: o romance da História*. Op. cit., p. 123.

⁵⁷ Idem, p. 124.

⁵⁸ Idem, p. 125.

Entretanto, a linha editorial do jornal se concentra nos ataques políticos desde o primeiro número, que sai em meados de fevereiro. Para trabalhar no periódico, Rodrigo conta com os serviços do amigo Don Pepe Vargas, um pintor espanhol com idéias anarquistas que desempenha a função de tipógrafo mesmo sendo contrário ao conteúdo do panfleto. No primeiro artigo, intitulado “Perfil de um tirano”, Rodrigo Cambará deixa claro que o objetivo do jornal será o ataque pessoal. O pai Licurgo, que teme que o jornal oposicionista possa devolver os ataques e tornar público o seu envolvimento com Ismália Caré, se posiciona contra a publicação do editorial. “Quem está com boa causa não precisa ofender ninguém. O seu jornal deve ser um jornal de princípios e não de ataques pessoais. Não provoque os outros sem necessidade”, argumenta Licurgo (p. 220).

Apesar das recomendações e da tentativa frustrada de alterar o texto para um tom mais cordial, Rodrigo acaba publicando o editorial conforme o teor original. Para completar as páginas, ele inclui um editorial de apresentação e transcrições de trechos do livro *Canções Sem Metro*, de Raul Pompéia; um poema de Guerra Junqueiro sobre História; uma pequena fábula de Coelho Neto; versículos de *Assim Falava Zaratustra*; um artigo doutrinário intitulado *O Verdadeiro Conceito de Democracia* e uma página humorística em que, sob o pseudônimo de *Fra Diavolo*, ridiculariza o jornalista Amintas Camacho e o delegado de polícia. Para avaliar melhor a postura do jornalista, faz-se necessário reproduzir alguns dos textos escritos para “receber” o marechal Hermes, que estava em campanha em Porto Alegre e deveria passar por Santa Fé:

Surge *A Farpa* à luz da publicidade num dos momentos mais dramáticos da história da nacionalidade brasileira. Diremos sem eufemismos ou meias palavras que este hebdomadário se propõe, antes de mais nada, ser a livre tribuna dos oprimidos contra os opressores, da justiça contra o arbítrio, do direito contra a força, da fraternidade contra o banditismo. Isto vale dizer que *A Farpa* é um jornal de oposição, uma bandarilha colorida e aguçada a espicaçar constantemente os flancos do touro cruel e brutal do situacionismo! [...]

Santa Fé, onde há tantos anos a liberdade tem sido amordaçada, o direito espezinhado e a justiça broncamente substituída pelo mandonismo, terá neste semanário político e literário uma voz corajosa, clara e candente, a clamar pelos direitos dos espoliados e pelas reivindicações dos desprotegidos da sorte. Fiel aos princípios do mais puro republicanismo, *A Farpa* pugnará na presente campanha presidencial pela candidatura civilista, recomendando o grande, o imenso, o imortal Rui Barbosa, o gênio da raça, ao eleitorado livre de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil! (p. 219)

Incentivado pelo tipógrafo, que considerara o editorial “muy débil” e pedira “más pasión, más sangre”, Rodrigo escreve um segundo artigo especial reservado para os ataques

ao intendente Trindade. Reproduzindo o gesto do jornalista Manfredo Fraga, que escrevia em *O Arauto* embalado por goles de cachaça, Rodrigo também busca na garrafa – mas desta vez a bebida é conhaque importado – um fortificante para as idéias que vão para o papel. Rodrigo começa o primeiro ataque lançando dúvidas sobre a verdadeira origem do intendente, para depois enumerar os crimes, as crueldades e os desmandos.⁵⁹ Terminando assim:

E hoje aí está ele, o malacara cínico, empoleirado na cadeira de intendente, como reizinho num trono, César da paródia, Napoleão de opereta. Pensará o sátrapa que se sumiram da face da terra os homens de coragem, inteligência e dignidade? (p. 220)

Os primeiros quinhentos exemplares de *A Farpa* conferem a Rodrigo a privilegiada condição de ser o principal articulador de uma “rebelião” dos santa-fezenses contra o governo comandado pelos republicanos há quase duas décadas. O jovem médico, pertencente a uma nova geração de uma mesma ordem social, não recua no seu intento e, quando preciso, usa da força bruta para fazer com que a palavra escrita chegue às mãos dos leitores, como quando saca o revólver para obrigar o tipógrafo “mulato” a ajudar Don Pepe na preparação do jornal (p. 223). Ligia Chiappini⁶⁰ afirma que o protagonista criado por Erico Verissimo “parece inspirar-se em Fernando Abbot, médico que, em 1910, funda o jornal *O Democrata* e tenta enfrentar Borges de Medeiros na eleição estadual”. Não se faz necessário neste caso procurar comprovar a hipótese de Ligia Chiappini, embora seja sabido que o escritor também se inspirou em pessoas reais para compor os traços físicos e psicológicos de personagens de seus romances. Interessa, sim, reforçar a forma consciente com que o autor optou pela figura do jornalista enquanto intelectual⁶¹ para expressar sentimentos coletivos de

⁵⁹ Como será apontado no próximo capítulo, as ofensas e ataques pessoais eram uma prática comum nos jornais da época. Um exemplo conhecido é o necrológico de Gumercindo Saraiva, publicado no jornal *A Federação*. O artigo não tem assinatura, mas os historiadores afirmam que fora escrito por Júlio de Castilhos, mesmo este não estando mais à frente do jornal. “Pesada como os Andes, te seja a terra que o teu cadáver maldito profanou [...]. Caiam sobre essa cova asquerosa todas as mágoas concentradas das mães que sacrificaste, das esposas que ofendeste, das virgens que poluíste, besta-fera do sul, carrasco do Rio Grande”. FREITAS, Décio apud HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *Júlio de Castilhos em combate aos sofismas liberais*. VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação – Alaic. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 19 a 21 de jul, 2006.

⁶⁰ Campo e cidade no Retrato. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Erico Verissimo: o romance da história*. Op. cit., p. 108.

⁶¹ Esse tipo de intelectual representado pela figura de Rodrigo Cambará encaixa -se perfeitamente na definição de Sandra Jatahy Pesavento, quando diz que: “Os intelectuais vinculados a um bloco histórico dado constituem um grupo social que teoriza, torna coerente e difunde as idéias e os valores da classe dominante junto à massa da população”. In: *Historiografia e ideologia*. DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. RS: *Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 62.

uma cidade fictícia que imita as transformações pelas quais passava o Rio Grande do Sul.⁶² Na noite daquele mesmo dia, quando deita e apaga a luz para dormir, Rodrigo fica a recordar os acontecimentos das últimas horas e justifica seus atos invocando Voltaire e comparando o intendente a uma jararaca:

Il faut cultiver notre jardin. Oui, M. Voltaire, mas que devo fazer se uma cobra venenosa entra no meu jardim? Segurar a jararaca candidamente, mon cher Candide, e beijar-lhe a boca? Não. Écraser l'infâme, isso sim, pau na cabeça dela. O Titi Trindade é a jararaca do meu jardim. E, no fim de contas, prezados leitores d'A Farpa, é necessário que os bons sejam também fortes e tenham coragem de ser violentos e até cruéis quando essa violência e essa crueldade forem necessárias para o bem-estar da comunidade! (O RETRATO I, p. 228)

A resposta de Trindade vem em seguida nas páginas de *A Voz da Serra*. O conteúdo do texto intitulado “Sepulcro Caiado” segue o mesmo vocabulário ofensivo do artigo escrito por Rodrigo em *A Farpa*. A guerra de palavras está declarada entre o Sobrado e a Intendência.

De onde partem as pedradas traiçoeiras que pretendem atingir o honrado governo deste município? De alguma casa que não tem telhado de vidro? Não. Elas partem duma casa vulnerabilíssima, do Sobrado dos Cambarás, sepulcro caiado, mansão do vício, da iniquidade, da desídia e da podridão; duma casa que, para usarmos a imagem do grande Guerra Junqueiro, é sinistra e suja como o lençol das velhas prostitutas; duma casa cujo chefe, em vez de dar-se o respeito que se exige de todo o cidadão digno desse título, afronta nossa sociedade vivendo amancebado com uma mulher por ele teúda e manteúda, a quem instalou numa casa à Rua dos Farrapos, como é de todos sabido e notório. É lá que ele passa muitas de suas noites em orgias inconfessáveis. [...]

E agora que já demos ao pai o que ele merecia, vamos ao filho. Não gastaremos muita cera com tão ruim defunto. Que importância pode ter o Dr. Rodrigo Cambará (ai, doutor da mula ruça!) esse mocinho pelintra e seus dotes físicos? Ai, Rodriguinho! Onde foi que compraste tuas botinhas de cano de camurça? E as tuas águas-de-cheiro? Quem confeccionou essas roupinhas que te fazem o ‘dandy’ mais completo de Santa Fé? Teria sido o Salomão Padilha, teu amiguinho particular? Dizem que trouxeste de Porto Alegre muitos caixões com bugigangas, e que entre estas veio um gramofone, com chapas de Caruso. Será que o grande tenor canta a famosa canção intitulada ‘Ismália Caré’? [...] Ouvimos também dizer que o ‘dandy’ trouxe muitos vinhos e conservas estrangeiras. Decerto tudo isso é para as orgias do Sobrado, em que tomam parte ele, o pai, o irmão e outros cafajestes que infestam a nossa cidade. (p. 245)

⁶² Segundo Flávio Loureiro Chaves, “a descendência da família Terra/Cambará em várias gerações coincide com a fundação da cidade de Santa Fé; esta, por sua vez, traduz uma síntese do Rio Grande do Sul, passando daí o retrato da sociedade brasileira. Dimensiona-se assim, nesta escala de ampliação, o corte transversal proposto pelo narrador”. O narrador como testemunha da História. In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit. p. 70.

Indignado com o ataque que ele não esperava, Rodrigo responde na tréplica tomando o mesmo cuidado na escolha das palavras no artigo intitulado “Carta aberta a um crápula”. É em meio a este ambiente de tensão, prestes a estourar em mais uma luta armada, que Rodrigo recebe os conselhos do amigo Cel. Jairo Bittencourt. O militar tenta impedir que Rodrigo continue publicando os artigos e argumenta que o médico tem o sentimento da justiça social, mas que lhe falta uma “base ideológica sólida” (p. 252). Bittencourt defende que a melhor orientação doutrinária está no positivismo e entrega a Rodrigo um volume do livro *Système de Politique Positive*, de Augusto Comte. Indiferente aos ideais positivistas, Rodrigo apanha o exemplar meio a contragosto, sem imaginar que poucos anos mais tarde será um deputado republicano defensor dessas mesmas idéias propagadas pelo militar.

Entretanto, o seu ímpeto pela causa federalista arrefece logo após o fim das eleições e a confirmação da derrota do civilista Rui Barbosa. Rodrigo, que já havia amenizado o tom dos ataques e decidido saudar “democraticamente” a chegada de Hermes da Fonseca a Santa Fé, esquece *A Farpa* e, como consolo, pensa consigo mesmo que não trocaria o seu prestígio de médico pela posição do Trindade ou “de qualquer deputado estadual ou federal” (p. 323). No consultório, passa a atender gratuitamente os pobres doentes da Sibéria e do Purgatório, os bairros mais miseráveis da periferia. Além de médico, assume na comunidade uma função de conselheiro, fornecendo soluções para problemas de natureza íntima, “em geral questões de família, dificuldades financeiras ou desavenças entre marido e mulher” (p. 381). O voluntariado social do personagem faz com que até o jornal *A Voz da Serra* passe a publicar editoriais que insinuam elogios ao médico, uma forma de reaproximação da ala republicana com a família Cambará.

Diferente de Rodrigo, a atividade de Amintas Camacho enquanto jornalista é mais fértil e útil para a sociedade santa-fezense. No jornal ele publica notícias de fatos que são manchetes no mundo e de relatos pertinentes ao interesse local, como a descrição dos carnavais e o avanço da peste bubônica na cidade. Identificado pelo narrador como “cronista social”, Camacho descreve os *réveillons* de 31 de dezembro usando todos os anos a mesma chapa, com a qual imprime a crônica que invariavelmente começava assim: “Nos seus salões iluminados feericamente reuniu-se o que nossa cidade tem de mais fino e representativo” (p. 130). Também costumava falar nas “deslumbrantes e custosas jóias” das damas que abrilhantavam o *réveillon* do Comercial. Segundo o narrador, isso era “pura flor de retórica, porque as mulheres pobres do lugar não tinham dinheiro para comprar jóias e as ricas – com raríssimas e clamorosas exceções – apresentavam-se desataviadas delas, visto como eram educadas espartanamente” (p. 131).

Nas reuniões do Sobrado e nas conversas com amigos Rodrigo se apresenta como o mediador dos acontecimentos que chegam na forma de notícia jornalística ao mundo dos personagens de Santa Fé. Como vimos no subcapítulo anterior, que trata das relações entre jornais e personagens, Rodrigo Cambará assume o papel de intelectual interessado em receber e propagar as informações que chegam pelos jornais sobre eventos como o cometa Halley, as peças de teatro em cartaz na Capital e as últimas invenções tecnológicas. Para interagir com essas informações, Erico Verissimo cria outros personagens que vivem à volta de Rodrigo e sempre reagem de alguma forma às notícias. O período que afirma Rodrigo Cambará como um aristocrata burguês influente em sua comunidade se completa com a visita do senador Pinheiro Machado, que estava a caminho de São Luis e decidira fazer uma breve visita a Santa Fé. O motivo da presença do senador no Sobrado é convencer Rodrigo a voltar a defender a bandeira do Partido Republicano. O político começa o diálogo fazendo elogios ao médico-jornalista.

- O senhor, Dr. Rodrigo, um moço inteligente e de futuro, que é que está fazendo fora do partido?
- Senador, devo dizer-lhe com toda a sinceridade que nas últimas eleições não só permaneci fora do partido como também...
- Pinheiro Machado cortou-lhe a frase com um gesto.
- Eu sei, eu sei...Estou a par de todas as suas atividades. Vi o seu jornal, li os seus artigos. (O RETRATO II, p. 372)

Inibido e com um sentimento de culpa na consciência, Rodrigo encara as palavras do senador como uma repreensão paternal. Por fim, pergunta ao senador o que ele propõe:

- Que cessem duma vez por todas esses ataques mútuos, que não dispersem forças, que não percam tempo com essas tricas municipais. Já bastam os inimigos que o Rio Grande tem fora daqui!
- Mas voltar atrás agora seria uma desmoralização...
- Quanto tempo faz que seu jornal não aparece?
- Uns meses...
- Pois então? Ninguém obriga o senhor a continuar. Fique quieto por uns tempos. O Trindade me garantiu que *A Voz* já cessou por completo os ataques. É ou não é verdade? (O RETRATO II, p. 372)

Casado, aristocrata influente, dono de um hospital e da Farmácia Popular, mais experiente e novamente ao lado do Partido Republicano Rio-Grandense. É assim que Rodrigo Cambará se encontra no capítulo “A Sombra do Anjo”, no segundo tomo de *O Retrato*, quando a narrativa avança para os anos de 1914 e 1915. O mundo acompanha com apreensão o estourar da Primeira Guerra e pelo personagem-jornalista o autor apresenta o impacto do

acontecimento no pensamento dos outros personagens. No entanto, Rodrigo Cambará não tem nenhum jornal à mão para executar essa “tarefa”. Ele faz isso reproduzindo os artigos publicados nos jornais, às vezes inclusive assumindo o papel de narrador. Pelo editorial do *Correio do Povo*, cujo título era “1914-1915”, Rodrigo lê na edição do dia três de janeiro um resumo dos principais fatos que marcaram o ano anterior (O RETRATO II, p. 438). Refletindo sobre o que lia, o personagem volta alguns meses no tempo para recordar da eclosão da guerra, em julho do ano anterior. Ao invés de lamentar por todo o horror que uma guerra representa, o personagem, no primeiro momento, pensa em seus próprios problemas, um deles o desejo sempre adiado de conhecer a Europa:

– Quem foi que te contou, homem de Deus?
 – Chegou um telegrama ind’agorinha. Por acaso eu estava no telégrafo...
 – Adeus, viagem a Paris! – exclamou Rodrigo, sentando-se prostrado, numa cadeira. (p. 440)

Desde então Rodrigo passa a acompanhar as notícias do conflito através dos jornais e das revistas, muitos dos quais ele havia assinado justamente para ficar por dentro do assunto. A Farmácia Popular passa a ser o mais importante centro de concentração “aliadófila” da cidade, ao que passo que a Confeitaria Schnitzler é o ponto de reunião dos membros da colônia alemã e dos teuto-brasileiros. Apesar de Rodrigo Cambará ficar ao centro dessa discussão que envolve também questões de preconceito racial, tendo como contraponto o Capitão Rubim, o narrador trata de desqualificar a filosofia humanitária que o personagem se esforça em manifestar.

Generalizando o conflito, Rodrigo ficou a segui-lo avidamente através dos jornais. Desde logo ficara evidente que a maioria da população santa-fezense era simpática à causa aliada. Quanto a Rodrigo, não tivera a menor hesitação. Onde estivesse a França, lá estaria também seu espírito e seu coração”. [...]

A batalha de Marne trouxera Rodrigo angustiado durante mais duma semana. Dela dependia a sorte de sua amada Paris e talvez o desfecho da Guerra. Quando chegou a Santa Fé a notícia de que a grande ofensiva alemã havia sido repelida, chamou o negro Sérgio e mandou-o soltar duas dúzias de foguetes à frente da Farmácia Popular. (p. 440)

A abordagem narrativa do impacto da guerra sobre os personagens não dura muito e logo Rodrigo Cambará volta-se para as discussões em torno da política estadual e nacional. O tema dos debates é a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca ao Senado Federal e o governo republicano positivista de Borges de Medeiros. Rodrigo Cambará declara-se um

democrata⁶³ e decide abandonar o partido após o incidente envolvendo policiais da Brigada Militar e estudantes que faziam um comício contra a candidatura de Hermes da Fonseca, em Porto Alegre. No confronto morrem cinco pessoas e mais de 30 ficam feridas. As notícias chegam da Capital pelo jornal *Diário do Interior*, de Santa Maria, com detalhes e informações sobre um dos mortos, um acadêmico que cursava o último ano de Medicina. O personagem se identifica e se emociona. “É monstruoso! – exclamou Rodrigo, dobrando o jornal e atirando-o sobre a mesa” (p. 555).

Tendo por base as reportagens escritas pelos jornalistas que testemunharam os acontecimentos, Rodrigo, o Padre Astolfo e o Cel. Jairo travam um longo debate sobre as responsabilidades pelo incidente que vai culminar no telegrama enviado por Rodrigo ao Senador Pinheiro Machado, comunicando o seu desligamento do partido. No mês seguinte, Rodrigo lê no *Correio do Povo* um dos últimos discursos de Pinheiro Machado antes de seu assassinato (p. 559). Para descrever o efeito do crime junto aos personagens de Santa Fé, o deslocamento da voz narrativa cai mais uma vez sobre Rodrigo Cambará. Ele acompanha os pormenores da tragédia pela imprensa e lê para o padre um trecho do telegrama que Rui Barbosa passou à viúva de Pinheiro Machado, publicado nos jornais no dia seguinte ao crime.

Flávio Loureiro Chaves⁶⁴ aponta que, no caso de *O Tempo e o Vento*, “a engrenagem que move a História pode ser entrevista menos na cronologia dos fatos e mais na representação das personagens fictícias”. E completa com “a arquitetura da narrativa está toda ela na dependência dos arquétipos essenciais e opostos entre si, do princípio ao fim: o masculino e o feminino”.⁶⁵ Seguindo essa idéia da opção por arquétipos opostos, é possível constatar o mesmo recurso quando se observa a representação do universo dos jornalistas, mas em outras confrontações além do masculino/feminino. Os opostos, neste caso, são ou a correntes doutrinárias dos jornais e dos jornalistas, ou a aproximação de personagens distintos. O mesmo tipo de relacionamento que cerca as amigas de Toríbio Rezende e o Dr. Winter, em 1884, e Rodrigo Cambará e o Cap. Jairo Bittencourt, em 1910, repete-se em 1922 com Rodrigo e Arão Stein, o jovem comunista e tipógrafo do jornal *O Libertador*.

Poucos meses antes da eleição que deflagraria a Revolução de 1923 o personagem-jornalista atua como deputado eleito do PRR na Assembléia. Descontente com os rumos do

⁶³ O Retrato II. Op. cit., p. 539. “- Pois permita que eu faça mais uma vez a minha declaração de princípios. Creio nos Direitos do Homem e em todas as conquistas da Revolução Francesa. Creio na liberdade, na igualdade e na fraternidade. Numa palavra: creio na Democracia. [...] – Neste momento – prosseguiu - a grande tarefa que temos pela frente é a de derrotar o Kaiser e as forças da barbárie, limpando o caminho para a Democracia. Não tenho a menor dúvida: vamos entrar na idade de ouro da História!”

⁶⁴ O narrador como testemunha da História. In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit., p. 71.

⁶⁵ Idem.

partido, Rodrigo renuncia ao mandato para defender a causa da Aliança Libertadora e do candidato Assis Brasil ao governo. Prepara um discurso inflamado, conclama a imprensa (entenda-se *Correio do Povo* e *Última Hora*) e da tribuna critica duramente Borges de Medeiros, renunciando publicamente no mesmo ato. Quando retorna a Santa Fé, Rodrigo é recebido pelo *A Voz da Serra* com uma matéria de capa intitulada “Chega hoje o traidor viracasca” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 125). Indignado, o personagem invade a redação do jornal e agride a bofetadas o autor do artigo, o jornalista Amintas Camacho. Naquele mesmo dia, Rodrigo convida Arão Stein para trabalhar no novo jornal de combate ao *A Voz da Serra* e à Intendência Municipal. Apesar de seguir uma doutrina política e social totalmente oposta a qualquer um dos candidatos que estavam na disputa, o comunista aceita a oferta para em troca ficar com o equipamento, com o qual poderia mais tarde divulgar seus próprios panfletos:

Tenho lá em baixo no porão uma caixa de tipos completa e uma impressora. Se trabalhares todo este mês que vem, compondo e imprimindo um jornalzinho de quatro páginas, podes depois ficar com toda essa tralha, de mão beijada. Está?

Stein pareceu hesitar.

– Propaganda da Aliança Libertadora?

– Não me digas que é borgista...

– Não, mas quero deixar bem claro que não acredito também no Dr. Assis Brasil.

– E que tem isso?

– Pode parecer uma incoerência. Todo mundo conhece minhas idéias. Tanto o Dr. Borges como o Dr. Assis Brasil não passam de representantes da plutocracia do Rio Grande.

– Mas não disseste ao Bio que querias comprar uma tipografia?

– Disse, mas...

– Então. Achas o meu preço alto demais?

Stein encolheu os ombros. Rodrigo tomou-lhe do braço.

– Deixa de bobagem. A causa é boa. Terminada a campanha, mandas desinfetar os tipos e a máquina, para matar os micróbios capitalistas, e daí por diante põe a tipografia a serviço de tuas idéias. Não te parece lógico?

– Está bem. (O ARQUIPÉLAGO I, p. 126)

O Libertador aparece na semana seguinte trazendo um artigo de fundo de Rodrigo na primeira página, no qual ataca o borgismo “do ponto de vista ideológico”. Na segunda página, uma biografia do Dr. Assis Brasil e o resto são “notícias políticas e avisos ao eleitorado livre do Rio Grande” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 127). Mas o segundo periódico fundado por Rodrigo Cambará para atacar os republicanos tem uma vida bem mais curta em relação ao *A Farpa*. *O Libertador* faz a propaganda de Assis Brasil por algumas semanas, mas acaba sendo extinto antes mesmo da contagem dos votos, já que Rodrigo considera impossível a Assembléia dar a vitória ao candidato da Aliança. Num fragmento do capítulo *O*

Deputado, o narrador descreve como Licurgo Cambará encara o jornal do filho, sendo este o único comentário crítico e descritivo do jornal fictício:

Licurgo costumava ler assiduamente *A Federação*, da qual era assinante desde o primeiro dia de seu aparecimento. Depois que rompeu com o Partido Republicano recusava-se até a tocar no jornal com a ponta dos dedos. Era, porém, com espírito rigorosamente crítico e não raro com impaciência que lia *O Libertador*, cujos editoriais haviam perdido o tom elevado dos primeiros números para se tornarem agora violentamente panfletários como os d' *A Voz da Serra*. Licurgo gostava, isso sim, das transcrições que Rodrigo fazia no seu jornalzinho dos manifestos, discursos e artigos doutrinários de Assis Brasil. (O ARQUIPÉLAGO I, p. 141)

Por outro lado, Amintas Camacho, condecorado major, continua publicando em *A Voz da Serra* o que interessa à causa republicana. É ele que redige os comunicados que são afixados num quadro-negro em frente à Intendência, geralmente com notícias de derrotas do exército libertador. Já o periódico não é bem recebido no Sobrado por outros personagens além de Rodrigo:

– Já lhe disse que não quero ver essa porcaria dentro desta casa! – exclamou Maria Valéria, apontando para o número do jornal do Amintas que Camerino tinha na mão.
O médico sorriu.
– Está bem – disse, rasgando a folha em vários pedaços e atochando-os no bolso do casaco – mas acho que a gente deve ler tudo o que o inimigo escreve...(O ARQUIPÉLAGO II, p. 344)

O encerramento das atividades de *O Libertador* não representa o fim das relações entre Rodrigo Cambará e o jornalismo. Quando o irmão Toríbio parte com a Coluna Prestes, o personagem se reaproxima dos jornais enquanto ferramentas essenciais na formação de opiniões e fixação de realidades.⁶⁶ Com a melhoria dos serviços de transporte e de transmissão de notícias, o personagem amplia o seu campo receptivo e às vezes folheia números velhos de jornais e revistas americanas fornecidas pelo Reverendo Dobson. Mesmo para um intelectual bem colocado na classe social dominante, Rodrigo surpreende-se com o conteúdo das peças publicitárias da imprensa estrangeira, mas se mantém fiel à preferência pela francesa *L'Illustration*.⁶⁷ Em 1926, Rodrigo anda eufórico, cheio de belos projetos para

⁶⁶ “Eu diria até que o jornal é exatamente uma contínua luta pela fixação de realidades, uma tentativa de captar, nos acontecimentos cotidianos, algumas verdades particulares e permanentes da vida do homem”. OLINTO, Antônio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: MEC, 1955, p. 7.

⁶⁷ O Arquipélago II. Op. cit., p. 449. “E, coisa estranha, ali estava algo que ele jamais vira em nenhuma revista nacional ou estrangeira: um anúncio de laranjas...Para anunciar uma pasta de dentes, reproduziam o retrato duma bela rapariga de olhos azuis e faces coradas, com um sorriso de dentes brancos e perfeitos. Admirava também o

Santa Fé e volta a exercitar a escrita jornalística. “Seus artigos apareciam no *Correio do Povo*” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 513), diz o narrador, que mais uma vez desqualifica os reais conhecimentos culturais do personagem. Como nesse fragmento:

Lia muitos livros, em geral de maneira incompleta, mas apesar disso discutia-os com os amigos, como se tivesse penetrado neles profundamente. Apanhava no ar coisas que outros diziam e depois, com imaginação e audácia, dava-lhes novas roupagens e usava-as como suas na primeira oportunidade.

O complemento dessa avaliação de caráter de Rodrigo Cambará enquanto intelectual – médico, político, jornalista e comerciante – é feito por Roque Bandeira, que faz uma interessante e definitiva leitura do perfil social do amigo:

Roque Bandeira, que observava o amigo com olho terno mas lúcido, costumava dizer em segredo a Stein que Rodrigo possuía a melhor ‘cultura de oitava’ de que ele tinha notícia. De resto, não seria esse um hábito bem brasileiro? O que havia entre nossos escritores, artistas e políticos – afirmava – não era propriamente cultura, mas um tênue verniz de ilustração. O brasileiro jamais tinha coragem de dizer ‘não sei’. Em caso de dúvida, respondia com um ‘depende’, que não só o livraria da necessidade de confessar a própria ignorância como também olhe dava tempo para achar uma saída. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 513)

Em 1930, Rodrigo Cambará e Amintas Camacho estão do mesmo lado. A união dos inimigos, que se enfrentavam pelas páginas dos jornais e até fisicamente desde 1910, acontece por ocasião do assassinato de João Pessoa, que acende mais uma vez a fogueira da revolução no Rio Grande do Sul. Neste momento da história, republicanos e libertadores defendem a mesma causa, a deposição de Washington Luis e o golpe que leva Getúlio Vargas ao mais alto posto da nação. A situação não parece nada agradável a Rodrigo, que se irrita com a pose de intelectual de Camacho e mais tarde, sozinho, pensa em como “os inimigos de ontem estavam de braços dados, lenços brancos, verdes e vermelhos amarrados num nó de amizade” (O ARQUIPÉLAGO III, p. 638).

Apesar de ultrapassar o período que delimita esta pesquisa, vale registrar o pensamento da personagem Silvia, a nora de Rodrigo Cambará. Em seu diário ela recorda de um fato ocorrido em 1932 e que fora publicado no *A Voz da Serra*. O relato se mostra importante porque é o único em todo o romance que faz uma análise, mesmo que parcial, das

desenho das ilustrações dos contos e das anedotas. Mas como aquelas publicações eram diferentes, por exemplo, de *L'Illustration*! Faltava às revistas do país do Rev. Dobson um certo cachet, um certo peso, uma certa graça que não dependiam da qualidade do papel nem da riqueza de cores das gravuras, mas de algo mais profundo, algo que vem do tempo, da experiência, da tradição, em suma: da cultura.”

características físicas do jornal, além de exemplificar novos rumos da linha editorial de Amintas Camacho.

Olhei para um número d'*A Voz da Serra* que estava em cima duma mesa. Na primeira página vi a notícia da morte duma mocinha do Purgatório, que tomara veneno por ter sido desonrada por um homem casado, cujo nome o jornal ameaçava revelar, caso o 'sedutor' não confessasse seu crime espontaneamente. Li apenas os cabeçalhos. Nunca simpatizei com aquele jornal mal impresso em papel áspero, com seus clichês borrados e as enormes tarjas negras dos convites para enterro, que deixavam as mãos da gente sujas dum pretume macabro. (O ARQUIPÉLAGO III, p. 925)

Neste mesmo jornal mal impresso que os Cambará tanto combatem, Amintas Camacho escreve um belo necrológio, na primeira página e com clichê, de Rodrigo Cambará na ocasião de sua morte. Isso se passa no capítulo "Encruzilhada", que encerra a trilogia, em 1945. Marcos Sandoval, genro do falecido, vai pessoalmente à redação de *A Voz da Serra* agradecer de viva voz a Amintas Camacho (O ARQUIPÉLAGO III, p. 1001). Um gesto que encerra as desavenças entre os dois jornalistas, mesmo que um deles não estivesse vivo para apertar a mão do outro.

CAPÍTULO 2

2.1 O JORNALISMO RIO-GRANDENSE EM MUTAÇÃO

A história da evolução do jornalismo acompanha, como se sabe, o processo de desenvolvimento econômico e a formação do mundo moderno. No Brasil, isso se torna possível somente com a chegada da Família Real, em 1808, quando Dom João VI revoga as medidas que proibiam as atividades editoriais e cria *A Gazeta do Rio de Janeiro*, primeira folha impressa para ser porta-voz oficial do império português. Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o jornalismo nasce quase duas décadas mais tarde num momento de ascensão da sociedade burguesa, amparada na expansão do capitalismo comercial e agrário. Logo após o surgimento do primeiro jornal, *O Diário de Porto Alegre*,⁶⁸ em 1827, o jornalismo da província encontra um terreno fértil para o seu crescimento. Trata-se do processo político que desembocaria na Revolução Farroupilha (1835-1845), conforme as palavras de Francisco Rüdiger.

[...] não constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha. Nas páginas dos jornais se gestaram as idéias que radicalizaram o processo político e levaram ao movimento. (RÜDIGER, 1993, p. 15)

Desde sua criação, portanto, o jornalismo gaúcho se desenvolve enquanto uma prática componente da formação da opinião pública.⁶⁹ Essa prática, aponta Rüdiger, estrutura-se num contexto econômico, político e social “que não apenas condiciona seu comportamento, mas sofre diretamente a ação de sua práxis” (RÜDIGER, 1993, p. 8). Carlos Reverbel,⁷⁰ por sua vez, entende que se o jornalismo rio-grandense não tem características próprias e não se reveste de verdadeira originalidade na sua expressão material, “o mesmo não se poderia dizer do seu espírito e da sua ação com raízes que se confundem com as de nossa

⁶⁸ SCYLLA, Soares de S. e Souza. A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul. In: *Rio Grande do Sul, imagem da terra gaúcha*. Porto Alegre: Editora Cosmos Limitada, 1942, p. 299. “Investigando as origens da nossa imprensa, na tentativa de esboçar a história do jornalismo rio-grandense, de que destacamos estas notas, não encontramos documentos que individualizassem, com segurança, o verdadeiro fundador da arte tipográfica entre nós. Não será injusto, porém, atribuir ao brigadeiro Salvador José Maciel a honra da fundação da imprensa no Rio Grande do sul. Presidia salvador Maciel a Província quando a 1º de junho de 1827, com o aparecimento do *Diário de Porto Alegre*, se inaugurava o primeiro prelo provinciano, instalado em um dos salões térreos do Palácio do Governo, segundo todos os depoimentos, embora residisse o redator à sua Rua da Igreja nº. 113”.

⁶⁹ Para Cremilda Medina, a imprensa politicamente militante que se manifesta neste período da história é um mero reflexo de uma situação efervescente. E diz: “O interesse principal dos jornais é, antes de informar, formar opiniões”. MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978, p. 60.

⁷⁰ REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. N. 1. Porto Alegre: UFRGS, 1957, p. 109.

própria formação social”. E acrescenta que “temos, neste sentido, um jornalismo tipicamente rio-grandense, [...] que se tornou capaz de conservar-se autêntico e representativo. É em função desta integração na nossa vida social que terá de ser estudada a sua evolução”.

Moldado por este conjunto de fatores, o jornalismo que transita do sistema de governo imperial para o republicano fica datado na historiografia como sendo de um “regime”⁷¹ político-partidário, fase que se inicia desde sua formação, sob forte influência da ideologia romântica, e se extingue somente na década de 1930. O segundo “regime”, identificado com os conceitos de jornalismo informativo e indústria cultural, começa com o surgimento das primeiras empresas jornalísticas, no final do Século XIX. No período que interessa à pesquisa, que vai dos anos de 1880 até 1930, existem, portanto, dois regimes em transição exercendo forças contraditórias: um em crise, outro em ascensão.

No entanto, havia uma terceira corrente jornalística em atividade na segunda metade do Século XIX. Era o jornalismo-literário independente que, no Rio Grande do Sul, ganhou grande dimensão por conta da atividade da Sociedade do Partenon Literário. O Partenon foi criado em 1868 e reunia os principais intelectuais gaúchos da época. A sociedade fora criada pela influência literária e ideológica de Apolinário Porto Alegre, tendo também como iniciadores Affonso Luiz Marques, Hilário Ribeiro, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Antônio Ferreira Neves, Vasco de Araújo e Silva, José Bernardino dos Santos, Juvêncio Augusto de Menezes Paredes, Francisco de Sá Brito e Aquiles Porto Alegre.⁷² A sociedade tinha a *Revista do Partenon Literário* e contava ainda com o apoio de outros jornais – como *A Reforma*, órgão do Partido Liberal, ou o *Jornal do Commercio*, entre outros – na divulgação de suas atividades e na publicação de textos de seus associados, geralmente na forma de folhetim.⁷³ A partir de então muitos periódicos literários surgiram, a maioria dirigidos por dissidentes do Partenon, entre os mais importantes *Murmúrios do Guaíba* (1870), *Aurora Literária* (1875), *A Idéia* (1876), *O Colibri* (1877), *O*

⁷¹ O termo é utilizado por Francisco Rüdiger. Para o escritor, a compreensão deste regime jornalístico enquanto prática de formação e informação da opinião pública vale não apenas para se conhecer o desenvolvimento do jornalismo, mas também para a redação de capítulos da história social do Rio Grande do Sul. In: *Tendências do Jornalismo*. Op. cit., p. 8.

⁷² SILVEIRA, Carmem Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Partenon Literário: Imprensa e Sociedade Literária. In: ZILBERMAN, Regina et al. *O Partenon Literário: poesia e prosa - antologia*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1980, p. 17.

⁷³ Essa colaboração de outros jornais, noticiosos ou políticos, com a literatura constituía-se exceção, segundo João Pinto da Silva. “Atribuindo-se e exercendo, de fato, responsabilidades mais ou menos reais sobre as oscilações da opinião pública e sobre o mecanismo governamental, dominados, assim, integralmente por interesses partidários, os jornais, na sua maior parte, consideravam os assuntos de ordem literária como incompatíveis com a sua sisudez e só por exceção os admitiam em suas colunas, fora dos truculentos ou lacrimejantes folhetins”. In: *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924, p. 109.

Telefone (1879) e a *Revista Culto às Letras* (1880). O jornal *Arcádia*, da cidade de Rio Grande, surgiu um ano antes da fundação do Partenon e circulou até 1870, tendo sido o segundo de mais longa vida no Estado, ficando atrás apenas da *Revista Mensal* (SILVEIRA; BAUMGARTEN, 1980, p. 13).

Em relação ao resto do país, esse florescimento literário chegou com atraso considerando-se que os intelectuais gaúchos se filiaram à escola do Romantismo – já em decadência nos outros centros culturais. É justamente este pensamento vinculado ao idealismo romântico, mais do que as causas econômicas e sociais, que decreta a extinção da Sociedade Partenon menos de 15 anos após sua fundação. De acordo com a observação de Carmem Consuelo Silveira e Carlos Alexandre Baumgarten (1980, p. 13), Apolinário Porto Alegre era fundador de vários núcleos republicanos e não aceitava os rumos que a ideologia tomava:

A nova geração aceitava o republicanismo, mas não idealizado e romântico e, sim, positivista, abrindo as portas à filosofia de Augusto Comte, prenunciando novos tempos, novas correntes de pensamento social e literário, alijando este passado recente que gravitara em torno da Sociedade Partenon. Estava-se, pois, às vésperas da abolição da escravatura e do fim da monarquia, com a vitória da república positivista. A Sociedade Partenon, dentro deste contexto, envelheceu.

O jornalismo-literário independente teve o papel de mediar a passagem do jornalismo-partidário para o jornalismo estruturado em bases empresariais. Na década de 1870, os intelectuais da época, embora não atuassem diretamente na política, usavam sua arte para inserir-se no processo político em andamento. Diferente dos primeiros românticos, o principal instrumento de expressão destes escritores foi a poesia, pela qual manifestavam o ideário liberal, as adesões ao princípio republicano e à glorificação do Farrapo. O meio de divulgação destas idéias eram os jornais, onde eles publicavam seus versos cada vez mais identificados com a causa da Abolição. Em decorrência disto, o jornal substitui o livro, e o homem de imprensa, o poeta de gabinete, vira escritor nas horas vagas (SILVEIRA; BAUMGARTEN, 1980, p. 26).⁷⁴ No Rio de Janeiro, onde os cenários literário e jornalístico praticamente se fundiam num só, José Veríssimo não escondia seu entusiasmo nos artigos de fundo, às segundas-feiras, no *Jornal do Brasil*. Em sua seção de crítica literária, escreveu que “de todas as manifestações da nossa vida intelectual é talvez o jornalismo a mais importante e a única em que se veja progresso, ao menos no que respeita à informação, à notícia, em suma,

⁷⁴ No entanto, João Pinto da Silva entende que o fato do jornalismo gaúcho ter sido absorventemente político impediu, sob o ponto de vista literário, uma ação direta e estimuladora dos jornais, o que constitui uma das mais interessantes características da imprensa em outras circunscrições do país. SILVA, João Pinto da. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924.

à satisfação das atuais exigências do público”.⁷⁵ Mas, no Estado, a postura reservada dos intelectuais logo passaria para um plano mais participativo nos assuntos públicos. Uma nova geração de pensadores, entre eles Júlio de Castilhos, Assis Brasil e Borges de Medeiros, entraria na História para implantar novas atitudes no processo de amadurecimento político da província.

A partir deste momento, o Rio Grande do Sul viveria um longo período de hegemonia do discurso político nos jornais, repetindo no Estado o que acontecia na América Latina como um todo, conforme aponta Loiva Otero Félix:⁷⁶

A produção simbólica, decorrente do ‘efeito das palavras’, teve na palavra escrita impressa um papel de extrema importância na segunda metade do Século 19 e primeiras décadas do Século 20, na América Latina como um todo e, especialmente no Rio Grande do Sul.

A imprensa tornou-se um espaço privilegiado do exercício de militância política, tanto nos jornais da ‘grande imprensa’ quanto da ‘pequena imprensa’. Ao trabalharem com doutrinas e idéias, estabeleciam uma luta nos bastidores e nas páginas dos jornais e periódicos em geral, percebida pelo tom forte do vocabulário usado, pelas expressões agressivas ou laudatórias, criando-se ‘uma noção de factualidade’.

O “regime” jornalístico político-partidário gaúcho está ligado ao processo pelo qual a classe política transformou a imprensa em agente da vida partidária. Uma explicação para o fenômeno seria de que após a Revolução Farroupilha muitos tipógrafos conquistaram cargos políticos, de forma que a propriedade de um jornal passou a se tornar um meio de ascensão política (RÜDIGER, 1993, p. 24). Desta forma, os políticos foram aos poucos tomando o lugar dos tipógrafos na função social de jornalistas. Principalmente nas cidades do interior, tornou-se comum uma única pessoa ser responsável pela propriedade, direção e redação do jornal, que poderia servir a determinada corrente partidária conforme as circunstâncias. Foi nesta conjuntura que o jornalismo ganhou forma enquanto um conceito, cujos termos são ligados à formação doutrinária da opinião pública. O jornalismo-partidário desenvolveu a concepção de que o papel dos jornais deve ser opinativo e veicular a doutrina e a opinião dos partidos na sociedade civil (RÜDIGER, 1993, p. 26). Para Regina Zilberman (1980, p. 25),

O discurso político é forte porque submete os demais a seus fins locais; e a sua autonomia não se deixa prejudicar por um maior acercamento à realidade, sendo que

⁷⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*; 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 259.

⁷⁶ Imprensa, revolução e discurso: a construção de categorias. In: RAMBO, Arthur Blásio; FÉLIX, Loiva Otero. *A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1995, p. 183.

a noção que tem desta é a do imediato, isto é, real é o que pode ser atingido materialmente, passível da transformação e da história, das quais ele faz parte e se crê senhor. Por isso, suas relações com a arte desembocam num processo onde se reconhece sua supremacia e posição de dominação.

Outro fator que explica a consolidação da fase do jornalismo partidário está relacionado ao envolvimento dos intelectuais do Rio Grande do Sul com a causa republicana. Essa ligação político-filosófica com os projetos da República era uma decorrência da Guerra do Paraguai (1865-1870), embora já houvesse unificado os revoltosos da Revolução Farroupilha. Descontentes com o governo centralizador do monarca, que tinha como meta a exportação de produtos agrícolas, enquanto a produção da província era voltada para o mercado interno, os rio-grandenses desafiaram a corte e seguiram o exemplo dos paulistas ao fundarem um dos primeiros clubes republicanos do país. Os integrantes desse grupo precisavam de meios para divulgar suas idéias e tinham capital para isso, sendo o jornal, então, adotado como ferramenta de propaganda. Em 1884, surge em Porto Alegre o jornal *A Federação*, o mais representativo dos periódicos partidários que o Rio Grande teve e que confrontava as idéias divulgadas pelo *A Reforma*, fundado em 1869 e dirigido por Gaspar Silveira Martins a serviço do Partido Liberal. Uma abordagem mais detalhada sobre a história de *A Federação*, que teve Júlio de Castilhos como primeiro redator, será feita no próximo capítulo. Por ora, importa situar *A Federação* como o principal exemplo do jornalismo que não visava ao lucro mercantil, mas exclusivamente à doutrinação da opinião pública.

As idéias republicanas conquistaram a imprensa e a primeira atuação ativa e marcante desta após a Guerra dos Farrapos aconteceu durante os debates da chamada “questão servil”. A dinâmica da questão passou a depender basicamente da postura crítica assumida pelos periódicos, como *A Voz do Escravo* (1881), de Pelotas, *Gazeta de Alegrete* (1882-2007), *Jornal do Commercio* (1865-1912), *O Século* (1880-1893) e *Mercantil* (1874-1898). O tema da escravidão ganhara autonomia dos partidos na esfera pública e obrigou, como nota Francisco Rüdiger (1993, p. 29), “os jornais a agirem como partidos, de modo que não constitui exagero dizer que foram responsáveis em grande parte pela massa de alforrias verificada em 1884” Engajados em torno do fim do trabalho escravo, os jornais não raro promoviam quermesses e outras formas de arrecadação de fundos a serem utilizados nas alforrias. A questão abolicionista e a participação dos periódicos neste processo aparecem na narrativa ficcional de Erico Verissimo, em *O Continente*, na pele dos personagens Toríbio Rezende e Manfredo Fraga, que redigem os jornais partidários de Santa Fé.

Por esta época acontecia no Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre, a mesma proliferação de jornais verificada no restante do país,⁷⁷ em sua maioria jornais de oposição e de combate que lutavam pelas reformas do trabalho, do regime ou da federação. A incorporação dos jornais como agentes da esfera pública, espaço de discussões dos problemas da sociedade civil e sustentáculo de campanhas eleitorais, conduz os conflitos e as polêmicas para a esfera da violência. Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1983a, p. 331) diz que “a linguagem da imprensa política era violentíssima” e que dentro de sua orientação tipicamente pequeno burguesa, os jornais “refletiam a consciência dessa camada para a qual, no fim de contas o regime era bom, os homens do poder é que eram maus. Assim, todas as questões assumiam aspectos pessoais e era preciso atingir as pessoas para chegar aos fins moralizantes”. Ainda segundo Sodré (1983a, p. 332), “o importante, porém, não está em constatar a virulência da imprensa ou os desmandos dos governantes, mas em compreendê-los, explicá-los, ver as suas causas profundas: um traço, quando generalizado, não reflete deficiências individuais, mas sociais”.

Dentro desta perspectiva, pode-se afirmar que as lutas pela hegemonia na cena política no Rio Grande do Sul deixam de ser apenas polêmicas na imprensa para se tornarem conflitos de imprensa. Apesar da supremacia do jornalismo político-partidário sobre o pasquim⁷⁸ ter contribuído para a valorização do princípio da liberdade de expressão, o que se via eram constantes manifestações de violência contra os jornais. Após a Proclamação da República o período foi extremamente difícil para o exercício do jornalismo, em especial para as folhas de oposição.

Nos primeiros cinco anos do novo sistema de governo havia uma censura policial direta, chamada “regime da rolha”, que levou jornalistas à prisão e obrigou o fechamento de vários jornais opositoristas. As publicações localizadas nas cidades de fronteira foram forçadas a se transferirem para Rivera (Uruguai), Artigas (Uruguai), Libres (Argentina) e Alvear (Argentina) (RÜDIGER, 1993, p. 34). A situação se inverte quando a dissidência

⁷⁷ “A média era de duas folhas por ano, nesse delírio agudo de despejar na rua, pelas colunas acavaladas dos pasquins urbanos, artigos e novidades [...] Os anos que mais se salientaram, nessa soberba brotação literária, foram o de 1881, com sete jornais [...]; o de 1883, com oito [...]; o de 1886, com oito [...], e o de 1887, o [campeão, com doze novos jornais [...]] Então, quase todos os jornais porto-alegrenses eram políticos. Políticos e de combate. E que combate!”. FERREIRA, Atos Damasceno apud SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 229.

⁷⁸ Sodré atribui o surgimento dos pasquins ao ambiente tumultuado do país à época. Esses jornais usavam a linguagem da injúria, da difamação e do insulto repetido. “A rigor, condicionando a classificação ao que se entende por imprensa periódica, o pasquim não poderia ser associado ou incluído nessa atividade. Não tinha periodicidade certa, não aparecia em dias previamente fixados, na grande parte dos casos [...]. Não é possível, entretanto, deixar de enquadrar como imprensa periódica esse produto específico do meio brasileiro naquela época tormentosa”. *História da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 159.

republicana toma o poder, durante o *governicho*, e baixa um decreto proibindo o anonimato em qualquer artigo publicado na imprensa. Apesar dos protestos contra o preceito governamental, a quase totalidade dos periódicos fechou as portas.⁷⁹

De acordo com Gustavo Moritz, antes do eclodir da Revolução Federalista, conflito armado que vai significar tempos ainda mais sombrios para os jornais, a situação da imprensa mais representativa no Estado era a seguinte:

Com a fundação do *Rio Grande*, órgão dos republicanos dissidentes, aumentou o número de jornais que faziam oposição ao governo no Estado. Na Capital, eram eles *A Reforma*, tradicional órgão de Silveira Martins, o *Mercantil*, folha independente, e agora, mais o *Rio Grande*. Também o *Jornal do Commercio*, órgão das classes conservadoras, não escondia as suas simpatias pela oposição, embora se conservasse alheio aos ataques que vinha sofrendo o governo do General Cândido Costa. Penas conhecidas e adestradas do jornalismo rio-grandense, como Adriano Ribeiro, Apolinário Porto Alegre, Demétrio Ribeiro, Campos Cartier, Wenceslau Escobar, Barros Cassal, Antão de Faria, Silvio Rangel e muitas outras ocupavam, diariamente, as colunas das folhas porto-alegrenses, passando em revista, em longos comentários, atos e fatos que então se desenrolavam na capital e no interior do estado. A luta, pela imprensa, avolumava-se cada vez mais, tornando-se violenta, principalmente entre Demétrio Ribeiro, Antão de Faria e Barros Cassal, de um lado, e Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Homero Batista, de outro. (MORITZ, 2005, p. 325)

A violência física e a violência verbal propagada pelos jornais serão práticas comuns do jornalismo gaúcho durante e após a Revolução Federalista (1893-1895). Se por um lado os liberais resistiam aos castilhistas pelas páginas dos jornais, por outro o Partido Republicano não poupava esforços para silenciar a oposição. As medidas, neste caso, iam da perseguição policial aos jornalistas à destruição das oficinas onde eram publicados os jornais.⁸⁰ *A Federação*, que no programa elaborado por Antão de Faria, Assis Brasil e Júlio de Castilhos e publicado no primeiro número havia prometido uma “linguagem invariavelmente

⁷⁹ “A 4 de março de 1892, o general Barreto Leite transmitia o Governo do Estado ao vice-presidente João de Barros Cassal, que, logo depois de ascender a essa elevada posição, expediu, além de outros, um decreto, estabelecendo normas a seguir pela imprensa. A celeuma provocada pela irrefletida resolução governamental foi de tal monta que a quase unanimidade dos periódicos do Estado suspendeu sua publicação [...]. O decreto aludido dispunha que era livre a manifestação de pensamento por meio da imprensa, mas que todos os artigos deviam ter, por extenso, os nomes dos autores, sendo multados em duzentos mil réis os que usassem nomes e assinaturas supostas”. MORITZ, Gustavo. O governo de Barros Cassal e a imprensa. In: AXT, Gunter (org.). *Acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul – Partes I e II*. Porto Alegre: Procuradoria Geral de Justiça, 2005, p. 325.

⁸⁰ Sodré explica esse comportamento agressivo da imprensa porque a preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político, não a política. Nessa dimensão reduzida, as questões são pessoais e giram em torno de atos, pensamentos ou decisões de indivíduos que protagonizam o fato político. “Daí o caráter pessoal que assumem as campanhas; a necessidade de endeusar ou de destruir o indivíduo. Tudo se personaliza e se individualiza. Daí a virulência da linguagem da imprensa política, ou o seu servilismo, como antípoda”. *História da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 277.

moderada e cortês, instruindo e persuadindo, tratando os adversários ou a quem quer que seja com delicadeza e cavalheirismo”, não cumpriria a palavra, como lembra Sérgio Roberto Dillenburg.⁸¹

Esta promessa, porém, seria frequentemente quebrada, pois, usando um tratamento agressivo, o jornal não poupava os adversários, principalmente contra *A Reforma*, o *Correio do Povo* e o *Estado do Rio Grande*, o tradicional jornal libertador, com quem manteve acesa disputa.

Este tipo de ação era respaldado, diz Francisco Rüdiger (1993, p. 36), pelas concepções jornalísticas dominantes, já integradas ao cotidiano da imprensa gaúcha durante a República Velha. Durante a guerra, além da radicalização do discurso também era comum a difusão de boatos e informações falsas. Desta forma, a guerra psicológica tornou-se um elemento fundamental como estratégia política e militar.⁸² Ainda no entendimento de Rüdiger, o campo semântico configurado pelos conflitos ideológicos na imprensa da Revolução Federalista foi marcado por um discurso centrado na violência política, caracterizada, de ambos os lados, a partir de uma ideologia moral:

Entretanto, enquanto os federalistas teriam permanecidos presos às pressuposições políticas, que informavam esse campo, os republicanos, a partir do final de 1893, empreenderam um esforço de maior diferenciação no seu interior, procurando introduzir elementos de ideologias de cunho econômico e social que visaram a conquistar e levar em conta as outras classes e frações de classes sociais, atingidas por esse campo de lutas. (1990, p. 35)

Porém, os últimos anos do Século XIX marcam o início de uma mutação que vai determinar novos rumos para o jornalismo. Assim como a primeira fase teve um fundo ideológico identificado com o sentimento abolicionista e o ideal republicano, agora é chegada a vez da transição da pequena à grande empresa. Refletindo o processo em marcha nos outros centros urbanos do país, a imprensa gaúcha também começa a se modernizar. Os pequenos jornais, como empreendimento individual e de estrutura simples, cedem lugar às empresas jornalísticas, dotadas de equipamento gráfico de melhor qualidade e com planos específicos de produção e circulação. Na transparente descrição de Carlos Reverbel (1957, p. 124) para esse momento da imprensa gaúcha, “estabelecia-se, afinal, no nosso meio, o primado da notícia, abrindo-se caminho para as grandes tiragens e com elas, as possibilidades de

⁸¹ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Quatro publicações marcantes no jornalismo rio-grandense*. Nova Petrópolis: Editora Amstad, p. 13.

⁸² RÜDIGER, Francisco. *A imprensa: fonte e agente da Revolução de 93*. In: Seminário Fontes para a Revolução de 1893, Bagé, 12 a 15 de nov. 1983. Anais. Bagé. 1990, p. 28.

aparelhamento técnico e desenvolvimento econômico da empresa jornalística, como é entendida, e praticada hoje em dia, dentro do dinamismo da era industrial, em todos os centros civilizados do mundo”.

A partir de então, as relações do periódico com a política e os políticos, os leitores e os anunciantes sofrerão profundas modificações. Nas palavras de Nelson Werneck Sodré (1983a, p. 275),

Essa transição começara antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria. Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de menor ou maior porte.

No Rio Grande do Sul, as perspectivas da segunda fase da evolução do jornalismo podem ser concentradas inicialmente numa data e num jornal. O ano é 1895 e o periódico é o *Correio do Povo*, jornal que será analisado em separado na próxima parte deste capítulo. O *Correio do Povo* foi o primeiro a aplicar o padrão noticioso já em ascensão num empreendimento de finalidade lucrativa declarada, com os rendimentos sendo reinvestidos na capitalização do próprio negócio. A partir desse momento, a imprensa gaúcha começa a vencer suas próprias contradições e a constituir um novo “regime” jornalístico: o jornalismo informativo moderno.

A racionalidade mercantil das empresas jornalísticas que seguem o modelo do *Correio do Povo*, que naquele momento havia copiado a fórmula do *Jornal do Commercio*,⁸³ encontra uma conjuntura propícia a este tipo de proposta. O Estado havia acabado de enfrentar uma luta civil traumática e havia um clima favorável para a imprensa não-comprometida com a política, pelo menos não abertamente, mas somente com a causa pública. Além disso, a imprensa industrial se beneficia do crescimento, mesmo que lento, da alfabetização⁸⁴ e da urbanização⁸⁵ da província. Graças a essas novas faixas de leitores, nota

⁸³ “O *Jornal do Commercio* (1865-1912), fundado e dirigido por Francisco Cavalcanti de Albuquerque, em Porto Alegre, marcou época na história da imprensa no Rio Grande do Sul. Sua linha gráfico-editorial seguia o padrão da moderna imprensa do Rio de Janeiro. Adquirido por Silva Candal & Cia, em 1872, reformou suas oficinas, dotando-se de máquinas impressoras Dawson & Pons. Com a redução dos custos de produção, daí decorrentes, baixou o preço de suas assinaturas, lançando a imprensa barata na capital da Província. [...] Sustentando linha editorial independente, com base na renovação do maquinário e material tipográfico, tornou-se o maior jornal do Estado à época da Revolução Federalista, aumentando sua tiragem de quatro para cinco mil exemplares”.

RÚDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Op. cit., p. 46.

⁸⁴ Quando da Proclamação da República, em 1889, o Rio Grande do Sul tinha 72% de analfabetos nas cidades e 90% na campanha. O panorama melhora rapidamente nos anos seguintes e a taxa de alfabetização já permite a multiplicação das publicações na província.

Antônio Hohlfeldt,⁸⁶ os jornais e revistas começam a experimentar circulações mais largas e uma vida mais longa. Os editores precisam atender às exigências da demanda de seu público e adotam as mesmas práticas da maioria dos jornais do centro do país, como a primazia pela notícia⁸⁷ e a publicação de folhetins. A forma fragmentada do folhetim-romance é, para Marlyse Meyer (1996, p. 225), “a mesma técnica fragmentada que caracteriza a transmissão de notícias”.

Às vezes, um mesmo folhetim pode ser lido em diferentes jornais, independentemente de sua orientação ideológica. No entanto, isso não significa que os jornais especializados em atender outras faixas de leitores tenham deixado de existir:

Assim, à imprensa industrial, em sentido estrito, soma-se a imprensa partidária, a imprensa literária, a imprensa cultural em geral, a imprensa feminina, as publicações dirigidas às crianças e aos jovens, as revistas ilustradas para toda a família, as publicações de caricaturas e charges e, enfim, jornais e revistas operários e de trabalhadores, além daqueles dirigidos aos novos colonizadores e, por isso mesmo, escritos em seus idiomas de origem. (HOHLFELDT; RAUSCH, 2006a, p. 8)

Os jornais entram no Século XX com a perspectiva de dias melhores após um período difícil para a sua manutenção. Disputando um mercado restrito e com poucas fontes de financiamento, os jornais ainda têm uma tiragem discreta nos primeiros anos do século. Nesta nova fase do jornalismo, escrever deixava de ser uma arte ou aventura para se transformar numa ação objetiva e profissional de captar os fatos e vendê-los como notícia impressa. Importa ressaltar que o jornalismo noticioso, em meio a uma sociedade de mentalidade conservadora, ainda era visto como um negócio suspeito, “objeto de exploração mercantil” e combatido por muitos segmentos. Esse novo rumo do gênero jornalístico rende subsídios para Lima Barreto escrever o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*,⁸⁸

⁸⁵ “Com essas duas variáveis, tempo e espaço, a informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial”. In: MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial*. Op. cit., p. 20.

⁸⁶ HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: discussão sobre critérios para uma periodização*. 29º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, set. 2006, p. 9.

⁸⁷ No conceito de Ciro Marcondes Filho, “Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. In: MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986, p. 13.

⁸⁸ “Isaías Caminha é o romance da imprensa brasileira do início do século, povoado de literatos mais ou menos frustrados. O autor não trabalha em jornal; mesmo naquele que retrata, em grossos traços de caricatura, não ultrapassara a situação de colaborador externo, aliás anônimo, com uma só reportagem, embora significativa.

um dos primeiros, se não o primeiro livro a ficcionalizar o jornalismo na literatura brasileira. O romance publicado em 1909 é uma sátira ao jornal *Correio da Manhã*, naquela época o mais representativo dos órgãos de imprensa do Rio de Janeiro.

Por esses motivos inerentes a qualquer prática econômica, política ou social em fase de transição, as transformações na imprensa são introduzidas, segundo Sodré (1983a, p. 296), de forma lenta, mas acentuam-se sempre:

[...] a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e também os mundanos.

O período de maior desenvolvimento do jornalismo nesta fase, particularmente no sentido de consolidar sua estrutura empresarial, acontece a partir do terceiro decênio do século. Os meios de transmissão estavam cada vez mais eficientes e alguns jornais já possuíam equipamentos sofisticados. Usavam clichês e reproduziam fotografias. Além disso, a modernização das relações sociais progredia no sentido de possibilitar uma redução da dependência da imprensa no campo político, favorecendo exatamente as empresas jornalísticas modernas. Com o advento dos serviços telegráficos, os jornais passaram a se alimentar das agências internacionais e os principais jornais do Estado fecharam contratos com a Havas, a Transocean e a Americana (RÜDIGER, 1993, p. 49). As tiragens haviam aumentado sensivelmente e muitas empresas já conseguiam sobreviver dos anúncios (RÜDIGER, 1993, p. 52).⁸⁹

No entanto, apesar do jornalismo noticioso estar num caminho sem volta em direção a sua consolidação, com novas grandes empresas surgindo, como o *Diário de Notícias*⁹⁰ e, mais tarde, o *Jornal da Manhã*,⁹¹ muitos jornais continuaram atrelados à linha

Não é esse o aspecto que enfraquece a sua sátira, mas o fato de que situou pequenos detalhes, alguns saborosos evidentemente; outros exatos, mas não compreendeu como o papel do jornal que satirizou era positivo, naquela etapa e na relação das condições vigentes”. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 304.

⁸⁹ Em 1912, 66% dos jornais publicavam uma tiragem de até 1 mil exemplares, e 33% de 1 a 5 mil. Apenas 1% fica na faixa de 5 a 10 mil exemplares. Em 1930, 80% dos jornais tiram até 5 mil e 12% de 5 a 10 mil exemplares. Os que ultrapassam os 10 mil exemplares são 8%.

⁹⁰ “*O Diário*, cuja empresa se organizou em bases de alta capitalização, foi lançado em 1925. A proposta do seu corpo de redatores era fazer um jornalismo moderno, que se empenhou bastante em promover campanhas de opinião pública, pelo menos em sua primeira fase. O parque gráfico foi montado dois anos depois do seu lançamento e dispunha de possante rotativa, que permitiu o aumento das tiragens com barateamento dos custos. Porém, o forte do jornal era o departamento comercial, que carrou grande volume de anúncios para o jornal. Em

editorial literária ou política por um longo tempo. Durante os conflitos que levam à Revolução de 1930, a característica de engajamento político volta com força na imprensa gaúcha. Jornais que erguiam a bandeira da imparcialidade, como o *Correio do Povo*,⁹² também acabarão se inclinando para algum dos lados. Os dois mais representativos da corrente partidária, *A Reforma* e *A Federação*, encerram as atividades em 1912 e 1937, respectivamente. O último jornal que se pode classificar como político-partidário foi *O Estado do Rio Grande*, que circulou de 1929 a 1961, vinculado ao Partido Libertador, sucessor do Partido Federalista (HOHLFELDT; RAUSCH, 2006a, p. 12). Os que sobraram, e no Interior estavam a maioria, foram aos poucos se adequando aos novos padrões estilísticos. As seções especializadas de esportes, cinema e vida social acompanham a formação da economia urbana e a diversificação cada vez maior do público leitor.

Muito embora o público consumidor de jornal aumentasse ano a ano desde a passagem do século, ele estava concentrado geograficamente nas grandes cidades. No Rio Grande do Sul o predomínio na circulação de jornais entre a população estava em Porto Alegre. Em 1930, dos 210 mil exemplares/dia publicados no Estado, 40 mil saíam das empresas da Capital, um percentual pequeno (19%) se for comparado ao que representou nas décadas seguintes.⁹³ O jornalismo interiorano vive o seu momento, com *A Opinião Pública*, de Pelotas, e *O Diário do Interior*, de Santa Maria, estabelecendo certa concorrência com o *Correio do Povo* em seus territórios, mas não resistem à hegemonia das grandes empresas porto-alegrenses. Alguns concorrentes que tentaram confrontar esses jornais, como o *Jornal da Manhã*, de Pelotas, e *A Manhã*, de Porto Alegre, fracassaram em seus projetos (RÜDIGER, 1993, p. 57).

O processo industrializado de fazer jornal também força a consolidação de uma categoria social, a dos jornalistas. O primeiro projeto neste sentido surge nos anos 1910, com o Círculo de Imprensa, que funcionou em Porto Alegre de 1911 a 1914. Porém, o esforço mais significativo para congregar a classe aconteceu com a fundação da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI). Esta associação, presidida por João Maia, funcionou de 1919 a

1930, a folha já era a segunda mais importante do sul, chegando a tirar 25 mil exemplares diários, pouco menos que o *Correio do Povo*". In: RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. Op. cit., p. 60.

⁹¹ "O *Jornal da Manhã* (1930-1937), cujo ponto forte era o texto leve e objetivo, lançou diversas seções novas na imprensa gaúcha, chegando a publicar os primeiros suplementos editoriais sobre moda, esporte e sociedade no Rio Grande do Sul". Idem, p. 62.

⁹² A suposta imparcialidade do *Correio*, segundo a crítica, será analisada no próximo capítulo.

⁹³ Em 1940, essa proporção passa para 27%; em 1950 para 42%; em 1960 para 57% e em 1980 chegará a 62%.

1923. Somente em 1935 ela voltou a atuar, desta vez tendo na presidência o escritor Erico Verissimo, que na época era editor na *Revista do Globo*.⁹⁴

A fase desta transição, que é uma das mais importantes do jornalismo gaúcho, somente se completaria, conforme delimita Rüdiger (1993, p 67), com a proclamação do Estado Novo, em 1937, quando o governo Vargas proíbe os partidos políticos e suspende a publicação de seus órgãos de imprensa. Neste momento, os interessados em manter a sobrevivência de seus jornais foram forçados pelas leis de mercado a transformá-los em empresas capitalizadas e com linhas editoriais noticiosas. Estava aberto o caminho para a expansão do *Correio do Povo*.

⁹⁴ O jornalista Erico Verissimo. *Jornal da ARI*, Porto Alegre, dez. 1999, p. 3.

2.2 CORREIO DO POVO E A FEDERAÇÃO: DOIS JORNAIS, DOIS CAMINHOS

A hegemonia da imprensa partidária no Rio Grande do Sul sobre as outras manifestações jornalísticas começa a se definir com o surgimento do jornal *A Reforma*, do Partido Liberal, em 1869. A folha doutrinária acompanhou os passos do processo de montagem do partido e Gaspar Silveira Martins, que dirigia a organização política na época, foi o mentor do periódico. No entanto, um outro jornal surgiria em 1884 para propagar a causa republicana e fixar o seu nome na historiografia da imprensa rio-grandense. Trata-se do jornal *A Federação*, periódico fundado por Júlio de Castilhos e que sintetiza o “regime” do jornalismo político-partidário. Até o dia de seu último número, *A Federação* resiste ao avanço das novas tendências do jornalismo informativo moderno, que atende às exigências de um público não mais interessado no partidarismo via imprensa. Constitui-se, portanto, num contraponto exemplar em relação a outro jornal, o *Correio do Povo*, que também surge como um elemento determinante nas transformações em curso na imprensa gaúcha. É sobre o histórico destes dois jornais, ambos recorrentes na narrativa de *O Tempo e o Vento*, que o estudo volta-se neste capítulo. Primeiro, uma abordagem do *A Federação*.

Um dos principais estudos sobre a participação de *A Federação* no contexto social em que se insere – o mesmo que Erico Verissimo leva para a ficção no romance pesquisado – pertence a Francisco Rüdiger. Em *A Federação e o Processo Político-ideológico Rio-Grandense (1884-1937)*,⁹⁵ Rüdiger afirma que a história da imprensa de uma sociedade não é somente a história de seus jornais:

Ela é também a história das interações entre esta sociedade e seus jornais na produção da vida política e formação da consciência social. Nesse sentido, *A Federação* não é apenas o registro contínuo de 53 anos da história política e social do Rio Grande do Sul. Tomada na eficácia de sua historicidade, a importância e sentido de *A Federação* residem antes na sua participação destacada da própria produção dessa história a nível político-ideológico.

Então, partindo-se desta premissa de que *A Federação* participou de forma decisiva da produção da história em suas bases ideológicas, inicia-se esta abordagem pelos primeiros instantes dos anos 1880, quando um segmento de lideranças da sociedade gaúcha se organiza para propagar o modelo de governo republicano, inspirado no ideário positivista de Augusto Comte. Denominava-se Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e reunia um

⁹⁵ RÜDIGER, Francisco. *A Federação e o Processo Político-ideológico Rio-Grandense (1884-1937)*. In: *Comunicação & Cultura*. N.1, p. 10-20. Porto Alegre: Museu Hipólito da Costa, 1984.

grupo de jovens profissionais que acabavam de completar seus estudos em outras partes do Brasil, a maioria na Faculdade de Direito de São Paulo. Seus membros se reuniram num congresso em 1883, no qual Júlio de Castilhos apresentou o projeto de criação de um jornal, que representasse fielmente os ideais da República Federal. Aprovado, o *A Federação*⁹⁶ surgiu com o seu número inaugural no dia primeiro de janeiro de 1884, tendo o próprio Júlio de Castilhos como secretário de redação e o paulista Venâncio Aires como primeiro diretor.⁹⁷

Sem fugir das características gerais da imprensa partidária da época, *A Federação* tinha um formato grande, composto em quatro páginas, em oficinas próprias, situada na Rua dos Andradas. Apesar de graficamente bem impresso, como descreve Sergio Roberto Dillenburg (DILLENBURG, p. 11) “o jornal era ‘pesado’, raramente publicava uma fotografia, como a maioria dos daquela época. A linguagem ainda era muito laudatória, não havendo manchetes; a variedade de letras tipografadas era por demais limitada, enquanto a diagramação era pouco atraente”. Antonio Hohlfeldt contribui com a caracterização do periódico ao apontar que “as matérias estavam divididas em cinco ou sete colunas, sem, num primeiro momento, presença de manchete, com rara ocorrência de fotografias. As fontes jornalísticas mais citadas eram os jornais do centro do país. Algumas vezes, contudo, a citação provinha de um jornal do exterior” (HOHLFELDT; RAUSCH, 2006a, p. 3). Apesar disso, ainda segundo a descrição de Dillenburg, o jornal foi iniciador de uma nova e importante fase do jornalismo rio-grandense porque, com o passar do tempo, deu “maior ênfase à publicidade comercial, alguns ilustrados com gosto, melhor seleção de notícias de interesse público, abolição do arcaico estilo literário, tão usado nos jornais da época”.

Apesar das descrições técnicas serem importantes para se compreender o panorama de inserção de *A Federação* na sociedade gaúcha, mais importante é entender a participação do jornal nesse processo político-ideológico que resulta em guerra civil logo nos

⁹⁶ As principais finalidades da folha do partido eram: “I – Discutir e sustentar a legitimidade e oportunidade do sistema de governo republicano no Brasil; II – Dentro da legalidade monárquica, e enquanto não se operar a mutação na forma de governo – empenhar-se por todas as formas que auxiliem e facilitem a vitória do partido, prestando apoio a todos os atos de autoridade que tendam à efetuação dessas reformas; III – Expor, sustentar e promulgar idéias e medidas administrativas e econômicas, sempre filiadas ao sistema federativo, que sejam de real utilidade pública”. OSÓRIO, Joaquim Luís apud TRINDADE, Helgio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 122.

⁹⁷ Júlio de Castilhos tornar-se-ia diretor apenas em 16 de maio de 1884. Castilhos demite-se da função no ano seguinte, mas é a ela reconduzido e nela permanecerá até 1888. O jornal é então dirigido por Ernesto Alves. Júlio de Castilhos reassume suas funções em cinco de agosto de 1889, e ali ficará até 14 de julho de 1891, quando é eleito Presidente da Província, tomando posse no dia seguinte. A partir de 20 de julho, seu nome desaparece do cabeçalho do jornal, substituído pelo de Alfredo Varela. In: FRANCO, Sérgio da Costa apud HOHLFELDT, Antônio; RAUSCH, Fábio Flores. *Júlio de Castilhos – jornalista em combate aos sofismas liberais*. Op. cit., p. 3.

primeiros anos da República Velha. Sobre o conteúdo ideológico da folha partidária, Héglio Trindade (1979, p. 326) diz que:

Embora existissem outros jornais ligados aos partidos republicanos estaduais, como o *'Correio Paulistano'* por exemplo, e mesmo que a oposição liberal gaúcha tivesse o seu porta-voz, nenhum dos órgãos republicanos tinha uma postura tão doutrinária quanto *A Federação*, salvo os jornais integralistas [...] Não se tratava, pois, apenas de um jornal partidário ligado ao situacionismo republicano regional, mas igualmente um jornal com forte conteúdo ideológico de inspiração positivista.

Neste período da História, a imprensa se concebia como um ramo de atividade restrita no qual os intelectuais, que eram também líderes políticos, assumiam a posição de sábios. Para esses líderes emergentes da burguesia local, a opinião pública era compreendida como um conjunto instável e facilmente receptível às propostas demagógicas. Rüdiger (1984, p. 18) constata que “fiel à doutrina da moralização da sociedade do comtismo castilhisto, *A Federação* destacava sua distância tanto do ‘jornalismo voltado para a exploração mercantil’ quanto da ‘tirania da opinião das massas’, que é preciso ‘educar’.

Muitos destes intelectuais ligados ao partido também eram homens de imprensa que ajudaram, com o apoio irrestrito do jornal, a construir um consenso social suficiente para manter a hegemonia política e ideológica do governo do PRR. Entre eles, Ramiro Barcelos e Barros Cassal (ambos do período que antecedeu a República), Pinto da Rocha, Pedro Moacyr e Gonçalves de Almeida (1984, p. 17). *A Federação* desde o princípio assume o papel de meio articulador político-partidário entre os clubes republicanos espalhados pelo Estado, que naquele momento formavam uma contra-elite política na busca do poder.⁹⁸ Sob a influência intelectual e corajosa de Júlio de Castilhos, o jornal lança logo nos primeiros números uma série de artigos atacando os liberais.⁹⁹ Com textos objetivos e isentos de tiradas literárias, o jornal era contundente e implacável em se tratando de adversários.¹⁰⁰ O principal assunto em pauta naquele período que antecede a Proclamação da República era sem dúvida o processo de abolição da escravidão na Província. Sobre a libertação dos escravos no Rio Grande em

⁹⁸ O mesmo fenômeno acontecia em outras regiões do país, principalmente em São Paulo. Em 1887, a imprensa republicana tem 74 jornais, sendo 20 na região Norte e 54 nos estados do Sul. Os clubes republicanos somavam 237. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 238.

⁹⁹ Antônio Hohlfeldt explica as linhas dogmáticas que Júlio Castilhos chamava de “sofismas liberais” e que as contestou em vários artigos entre fevereiro e junho no primeiro ano do jornal. Eram agrupadas em três princípios básicos: a – não temos homens para a república; b – temos liberdade demais; c – o mau exemplo das repúblicas sul-americanas. In: *Júlio de Castilhos: jornalista em combate aos sofismas liberais*. Op. cit., p. 5.

¹⁰⁰ Para Sérgio Roberto Dillenburg, a prolongada desavença travada nas páginas de *A Federação* contra o poderoso chefe do Partido Liberal, Gaspar Silveira Martins, acaba “acirrando ódios e dividindo a opinião pública rio-grandense”. *Quatro publicações marcantes no jornalismo rio-grandense*. Op. cit., p. 14.

1884, Fernando Henrique Cardoso¹⁰¹ diz que a radicalização do debate se exprimiu melhor através de *A Federação*:

[...] não porque o republicanismo ou o positivismo, de tão larga influência no Rio Grande, implicassem por si a idéia de abolição e da revalorização do negro, mas porque, não havendo no Sul o eleitorado poderoso dos grandes fazendeiros escravocratas para ser disputado, político-eleitoralmente os republicanos nada perderiam, sendo conseqüentes com suas posições, favoráveis, em geral, ao trabalho livre do imigrante. Por isso criticavam a abolição gradual, pondo-se ao lado da abolição imediata e pregando a ação direta na Província, independentemente das leis promulgadas no Parlamento.

De fato, a radicalização do discurso jornalístico será uma marca do jornal *A Federação* ao longo de sua trajetória enquanto veículo capaz de criar acontecimentos e não apenas de refleti-los. Para Rüdiger (1984, p. 13), o aparecimento de *A Federação* acontece num contexto geral em que havia a necessidade de sustentação de um projeto político alternativo, em contraponto à hegemonia construída pelos liberais. Era preciso não apenas “atacar seu domínio, mas também desarticular o consenso estabelecido”.

Coerentes com os pressupostos ideológicos que orientavam sua prática, os republicanos gaúchos evidenciavam a necessidade de uma imprensa partidária combativa, disposta à formação dos quadros do partido e à conquista de adeptos.

Além de órgão de propaganda, *A Federação* obteve as bases para confirmar a sua função doutrinadora ao arregimentar a opinião pública em torno de questões colocadas pela realidade social e de interesse do partido. Um desses momentos foi na chamada “Questão Militar”, que se estendeu de 1884 a 1887. O conflito colocava em confronto direto os oficiais do Exército e políticos monarquistas conservadores. O estopim da crise foi o fato dos militares estarem proibidos de tratarem de assuntos políticos na imprensa. Em agosto de 1885, o tenente-coronel Senna Madureira foi preso e transferido para o Rio Grande do Sul, onde o jornal *A Federação* saiu em sua defesa. Madureira havia apoiado publicamente o fim da escravatura e, punido por supostas irregularidades num quartel, utilizou as páginas do jornal para defender-se. Num artigo, Júlio de Castilhos atacou violentamente a Coroa e defendeu que a “questão militar” era uma questão nacional e política:

[...] ali se passaram episódios subseqüentes da grave questão política, saindo *A Federação* em defesa de Sena Madureira, particularmente colocando os termos do

¹⁰¹ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional, o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 256.

problema no artigo ‘Arbítrio e Inépcia’. O jornal receberia o apoio do visconde de Pelotas e tinha as simpatias de Deodoro, então no comando local. No Rio, Saldanha Marinho, na *Revista Federal*, e Quintino Bocaiuva, em *O País*, sustentavam o fogo. (SODRÉ, 1983a, p. 237)

Apesar de ter se desenvolvido no período histórico no qual a imprensa gaúcha ainda não havia despertado para a organização empresarial capitalista, *A Federação* acompanha o desenvolvimento tecnológico das principais publicações do Brasil e do exterior. Circulando de segunda a sábado, o jornal foi o primeiro da Província, em 1887, a contar com o serviço telegráfico nacional e internacional, um contrato feito com a agência de notícias francesas Havas. Este serviço tornou mais rápida a transmissão da informação, tanto do centro do país como do exterior, numa fase em que o Rio Grande do Sul tinha 56 jornais e a população não passava de 500 mil habitantes. No auge do regime republicano, chegou a tirar dez mil exemplares por dia, “procedendo a reformas gráficas e editoriais que modernizaram seu jornalismo” (RÜDIGER, 1993, p. 32).

Durante a Revolução Federalista, a violência das ações entre maragatos e pica-paus combinou com a violência da linguagem e *A Federação* foi um dos principais protagonistas da batalha travada pelas campanhas da imprensa. Com os republicanos no poder, o jornal personificava todo o aparelho ideológico e repressivo que estava nas mãos dos republicanos e era combatido pelos federalistas. Estes também contavam com os seus jornais, sendo *A Reforma*¹⁰² o principal deles, embora a maioria estivesse praticamente impossibilitada de publicar qualquer coisa contra o governo:¹⁰³

Essa intervenção da imprensa nos acontecimentos se caracteriza notadamente, a partir do segundo semestre de 1893, quando contribuiu para a criação do clima revolucionário, através do Estado. A desmontagem da máquina liberal peb castilhismo, marcada por atos de violência, encontrou eco e amplificação na imprensa oposicionista, empenhada na divulgação das chamadas ‘notícias alarmantes’ e na denúncia dos ‘atos criminosos’ da situação. (RÜDIGER, 1984, p. 27)

¹⁰² Uma das sessões mais lidas de *A Reforma* na época chamava-se *Tiro ao Alvo*, conforme lembra Gustavo Moritz. “Também se salientava, nessa época, pelos golpes certos que desferia na sua secção ‘Tiro ao Alvo’, que aparecia na *Reforma*, o ilustre jornalista e tribuno Rio-grandense Germano Hasslocher, de quem os propagandistas vinham guardando, desde os últimos tempos do império, um profundo sentimento de rancor”. *Acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul: partes I e II*. Op. cit., p. 154.

¹⁰³ O cerceamento da liberdade de expressão começa com a suspensão da publicação dos jornais *O Rio Grande*, órgão da dissidência republicana, e *Nacional*, de Pelotas. *A Reforma*, então o maior jornal em circulação e tiragem do Estado, desaparece junto com os seus redatores. Também são empastelados *O Federalista*, em Cachoeira, *A Ordem*, em Jaguarão, e o *XV de Novembro*, em Bagé. RÜDIGER, Francisco. *A imprensa: fonte e agente da Revolução de 93*. Op. cit., p. 28.

Além de distribuir boletins engrandecendo as vitórias do Governo, *A Federação* tinha o papel de tentar anular a propaganda federalista, que disseminava boatos e informações falsas sobre o conflito. O objetivo da estratégia federalista era desestabilizar a situação através de uma guerra psicológica protagonizada de boca em boca entre a população. *A Federação* afirmava: “Este trabalho de demolir boatos, de prevenir o público, de resguarda-lo da calúnia, da mentira e da torpeza aborrece-nos”.¹⁰⁴ Sob os efeitos desta conjuntura revolucionária, conclui Rüdiger em seu estudo sobre a participação da imprensa como fonte e agente do conflito, “a imprensa republicana manteve uma posição de intransigência em torno dos princípios do partido, de negar qualquer concessão, excetuadas aquelas relativas às garantias de vida e propriedade” (1984, p. 34). Já os federalistas apresentaram “um pragmatismo político maior, formulando suas alternativas ideológicas em função dos obstáculos e disponibilidades encontradas em seu campo de ação”. Ainda segundo Rüdiger (1984, p. 35), “os republicanos, a partir de 1893, empreenderam um esforço de maior diferenciação no seu interior, procurando introduzir elementos de ideologia de cunho econômico e social que visaram a conquistar e levar em conta as outras classes e frações de classes sociais, atingidas por esse campo de lutas”.

Ao menos oficialmente, Júlio de Castilhos afastou-se de *A Federação* desde que assumiu a Presidência da Província, em 1891.¹⁰⁵ Seu nome não aparecia mais no cabeçalho do jornal. No entanto, embora não interferisse diretamente, Júlio de Castilhos continuava exercendo controle sobre a imprensa oficial do partido. Décio Freitas¹⁰⁶ diz que, enquanto presidente, “Castilhos revia e alterava os artigos a serem publicados n’*A Federação*”. Depois que deixou o cargo até o ano de sua morte,¹⁰⁷ em 1903, Júlio de Castilhos continuou controlando as publicações do jornal.¹⁰⁸

Após a virada do século, o jornalismo político-partidário continuou predominando sobre as correntes literária e noticiosa no Rio Grande do Sul. Ao contrário dos outros centros,¹⁰⁹ onde novos processos de apuração de notícias avançavam rapidamente e o

¹⁰⁴ *A Federação*, editorial de 24-IX-93.

¹⁰⁵ PESAVENTO, Sandra Jatay. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 77.

¹⁰⁶ FREITAS, Décio apud HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *Júlio de Castilhos: jornalista em combate aos sofismas liberais*. Op. cit., p. 4.

¹⁰⁷ “Seus pesarosos discípulos organizaram as exéquias mais ostentosas que o Estado jamais vira, e *A Federação* tarjou suas páginas de preto, durante meses.” In: LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 88.

¹⁰⁸ Idem. “Castilhos decidia sobre a nomeação dos funcionários públicos e mantinha o controle d’*A Federação*, órgão oficial do governo e do partido, no qual nada se publicava sem seu ‘nihil obstat’”.

¹⁰⁹ No Rio de Janeiro, João do Rio transformava a crônica em reportagem e assumia pela primeira vez na imprensa brasileira o papel de repórter, cuja função era entrevistar para apurar as informações, uma característica primária do jornalismo moderno, mas que na época era desconhecida nas redações. “A fase 1900-1920, liderada

jornalismo engajado entrava em decadência, no Estado o tempo ainda não admitia “o jornal que quer timbrar de independente e imparcial perante a opinião pública”.¹¹⁰ No interior, o movimento mais comum não foi a conversão da atividade aos novos conceitos em ascensão, mas sim a adaptação ao velho regime jornalístico. Além disso, havia uma mentalidade dominante conservadora para a qual o jornalismo literário-noticioso era visto de forma negativa, como “objeto de exploração mercantil” (RÜDIGER, 1984, p. 53), um negócio suspeito que recorria a expedientes às vezes ilícitos para “aumentar o valor relativo dos números escriturados no crédito do caixa” (RÜDIGER, 1984, p. 53). Esta postura tradicional, atrelada a valores sociais e códigos morais que vinham desde o surgimento da imprensa, também contribuía para tardar o desenvolvimento das tendências em curso. “Trinta anos depois, em 1917, *A Federação* era um jornal de grande prestígio” (DILLENBURG, p. 14).

Porém, o modelo de imprensa enquadrado no conceito de empresa jornalística avançava silenciosamente e tinha como principal representante o *Correio do Povo*. Fundado em 1895 pelo sergipano Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, o jornal está diretamente ligado ao jornalismo moderno do Rio Grande do Sul. Caldas Júnior havia se mudado para o Sul ainda criança e acabara sendo introduzido no jornalismo por Gaspar Silveira Martins como revisor de *A Reforma*. Mais tarde tornou-se redator-chefe do *Jornal do Commercio* e, como era comum na época, “levantou um pequeno capital entre o comércio porto-alegrense e montou seu próprio jornal” (RÜDIGER, 1993, p. 58), que se apresentou ao público como “órgão de nenhuma facção partidária, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna” (RÜDIGER, 1993, p. 58).

O *Correio do Povo* não foi o único periódico a surgir na época com esse tipo de proposta editorial. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, já tirava cinco mil exemplares por dia e também era considerado respeitável e imparcial. No entanto, a novidade apresentada pelo *Correio do Povo* e que vai determinar o seu sucesso é a postura empresarial administrativa imposta pelo gerente do negócio. Em geral, como aponta Rüdiger (1993, p. 59), os jornais independentes da época constituíam empresas apenas no nome e o seu cunho era mais estatutário do que empresarial e capitalista. Para estes, bastava que o jornal não significasse prejuízo e não havia qualquer propensão de reinvestimento dos lucros. Caldas Júnior pensou diferente e conseguiu capitalizar o empreendimento com redução de custos e aumento da produtividade. Para fazer isso, reformou as oficinas, adquiriu os mesmos

jornalisticamente por João do Rio, transforma aquilo que se poderia chamar de rotina de jornal, no Brasil, no século XX”. In: MEDIDA, Cremilda de Araújo. *Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. Op. cit., p. 67.

¹¹⁰ *O Onze de Julho*, Pelotas, 2/7/1889 apud RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Op. cit., p. 50.

maquinários utilizados pela imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo e aumentou o número de páginas e o formato da folha sem custo adicional ao leitor.

Deste estágio inicial para o seguinte o *Correio do Povo* deixou para trás todos os seus concorrentes em termos de expansão empresarial. A redução de custos permitiu um rápido crescimento nos pequenos anúncios, o que gerou aumento de vendas e criou leitores para os principais anunciantes (RÜDIGER, 1993, p. 60). Dos mil exemplares iniciais, o jornal saltou para 10 mil em 1910, mesmo ano em que Caldas Júnior adquiriu a primeira impressora rotativa no Estado. Nos anos seguintes o empresário completou esse ciclo de renovação tecnológica com a compra das quatro primeiras linotipos da imprensa no Rio Grande e com a inauguração, em 1912, do “serviço fotográfico”. Na edição do dia 13 de janeiro daquele ano, o jornal trazia na primeira página uma fotografia “movimentada”, clara, impressa com precisão de detalhes e com a adequada legenda informativa. “Fotografia ampliada, ontem, a bordo do Itapema, por ocasião da chegada do Dr. João Simplício, secretário da Escola de Engenharia”.¹¹¹

A novidade irritou os concorrentes, mexeu com a cidade, alegrou os amigos do jornal, acabrunhou os adversários e levantou dúvidas dos incrédulos.

– Aí tem coisa... – resmungavam os mais céticos. (GALVANI, 1995, p. 159)

A penetração do *Correio do Povo* em todo o território gaúcho foi notável nas duas primeiras décadas do século passado e acompanha o acelerado processo de desenvolvimento econômico comercial da época. Dentro deste contexto, apesar de declarar-se no editorial de seu primeiro número¹¹² como um veículo comprometido com toda a massa, o *Correio* será visto por muitos como um instrumento identificado com a nova burguesia gaúcha, formada em geral por pequenos comerciantes e estancieiros ligados à área agrícola ou pecuária.¹¹³ Galvani nota que o *Correio do Povo* tinha indiscutíveis raízes no patriarcado rural, mais por vocação do que por origem do fundador, e que “aos poucos ele foi se tornando o órgão por excelência da pequena burguesia, embora mantivesse abertas suas colunas, por definição

¹¹¹ GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*, 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995, p. 159.

¹¹² “Como seu título indica, será uma folha essencialmente popular, pugnando pelas boas causas e proporcionando aos seus leitores informações detalhadas sobre tudo quanto há diariamente ocorrendo no desenvolvimento do nosso meio social e nos domínios da alta administração pública do Estado e do País. Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma única facção”. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 1º, out., 1895.

¹¹³ Nelson Werneck Sodré nota que: “O traço burguês da imprensa é facilmente perceptível, aliás, nas campanhas políticas, quando acompanha as correntes mais avançadas, e em particular nos episódios mais críticos, os das sucessões”. *História da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 276.

histórica, a todas as correntes de pensamento e suas fileiras a redatores de todas as procedências” (GALVANI, 1995, p. 536).

Tão surpreendente foi o avanço do jornal que o mesmo passou a ser visto com certa “mística” pelos concorrentes e até pelos leitores. Para *A Época*,¹¹⁴ a supremacia inquestionável do *Correio do Povo* envolvia um “fenômeno psicológico que só os filósofos poderiam penetrar”. O redator diz que “trata-se de um jornal meramente informativo”; “nem sequer tem opinião própria nos graves casos em que se envolve a opinião pública”, na medida em que “se limita a narrar os acontecimentos em estilo de tamancaria”.

Na verdade, o *Correio* soube transferir para a sua linha editorial as principais correntes do jornalismo e transformá-las em informação de consumo para os leitores. Nas suas páginas abrem-se espaços para as notícias dos principais acontecimentos e para os artigos de lazer, principalmente a publicação dos folhetins,¹¹⁵ que eram produtos do jornalismo literário e tinham grande aceitação do público leitor. A boa receptividade desse formato de literatura que chegava às casas via jornal fez com que os jornais de teor informativo, inclusive o *Correio*, passassem a pagar bem aos escritores pela publicação de suas crônicas ou fragmentos de romances. “Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (SODRÉ, 1983a, p. 292). Além da ficção, o jornal sempre traz artigos interpretativos sobre os principais acontecimentos da época, como as campanhas eleitorais, o naufrágio do Titanic, a passagem do cometa Halley e a Primeira Guerra Mundial.

Nesta fase de infância das relações capitalistas, as forças que dominavam a imprensa de modo geral se dividiam entre o Estado e o capital. Por se tratar de uma época de transições, era difícil um jornal posicionar-se exclusivamente de um único lado. Por isso parece contraditório, como destaca Sodré (1983a, p. 278), que um jornal enquanto empresa capitalista esteja também na posição de servidor de um poder que corresponde a relações pré-capitalistas:

[...] os jornais eram empresas capitalistas, isoladamente considerados, mas inseridos no conjunto em que predominavam o Estado e o capital comercial, correspondendo aquele principalmente às forças pré-capitalistas ainda majoritárias no país.

¹¹⁴ *A Época*, Porto Alegre, 18/9/1922 apud RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Op. cit., p. 60.

¹¹⁵ Cláudio Mello e Souza entende que “se os temas políticos continuavam a ser debatidos pelos jornais, com todo o estardalhaço, os leitores já não se deixavam seduzir como antes. A ficção passou a ser mais fascinante que a realidade. Daí o sucesso alcançado pelos autores nacionais e estrangeiros que publicavam, em capítulos, as suas histórias, umas, delirantes e fantasiosas, outras, mais próximas da realidade”. In: *Impressões do Brasil: a imprensa brasileira através dos tempos. Rádio, jornal, TV*. São Paulo: Práxis Artes Gráficas, 1986, p. 89.

Mesmo para o *Correio do Povo*, que se declarava um jornal isento, não foi fácil manter essa postura, seja pelo ângulo de abordagem de um assunto, seja pela sua não-publicação. Partindo-se da definição de Vladimir Hudec,¹¹⁶ de que o jornalismo não existe de uma forma abstrata e que ele “é sempre concreto, ligado a uma certa classe social cujos interesses expressa, defende e apóia de um modo mais ou menos evidente”, chega-se às conclusões de Galvani, de que o *Correio* participou, sim, de alianças políticas, apoiou e combateu movimentos revolucionários, bem como se posicionou sempre em defesa do que classificava em editoriais “ideologicamente decisivos: liberdade, democracia, livre iniciativa ou a defesa dos interesses e aspirações populares – que não se confundem com demagogias, charlatanismos e agitações”.

Sem abandonar nunca sua vocação histórica, o *Correio* indiscutivelmente foi fiel às suas origens, embora a tese da sua imparcialidade não resista a um exame mais aprofundado, em momento algum. Ele sempre tomou partido, mesmo que fosse em termos de grandes idéias, vistos aí aqueles coincidentes com os projetos da classe social dominante. (GALVANI, 1995, p. 537)

No momento histórico que a pesquisa abrange, o período em que o *Correio* deixa transparecer de forma mais clara o seu posicionamento político acontece naqueles instantes que antecedem a eclosão do manifesto revolucionário de 1930. Essa postura ideológica do principal jornal do Rio Grande do Sul interessa ao estudo porque ela influencia diretamente sobre os personagens de Erico Verissimo em *O Tempo e o Vento*. Em abril de 1928, segundo Galvani (1995, p. 546), o *Correio do Povo* se integra “à campanha da aliança liberal, apoiando Getúlio Vargas e João Pessoa abertamente”. A mesma tendência da empresa jornalística é apontada por Harry Rodrigues Bellomo,¹¹⁷ quando aponta que o *Correio* continua transcrevendo editoriais da imprensa carioca e paulista, principalmente a imprensa de oposição, como o *Correio da Manhã*, o *Estado de São Paulo* e *A Noite*, para tentar manter uma “aparência de neutralidade” que não corresponde à verdadeira posição do jornal:

Analisando o *Correio do Povo* no período que antecede à eclosão do manifesto revolucionário de 1930, pode-se constatar que, a julgar pelas notícias vinculadas, não existia crise no Brasil. As poucas referências são transcrições de debates da Câmara Federal.

No mês de setembro começam a aparecer editoriais de jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, de feição oposicionista. O *Correio* procura manter a ficção de jornal neutro. No entanto, os editoriais dos jornais governistas raras vezes são transcritos.

¹¹⁶ HUDEC, Vladimir. *O que é jornalismo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1980, p. 25.

¹¹⁷ BELLOMO, Harry Rodrigues. A Revolução de 30: eclosão. In: FLORES, Hilda A. Hübner (org.). *Correio do Povo – 100 anos*. Porto Alegre: Círculo de Pesquisas Literárias/Nova Dimensão, 1995, p. 78.

Assim a posição do *Correio* vai se definindo. Após o início do movimento, o jornal toma claramente posição favorável aos revolucionários.

Na segunda metade dos anos 1920, a maioria dos jornais que sobreviveu à Revolução de 1923 continuou constituindo postos de combate e arma de crítica política. Porém, o jornalismo político-partidário dá sinais de que está se extenuando, tendo duas causas determinantes para que isso ocorra. Uma delas foi a mutação no processo de desenvolvimento da sociedade, que possibilitou a consolidação de diversas camadas médias, com a diversificação dos públicos e a renovação de práticas culturais. Nesse ambiente, constata Rüdiger (1993, p. 39), as condições históricas que permitiam a existência dos jornais partidários não eram mais as mesmas e não havia estrutura necessária à sua produção. À medida que o público se diversificava, crescia a demanda por padrões gráficos e editoriais que não eram mais condizentes com o “regime” político-partidário. Outra causa para o estabelecimento do jornalismo informativo estava diretamente ligada à questão econômica. Após a Primeira Guerra Mundial, uma forte crise afetou os preços do material de imprensa, principalmente os insumos com tinta e papel. Além disso, uma forte retração no mercado interno causada pela política de valorização do café acabaria prejudicando as empresas que ainda não estavam atuando em bases administrativas sólidas. O jornal *A Federação*, que em 1920 tinha uma tiragem de 12 mil exemplares, chega em 1930 com apenas cinco mil.

A decadência do castilhismo-borgismo implicava também o retraimento de *A Federação*. Instrumento ideológico do regime, tornava-se incapaz de fornecer as respostas exigidas pela nova realidade histórica. A impetuosidade cede lugar à cautela e o comedimento nas posições assumidas; o discurso político mais eclético substitui a intransigência doutrinária. (RÜDIGER, 1984, p. 20)

Neste novo cenário político e social que estava se consolidando na sociedade gaúcha, o *Correio do Povo* continuou fortalecendo sua influência. Com o fechamento do *Jornal do Commercio*, em 1912, apenas em 1925 o *Correio* teve um concorrente à altura. Trata-se do *Diário de Notícias*,¹¹⁸ que já havia sido lançado sem sucesso em 1911 por diversos editores que haviam arrendado uma empresa montada por comerciantes alemães. Naquela época, o *Diário* era composto por maquinário moderno e introduziu novidades no periodismo, como a reportagem sobre temas cotidianos. No entanto, não resistiu ao

¹¹⁸ “A proposta do seu corpo de redatores era fazer um jornalismo moderno, que se empenhou bastante em promover campanhas de opinião pública, pelo menos em sua primeira fase. O parque gráfico foi montado dois anos depois do seu lançamento e dispunha de possante rotativa, que permitiu o aumento das tiragens com barateamento dos custos. Porém, o forte do jornal era o departamento comercial, que carregou grande volume de anúncios para o jornal”. *Tendências do jornalismo*. Op. cit., p. 60.

preconceito político contra as empresas capitalistas – fato agravado por sua relação com alemães, que eram estigmatizados devido à intervenção do Brasil na Guerra Mundial – e pela falta de espaço social receptivo. Assim, o *Diário de Notícias* somente voltou a circular numa situação em que havia mercado favorável aos seus projetos e, em 1930, já era o segundo jornal mais importante, com uma tiragem de 25 mil exemplares.

No limiar dos anos 1930, a imprensa gaúcha entra definitivamente na era do jornalismo enquanto prática de indústria cultural, muito embora o caráter político do jornalismo continue ainda por muitos anos, disfarçado sob a cartola de “políticas noticiosas” sutis e eficazes. Apesar de ainda surgirem alguns periódicos de cunho político mais escancarado, como o *Jornal da Manhã* e o *Jornal da Noite*, ambos seguidores da orientação de Flores da Cunha e seu Partido Republicano Liberal, a decretação do Estado Novo pelo governo de Getúlio Vargas deu fim à extensa maioria deles, inclusive *A Federação*, em 1937, que anos antes já havia sido transformado em Diário Oficial.¹¹⁹ Já o *Correio do Povo* continuará liderando por muitos anos o processo de industrialização da imprensa gaúcha.

¹¹⁹ “Em maio de 1935, *A Federação* anunciava o surgimento, para o dia seguinte, do Diário Oficial, editado pelo Governo do estado, que se encarregaria de atos e resoluções, leis, decretos e demais assuntos oficiais, que desde janeiro de 1933 vinha desempenhando, aliado às funções de jornal informativo e de combate. Com essa separação, *A Federação* volta a ser como antes, um jornal partidário. Na edição do dia 1º/07/1935, o jornal de Júlio de Castilhos adotava como subtítulo a frase “Órgão do Partido Republicano Liberal, em substituição a antiga denominação de Diário Oficial do Governo do Estado do Rio Grande do Sul”. DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Quatro publicações marcantes no jornalismo rio-grandense*. Op. cit., p. 15.

2.3 SANTA FÉ NAS FOLHAS D'A VOZ DA SERRA

Flávio Loureiro Chaves (1972, p. 84) diz que “a generosidade de Erico Verissimo em relação ao mundo das personagens jamais inclui a falsificação da realidade”. Isso explica, no entendimento de Chaves, por que as crônicas escritas pelo autor não escondem certo ceticismo em relação à condição do homem, uma característica subjacente à concepção cíclica da História visível na estrutura global de *O Tempo e o Vento*. Por hora, não se faz primordial interpretar a posição humanista do escritor frente ao seu universo, tema que será abordado na última parte da pesquisa. O que interessa neste momento do estudo, partindo-se deste pressuposto de Chaves, é buscar entender o papel desempenhado pelo jornal fictício *A Voz da Serra* no romance, considerando-se todo o contexto político e social nele representado. Para tanto, inicia-se a argumentação partindo daquilo que observou Maria da Glória Bordini (1995, p. 188) sobre a concepção da narrativa estudada:

O Tempo e o Vento é gerado a partir de uma intenção de reviver o passado familiar e rio-grandense, mas cada volume se apóia em imagens simbólicas: a índia grávida do futuro, o retrato da decadência, a busca do pai perdido.

Essas imagens simbólicas de que fala Maria da Glória Bordini compõem a técnica do autor de escrever o romance em blocos independentes, com diferentes enquadramentos temporais e práticas sociais que, segundo ela, permitem o desdobramento temático das imagens e garantem a unidade do conjunto. Nos episódios analisados, percebe-se que o *A Voz da Serra* também surge como um símbolo que acompanha até o momento do desfecho da narrativa o destino dos personagens centrais e da sociedade representada. Assim como os símbolos exemplificados por Maria da Glória Bordini estão intrinsecamente ligados a uma representação temporal com o objetivo de, nas concepções ideológicas propostas, saciar a necessidade de transferir o real para a ficção, o jornal se insere num período importante de formação de consciência – política, social, histórica, etc. – dos personagens.

Dentro desta perspectiva, para visualizar melhor como isso acontece substitui-se a palavra imagem por mensagem e chega-se ao ponto que o jornal dirigido por Amintas Camacho pode ser encarado como um espelho que não apenas reflete a mimese da História, mas também interfere nas vidas dos personagens enquanto agentes integrantes do seu habitat social, sobre o qual exercem influência e são influenciados.

O jornal *A Voz da Serra*¹²⁰ é introduzido na narrativa no episódio “Chantecler”, em *O Retrato*, que se passa entre os anos de 1909 e 1910. Rodrigo Cambará havia acabado de chegar de Porto Alegre e recebe uma visita de Amintas Camacho. O jornal funcionava a serviço do intendente republicano Aristiliano Trindade, o qual confiara ao redator a incumbência de apresentar as boas-vindas ao jovem Cambará e investigar a inclinação política do recém chegado. Na época retratada no romance, as bases partidárias estavam às voltas com a eleição para Presidente da República. No Rio Grande do Sul, os republicanos eram soberanos no governo do Estado desde a Revolução Federalista e havia um sentimento mal contido de rancor por parte dos federalistas. Neste contexto, *A Voz da Serra* faz a propaganda do candidato gaúcho Marechal Hermes da Fonseca, mas a família Cambará, que outrora estivera ao lado dos republicanos, agora pende para o candidato civilista Rui Barbosa.¹²¹

Rodrigo recebe o redator a contragosto e acaba se sentindo insultado quando este apenas comenta se “o prezado amigo naturalmente vai votar no nosso coestaduano Hermes da Fonseca”. Quando entende o sentido da visita, Rodrigo controla-se para não agredir o redator e, à porta do Sobrado, aperta com constrangimento a mão do homem. Em seguida, o irmão Toríbio sentencia o sentimento da família em relação ao periódico de Santa Fé:

O Amintas é um cafajeste, um capacho do Titi Trindade. O jornal dele é uma latrina. (O RETRATO I, p. 85)

A partir deste encontro protagonizado em *O Retrato*, o jornal *A Voz da Serra* e a família Cambará estarão em lados opostos numa guerra ideológica que inclui ofensas declaradas e até agressões físicas. Como se viu no capítulo anterior da dissertação, nos primeiros anos do Século XX o jornalismo gaúcho vive uma fase de transição do “regime” político-partidário para o informativo, que converge para os novos conceitos de empresa capitalista. As folhas que adotavam linhas editoriais baseadas mais na informação do que na formação de opiniões já se faziam presentes, mas a prática do engajamento político pelas páginas dos jornais ainda era mais comum no Estado. Muitos periódicos eram criados exclusivamente para circularem durante as campanhas eleitorais, para em seguida serem

¹²⁰ A princípio, não há referências de que Erico Verissimo tenha se inspirado em algum periódico verdadeiro da época para criar o *A Voz da Serra*. Embora tenha existido um jornal com o mesmo nome, fundado em Erechim em 1929. In: SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo et BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Corag, 1986.

¹²¹ Sobre essa fase da imprensa, Sodré diz que: “A imprensa iria, agora, atravessar a primeira de suas fases tormentosas no regime republicano. Já em 1908 começavam a surgir os sintomas preliminares da luta que, com a derrota do movimento civilista, encabeçado por Rui Barbosa, terminaria por caracterizar-se no turbulento período presidencial de Hermes da Fonseca”. *A história da imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 327.

fechados. Em *O Tempo e o Vento* essa postura da imprensa é captada pelo autor e representada enquanto “arma” eficaz de divulgação e convencimento de idéias. Nas palavras dos personagens:

Rodrigo encarou o pai:
 – Por essa e por outras é que precisamos ter o nosso jornal.
 Depois dum instante de reflexão, Licurgo deu uma resposta evasiva:
 – Me contaram que os federalistas vão fundar um jornal em Cruz Alta pra fazer propaganda da candidatura do Dr. Rui Barbosa...
 – Como este mundo dá voltas! – riu Toríbio. – O senhor vai votar no candidato dos maragatos, hein, papai? (O RETRATO I, p. 85)

No entanto, o papel de *A Voz da Serra* em *O Tempo e o Vento* não se resume a ser exclusivamente uma bandeira da causa republicana. Em vários momentos do romance o narrador utiliza o jornal para reproduzir acontecimentos históricos pinçados da realidade ou para descrever e situar a sociedade santa-fezense no cenário rio-grandense e brasileiro. Essa função do jornal como um espelho social de Santa Fé aparece com força em “Chantecler”, quando o narrador diz que “o cronista social d’*A Voz da Serra* usava todos os anos da mesma chapa para descrever os *réveillons* de 31 de dezembro” (p. 130-132). A partir desta introdução, segue uma descrição detalhada do baile de gala do Clube Comercial, com informações sobre a fundação do clube e seus principais freqüentadores. Neste fragmento o narrador aproveita-se do conteúdo do artigo, que começava com “nos seus salões iluminados feericamente reuniu-se o que nossa cidade tem de mais fino e representativo”, para descrever como era constituída a elite social de Santa Fé, dividida entre os fazendeiros do patriarcado rural e os comerciantes mais fortes da cidade. Sabe-se a partir deste trecho como os representantes dessa elite se comportavam em relação à política, como valorizavam o patrimônio moral e a tradição, como educavam seus filhos e como era a sua relação com as letras e o capital.

Em todo o trecho narrado, o autor tenta estabelecer um contraponto entre a retórica do texto jornalístico, publicado em *A Voz da Serra* naquela crônica de final de ano, e a “realidade” da sociedade de Santa Fé. O cronista costumava falar da nata da sociedade que fazia parte do Clube, das deslumbrantes jóias que as damas abrihantavam no *réveillon* e enumerava algumas das “famílias tradicionais da nossa comuna”. O narrador, por sua vez, lembra que a diretoria havia “afrouxado um pouco o crivo por onde ordinariamente fazia passar os que se candidatavam ao seu quadro social” e que as mulheres pobres do lugar não tinham dinheiro para comprar tais adereços. Classifica, ainda, as faixas em que se dividiam as

classes sociais da cidade, colocando as pessoas que não tinham fortunas particulares nem tradições, mas gozavam da importância do cargo que ocupavam ou de algum título, como os juízes, os promotores, os oficiais da guarnição federal, médicos e advogados “quase no mesmo nível dos estancieiros”. A terceira camada era formada pelos estancieiros e comerciantes de menor importância econômica ou que, embora possuíssem tradição de família, haviam perdido sua fortuna. Por fim, aparecem os funcionários públicos, “sempre muito mal pagos”, as pessoas de profissão incerta e principalmente “uma legião de empregados do comércio.” Logo em seguida, um fragmento de artigo de *A Voz da Serra*¹²² serve para introduzir um diálogo de Rodrigo com o juiz Dr. Eurípedes Gonzaga sobre os preconceitos raciais e sociais que estavam impregnados nos modos rudes daquela gente.

As diferentes direções por onde se move o narrador no diálogo entre ficção e história em *O Tempo e o Vento* são apontadas por Marilene Weinhardt.¹²³

O narrador estende-se em minúcias sobre a história da família, da constituição das classes sociais, da sexualidade, dos hábitos da vida no espaço doméstico e social, da alimentação, do vestuário, da música, dos modos de lazer, dos meios curativos; acompanha a instalação e o incremento do consumismo; reconstitui o percurso dos sistemas de comunicações, particularmente do papel do jornal como difusor de informações e formador de opiniões e de hábitos.

Analisando-se todas essas minúcias de que fala Marilene Weinhardt é possível confirmar, então, que a maioria delas são introduzidas em algum momento da narrativa pelas páginas de *A Voz da Serra*. Nos episódios estudados, os habitantes da pequena cidade interiorana enxergam a si próprios no jornal fictício e se identificam enquanto membros atuantes daquela sociedade em transformação. Das páginas de *A Voz da Serra* saem as palavras que instigam os homens a se posicionarem politicamente nos instantes mais importantes dos acontecimentos, mas saem também preciosas descrições do narrador sobre os hábitos dos personagens.

Neste momento da narrativa, ainda em 1910, que se concentra na disputa eleitoral presidencial, *A Voz da Serra* e Amintas Camacho respondem no mesmo tom as ofensas publicadas por Rodrigo Cambará em *A Farpa*. A linguagem virulenta dos artigos, como se viu na última parte do capítulo 1, segue o mesmo modelo jornalístico que caracterizava a grande parte da imprensa gaúcha. Fazendo uma analogia aos dois jornais que melhor representam as

¹²² “que nossa Santa Fé é uma cidade verdadeiramente democrática, pois aqui não existem preconceitos de raça, de classe ou de dinheiro: o que vale para nós é a qualidade pessoal do indivíduo”. *O retrato I*. Op. cit., p. 134.

¹²³ WEINHARDT, Marilene. Um diálogo entre ficção e história. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

fases do jornalismo do Rio Grande do Sul, pode-se dizer que em questões de política *A Voz da Serra* repete os recursos utilizados pelo *A Federação*, como se fora uma sucursal deste em Santa Fé. Seu correspondente, Amintas Camacho, usa mais a técnica da reprodução do que de produção de mensagens, uma vez que também integra todo o conjunto simbólico refletido no jornal, e não deixa de sofrer as conseqüências por isso. Ele corre o risco de morrer pelo que escreve sobre o conflito ocorrido no pleito que acabou na morte de um filho dos Macedo, família que votava contra a situação. Pior que o perigo de sofrer um ataque e ter a redação empastelada, é ser ridicularizado como na cena em que Toríbio Cambará distribui exemplares de *A Farpa* e Amintas Camacho se vê obrigado a apanhar um.

Depois enfiou pela Rua Voluntários da Pátria, sempre em ziguezague e, ao cruzar a esquina da Rua do Poncho Verde, avistou o Amintas, que caminhava na calçada oposta. Fez o cavalo atravessar a rua a trote e gritou: “Pára aí, cachorro! Tenho um presente pra ti!” Ao avistar Toríbio Cambará, o redator d’*A Voz da Serra* recuou alguns passos e encostou-se na parede, amarelo de pavor. Toríbio entregou-lhe um jornal, que ele apanhou automaticamente, os olhos muito arregalados e turvos de medo fitos no rosto do cavaleiro. O bragado estava a encostar o focinho na cara do rábula. ‘Não tenhas medo que não vou te fazer nada, miserável! Não costume surrar em fêmea’. Meteu os calcanhares nos flancos do animal e gritou: ‘Vamos embora, bragado velho, porque isto aqui está fedendo!’ (O RETRATO I, p. 295)

Após esta época de rusgas políticas cujas tensões são canalizadas para a imprensa, mais precisamente pela oposição entre *A Voz da Serra* e *A Farpa*, o jornal perde espaço para o *Correio do Povo* e a revista francesa *L’Illustration*, que figuram com mais freqüência como fontes de informação e impulsos de reação dos personagens na narrativa. No episódio “A Sombra do Anjo”, que se passa entre 1914 e 1915, quando o enredo gira em torno dos protestos contra a candidatura de Hermes da Fonseca ao Senado e o assassinato de Pinheiro Machado, é com a reprodução de artigos do cronista de *A Voz da Serra* que o narrador descreve a festa de carnaval dos santa-fezenses, “o mais belo destes últimos anos, e da autoria do habilidoso artista conterrâneo, Sr. José Pitombo” (O RETRATO II, p. 454).

No entanto, a vocação primordial do jornal *A Voz da Serra* em *O Tempo e o Vento* está histórica e jornalisticamente ligada ao partidarismo político. Suas folhas são editadas a partir de ordens que saem da intendência controlada pelo poder republicano, muito embora o jornal não se esquive totalmente de um recurso de estilo mais sensacionalista, como no noticiário sobre a peste bubônica.¹²⁴ A postura editorial a serviço dos ideais republicanos

¹²⁴ “Janeiro de 1923 entrou quente e seco. Maria Valéria e Flora andavam alarmadas: os jornais noticiavam casos de bubônica em várias localidades do Estado. E quando *A Voz da Serra*, sob cabeçalhos sensacionais, anunciou a

volta a se manifestar com força no romance nos episódios que envolvem a Revolução de 1923. A situação posta no episódio “O Deputado” é a seguinte:

Rodrigo Cambará havia renunciado publicamente ao cargo de deputado republicano na Assembléia e passara para o lado da Aliança Libertadora, que apoiava o candidato Assis Brasil à presidência do Estado contra o contestado Borges de Medeiros,¹²⁵ há vários anos no poder. Enquanto prepara a saída do partido, Rodrigo já planeja fundar um novo jornal em Santa Fé para combater o *A Voz da Serra*. O combate vai iniciar bem antes, portanto, do surgimento de *O Libertador*. Assim que retorna a Santa Fé, ele é recebido pelas saudações dos correligionários e pela notícia estampada no jornal situacionista: “Chega hoje o ladrão vira-casaca” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 125).

A ofensa pública desencadeia a raiva de Rodrigo Cambará, que invade a redação de *A Voz da Serra* para agredir Amintas Camacho. A partir desse novo encontro entre os personagens, o jornal fictício passa a duelar com os jornais “reais” na publicação de notícias sobre o resultado da eleição e, posteriormente, sobre o andamento da revolução desencadeada pela vitória de Borges de Medeiros. Neste conflito, Licurgo Cambará lidera uma coluna revolucionária que participa ativamente da luta armada. Os habitantes do Sobrado ficam apreensivos à espera de informações sobre o paradeiro dos soldados. As notícias chegavam ao som de rojões, soltos nas proximidades da praça para avisar a população de que havia alguma novidade na guerra. O boletim de notícias era afixado num quadro-negro, em frente à Intendência, pelo Madruga. Um deles fora transcrito na íntegra por *A Voz da Serra*¹²⁶ e dizia o seguinte:

A famigerada Coluna Revolucionária de Santa Fé, comandada pelo conhecido mazorqueiro Licurgo Cambará, com seus bandidos armados de lanças de pau, armas descalibradas, espadas enferrujadas, anda correndo pelos campos do interior do nosso município, carneando gado alheio, roubando estâncias e casas de comércio, desrespeitando mulheres e espancando velhos indefesos. Os bandoleiros assististas recusam combate e fogem sempre à aproximação da vanguarda da coluna republicana do bravo Cel. Laco Madruga, baluarte do borgismo na Região Serrana. Quanto tempo durará ainda essa comédia? (O ARQUIPÉLAGO I, p. 275)

Nestes episódios da trama que se passam durante a revolução de 1923, o jornal *A Voz da Serra* reproduz em Santa Fé o discurso e os métodos de persuasão da imprensa

descoberta de um doente suspeito no Purgatório e de outro no Barro Preto, as mulheres do Sobrado iniciaram uma campanha meio histórica contra os ratos”. O Arquipélago I. Op. cit., p. 245.

¹²⁵ “O Chefe foi eleito para o quinquênio 1913-1918, e depois reeleito pra o quinquênio 1918-1923, se bem que para alcançar os ¾ do eleitorado até defunto apareceu na lista que aumentava os votos pica-paus”. LESSA, Barbosa. *Borges de Medeiros*. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1985, p. 76.

¹²⁶ Idem, p. 275.

republicana da história real. Como nota Jean-Pierre Faye,¹²⁷ “os discursos formam uma economia que traduz as relações e as transformações nas relações entre os grupos políticos e as classes sociais, configurando campos discursivos que não se limitam a retratar os acontecimentos, mas também a pôr em jogo vários sistemas de ações”. No caso do romance, os discursos simbólicos do jornal de Amintas Camacho são direcionados a convencer os leitores de uma verdade que resulta em várias ações dos personagens, contrárias ou favoráveis ao conteúdo informativo da mensagem. Se a reprodução das notícias com supostas derrotas dos revolucionários não evidencia diretamente a postura do jornal, o narrador trata de esclarecer:

As notícias do Madrugá só anunciavam vitórias para os borgistas: Honório Lemes e seus ‘bandoleiros’ viviam em fuga constante, perseguidos pela tropa de Flores da Cunha; a divisão de Zeca Neto fugia também aos combates: Filipe Portinho continuava imobilizada em Erechim, de onde Firmino de Paulo esperava desaloja-lo em breve. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 345)

Não obstante, as páginas de *A Voz da Serra* não trazem apenas informações de interesse político nesta fase de luta armada. Afinal, Santa Fé “se transformava, era coisa que se podia observar a olho nu. Começava a ter sua pequena indústria, graças, em grande parte, aos descendentes de imigrantes alemães e italianos como os Spielvogel, os Schultz, os Lunardi, os Kern e os Cervi, os quais, na medida em que prosperavam economicamente, iam também construindo suas casas de moradia na cidade e estavam já entrando nas zonas até então ocupadas apenas pelas famílias mais antigas e abastadas” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 345). Sendo assim, seus habitantes começam a manifestar outras necessidades além da política e o jornal precisa atender essa expectativa. Um exemplo de variedade editorial acontece num final de semana de 1926 quando *A Voz da Serra* publica um artigo em que o fiscal paraense tenta explicar o sentido do modernismo para aquele povo de poucas letras. O teor do texto será contestado pelo promotor público, que sai em defesa do “passadismo” (O ARQUIPÉLAGO II, p. 497). O mesmo tema relacionado ao movimento modernista volta a ser lembrado, já em 1930, quando o narrador descreve a acolhida dos moradores à professora Roberta Ladário, que passara a ser um dos assuntos mais discutidos da cidade. “Bonita de cara, bem-feita de corpo e um tanto livre de hábitos” (O ARQUIPÉLAGO III, p. 613), ela havia fascinado os homens do local, mais pelo encanto natural que uma mulher solteira e sozinha, chegada de

¹²⁷ FAYE, Jean-Pierre apud RÜDIGER, Francisco. *A imprensa: fonte e agente da Revolução de 93*. Op. cit., p. 26.

outra cidade, pode provocar na comunidade interiorana do que por qualquer outro motivo. O ambiente que cerca sua presença em Santa Fé é descrito assim:

Poucas semanas depois de sua chegada, publicara no jornaleco local um poema seu que causara escândalo no plano literário por causa da ausência de rima e metro, e no plano moral pela sua natureza ardentemente erótica. Os versos eram em última análise uma descrição de corpo e dos desejos da autora. Isso não é um poema – dissera alguém. – É um anúncio! (O ARQUIPÉLAGO III, p. 613)

Desta forma, *A Voz da Serra* interage dentro da ficção de *O Tempo e o Vento* como um dispositivo que serve para posicionar os personagens em suas categorias sociais e ideológicas e para contextualizar o enredo em seu painel histórico do Rio Grande do Sul. Neste caso, discursos históricos e ficcionais se constituem num fundamento comum que, segundo Jacques Leenhardt,¹²⁸ é “a vontade de representar na linguagem os fatos e os acontecimentos segundo a modalidade do verossímil”.

¹²⁸ LEENHARDT, Jacques. A construção da identidade pessoal e social através da História e da Literatura. In: *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 42.

CAPÍTULO 3

3.1 VERSÃO JORNALÍSTICA DO FATO HISTÓRICO

Na manhã do dia 27 de junho de 1985, o vento que faz trepidar as janelas do Sobrado levanta um jornal do chão. As páginas sobem e descem em movimentos suaves e de repente ficam coladas à parede da igreja. No cabeçalho da primeira página, em letras garrafais, Fandango lê a manchete:

– OS FEDERALISTAS DERROTADOS EM CAROVI!¹²⁹

Em seguida, o jornal torna a cair e rola pela calçada Rua dos Farrapos afora.

A imagem de um jornal que flana ao vento e, ao abrir-se, revela uma notícia crucial de uma guerra civil, informa muito mais do que “apenas” o fim da Revolução Federalista e a vitória dos republicanos, representada no romance pela retirada dos revoltosos de Santa Fé. Este artifício introduzido na narrativa, e que se repete em outras duas ocasiões nas páginas seguintes,¹³⁰ sintetiza o papel que o jornalismo assume no romance enquanto veículo difusor de uma “versão jornalística” da História. A força simbólica desta passagem descrita nos instantes derradeiros de “O Sobrado” reforça a idéia de que, para o narrador de *O Tempo e o Vento*, os jornais são tão importantes quanto as armas de fogo usadas na disputa que dividiu os gaúchos entre maragatos e pica-paus.

Como apontado no capítulo anterior, os periódicos participaram ativamente desta luta ideológica pelo poder que sucede a formação da República e, de uma forma ou de outra, com fontes seguras ou meros boatos, contribuíram para os destinos políticos e sociais da província. Ao erguer o imenso painel histórico em sua trilogia, Erico Verissimo selecionou determinados acontecimentos históricos que são retratados na ficção. A maioria destes fatos que pontuam a história – real e fictícia –, como será visto na primeira parte deste capítulo, entra no romance através dos jornais e seus leitores. As notícias são reproduzidas pelos personagens, ou pelo narrador, e despertam diferentes reações em outros.

¹²⁹ O Continente II. Op. cit., p. 662.

¹³⁰ Idem. “Lá em baixo, impelido pela ventania, um pedaço de jornal arrasta-se pela rua, bate nas pernas do maragato morto, sobe-lhes pelas coxas, fica por um instante preso nas dobras do poncho e acaba por cobrir-lhe a cara”, p. 664. “O galo do cata-vento continua a rodopiar. As árvores da praça farfalham. O pedaço de jornal que cobre a cara do morto sobe de repente e começa a esvoaçar sobre os telhados, como uma pandorga extraviada”, p. 666.

Para começar uma interpretação sobre o sistema pelo qual a História se manifesta em *O Tempo e o Vento*, estando ela sempre ligada de alguma forma ao jornalismo, é preciso ter em mente primeiramente duas premissas. A primeira é que Erico Verissimo buscou de forma consciente criar um romance que mostrasse outras versões da História¹³¹ e, para isso, optou por basear-se nos jornais entre outras fontes. A segunda é que o narrador de *O Tempo e o Vento* é Floriano Cambará, filho de Rodrigo Cambará e verdadeiro alter ego do autor da trilogia.¹³² O conhecimento prévio destes preceitos facilita a compreensão da obra no que trata das intenções do narrador e do próprio autor, como será visto com mais profundidade na parte final do trabalho.

As descrições de fatos e situações da vida política e social no realismo de *O Tempo e o Vento* concentram-se em sua maioria no eixo narrativo histórico da obra.¹³³ É neste eixo que acontece a ação da narrativa, onde realidade e ficção se amarram para formar a obra planejada pelo autor. Ao analisar a sucessão temporal e a dimensão espacial na obra e na própria visão ficcional de Erico Verissimo, Antonio Candido¹³⁴ assinala que “há uma espécie de jogo fecundo entre ambas. São possivelmente dois eixos da sua sensibilidade; representam o desejo de descrever a vida como ela é num instante único do tempo, multiplicada por todos que a vivem [...]; e o de entender de que maneira os atos dos homens se engrenam com o que veio antes e o que virá depois, levando o observador a pensar nas seqüências longas e não nos momentos limitados”.

A introdução das discussões que levam a um movimento de se “pensar” um novo Brasil na estrutura do romance acontece em 1884, quando os personagens dialogam sobre escravatura, república e monarquia. Toríblio Rezende, personagem central desta fase da ação romanesca, leva as idéias republicanas a Santa Fé e contagia Licurgo Cambará. Pelas folhas de *A Federação*, Júlio de Castilhos publica seus artigos de ataque à monarquia. O pronunciamento preferido de Licurgo, que ele sabe de cor, define a idéia abolicionista. Ele

¹³¹ Sobre a reserva de Erico Verissimo em relação à história oficial, Maria da Glória Bordini diz que: “Seu projeto de imbricar vida e arte, todavia, leva-o a considerar mais os dados da experiência do que os manuais de história [...], a confiar mais nas interpretações literárias do que nas historiográficas, tendo em vista sua reserva ante as manipulações da história oficial e o caráter lacunar dos testemunhos memoriais”. O continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política. In: *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Op. cit., p. 76.

¹³² Sobre a questão do alter ego, ver nota 17 do capítulo 1.1.

¹³³ Considere-se aqui que o romance tem três eixos narrativos. Um ideológico, que acontece nos episódios “Reunião de Família”, um literário, nos “Cadernos de pauta simples”, e um histórico, onde concentra-se a extensa matéria política. BORDINI, Maria da Glória. O questionamento político em *O Arquipélago*. In: *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Op. cit., p. 125.

¹³⁴ Erico Verissimo de trinta a setenta. In: *O contador de histórias*. Op. cit., p. 41.

repete em voz alta para Fandango o artigo publicado no jornal do Partido Republicano Rio-grandense (PRR).

– Quando se trata de tornar livres todos os filhos do Rio Grande, quando urge acabar com a imoral instituição que nos macula, não deve haver partidos. Só há lugar para um partido: é o partido da moral, do direito e da liberdade, que protestam contra a escravidão. A margem, pois, das desavenças e dos ódios das lutas partidárias, emudeça a voz do partidarismo político quando é imperioso combater este inimigo comum: a escravidão. (O CONTINENTE II, p. 572)

A empolgação de Licurgo Cambará pela causa abolicionista, no entanto, não confere com o seu discurso. No dia da libertação dos escravos do Angico e de outras estâncias ele mostra que não acredita nas próprias palavras.¹³⁵ E a idéia de uma festa no Sobrado para comemorar o grande gesto humanitário parece ser apenas um bom motivo para confrontar o baile de gala do Paço Municipal, onde seria festejada a emancipação de Santa Fé. Embora os escravos do Angico estejam no centro do debate, o narrador não esclarece se a força de trabalho é assalariada e livre, o que caracterizaria a representação do capitalismo pastoril no romance, ou se na estância prevalece o trabalho escravo semi-servil.¹³⁶ As únicas pistas neste sentido são fornecidas por Manfredo Fraga, em *O Arauto*, que escreve que “na mesma ocasião dezenove outros cativos, cuja liberdade foi comprada a seus senhores a peso de ouro, com dinheiro da caixa do nosso Clube, coletado especialmente para esse fim, serão igualmente manumitidos” (O CONTINENTE II, p. 562), e por Licurgo, durante a concessão das alforrias, quando reprova a “arrogância” de um escravo. “Era o João Batista! Merecia uns bons chicotões na cara. Sempre fora assim altivo e provocador. Era um bom peão, um bom domador, um trabalhador incansável, mas tinha um jeito tão atrevido, que por mais duma vez Licurgo estivera prestes a “ir-lhe ao lombo” (O CONTINENTE II, p. 630). De qualquer forma, a confirmação da falta de significado para aquele momento parte do narrador quando

¹³⁵ “[...] o baile de gala do Paço Municipal, com suas formalidades e seus medalhões, ia ficar apagado diante da festa do Sobrado, onde reinaria a verdadeira democracia: negros e brancos, ricos e pobres, todos misturados e irmanados no ideal abolicionista e republicano. Mas no mesmo momento em que dizia essas coisas, Curgo percebeu que não estava sendo sincero, que não estava dizendo o que sentia. Era -lhe inconcebível a idéia de que aqueles negros sujos pudessem vir a dançar nas salas de sua casa, em íntimo contato com sua família. Sabia também que pouca, muito pouca gente em Santa Fé compreendia o sentido da palavra república”. O Continente II. Op. cit., p. 569.

¹³⁶ Sobre a economia pastoril gaúcha, Décio Freitas diz que: “O trabalho escravo ou semi-servil aparece esporádica e isoladamente na produção pecuária. O que prepondera de forma absoluta, é o trabalho assalariado dos peões, em número variável, segundo o tamanho da propriedade e os períodos da produção. Portanto, a economia pastoril apresentava aquilo que é o traço específico do capitalismo: não apenas a produção de mercadorias, de resto presente em outros sistemas, mas a transformação da própria força-de-trabalho em mercadoria, como outra qualquer”. In: FREITAS, Décio. *O Capitalismo Pastoril*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980, p. 10-11.

aponta que “Licurgo mal podia conter sua impaciência. Não conseguia convencer-se a si mesmo de que aquela era uma grande hora – uma hora histórica.” (O CONTINENTE II, p. 630)

As idéias proclamadas por Júlio de Castilhos e defendidas por Licurgo e Toríbio são combatidas pelo Dr. Winter, um céptico que não acredita no programa político dos republicanos, e por Florêncio, que incorpora o homem fiel ao imperador. A partir das falas destes três personagens Erico Verissimo constrói um pensamento histórico coletivo sobre este período que antecede a Proclamação da República. Tendo como ponto de partida o que apontou Jacques Leenhardt,¹³⁷ que “cada personagem contribui para a construção do todo por seus atos e pelos propósitos que são postos em sua boca” e que “o romance não pretende a cada instante produzir a verdade, mas ele oferece o quadro complexo de interações e de conflitos de interpretação que contribuem para formar um efeito histórico global”, é possível identificar na narrativa de “Ismália Caré” um quadro de idéias antagônicas que ora se cruzam, ora caminham juntas para um fato inevitável que será a guerra entre maragatos e pica-paus nos episódios de “O Sobrado”.

Numa longa conversa sobre os motivos que justificam a abolição, Toríbio invoca a política humanitária inglesa, Dr. Winter atribui tudo aos interesses comerciais e Florêncio prefere acreditar que no Rio Grande os escravos têm um tratamento diferenciado. Alguns trechos elucidativos são necessários.

– No entanto – rebateu Toríbio, cujas faces o vinho e o entusiasmo deixavam afoqueadas – no entanto vosmecê não negará que foi graças à grande Inglaterra que abolimos o tráfico de negros. Só uma política altamente humanitária seria capaz de conduzir a um gesto tão altruísta. [...]

– Qual nobreza, qual humanitarismo, qual nada! – exclamou Winter. – Tudo interesse comercial. [...]

– A Província do Ceará está libertando seus escravos – ajuntou Toríbio. – A do Amazonas também. Que lucro material têm eles nisso? [...]

– A explicação é simples. Para a lavoura do Norte o braço escravo já não é mais negócio. No fim de contas é muito melhor pagar ao negro um salário baixo e seco do que dar-lhe de comer e vestir. [...]

Destacando bem as sílabas e atirando-as uma a uma na direção de Licurgo e Toríbio, com uma lentidão provocadora, o Dr. Winter concluiu:

– Os fazendeiros de café precisam do trabalho barato do escravo. Por isso são contra a abolição. O governo por sua vez se encontra entre dois fogos: o interesse dos senhores feudais paulistas e a opinião pública, que é anti-escravagista. [...]

Lenta e meio cansada, como se viesse do fundo dum longo corredor sombrio, ouviu-se a voz de Florêncio.

¹³⁷ O Romance da dispersão do sentido. In: PESAVENTO, Sandra, et al. *Erico Verissimo: o romance da História*. Op. cit., p. 198.

– Não tenho nem nunca tive escravos. Mas acho que no Rio Grande os negros são felizes. Nas estâncias e nas charqueadas eles trabalham ombro a ombro com os brancos. A não ser um ou outro caso, em geral são bem tratados [...]. (O CONTINENTE II, p. 593-595)

Neste diálogo, que também tem a participação de Juvenal e Florêncio, os personagens ampliam o campo de idéias e teorias no debate. De uma forma quase didática, Toríblio resume as principais linhas do programa republicano, Dr. Winter percebe a incapacidade de o povo entender aquelas mudanças e Florêncio resume tudo em uma frase.

– Para não fazer uma dissertação muito comprida, direi primeiro que, com a república, as províncias ficarão transformadas em estados autônomos e confederados, mas politicamente unidos. [...]

– Teremos também um poder legislativo central: um tribunal superior de justiça, colaboração proporcional de todos os Estados para as despesas da nação...

Winter sabia que Florêncio não estava entendendo nada. Como ele havia no país milhões de pessoas para as quais aquelas palavras não tinham sentido. [...]

– Teremos o casamento civil obrigatório – prosseguiu Toríblio. – A Igreja será separada do Estado. Os ministros, responsabilizados. Não só os ministros, mas também todos os agentes da administração. Acabaremos com o poder moderador e com o conselho dos Estados. Ah! E haverá a mais ampla liberdade de ensino...

De repente o advogado calou-se. Florêncio faz apenas este comentário:

– Tudo isso é muito bonito. Mas o Imperador é um homem de bem.

(O CONTINENTE II, p. 597)

Para conferir maior autenticidade à narrativa histórica, Erico Verissimo leva algumas personalidades da política nacional da época retratada para Santa Fé.¹³⁸ O primeiro destes personagens “reais” a entrar no romance é Gaspar Silveira Martins, conselheiro do Partido Liberal, que vai ao povoado para uma conferência. Ao contrário do que se esperava, o homem não se dirige ao casarão dos Amaral, reduto dos liberais, mas, sim, ao Sobrado, “onde ficara até altas horas da noite a conversar com Bibiana, Licurgo e o Dr. Rezende” (O CONTINENTE II, p. 589). Esse encontro aparentemente ocasional, que fortalece os argumentos do Dr. Winter sobre a improbabilidade de os liberais atacarem os republicanos naquela noite de festa, desmascara mais adiante o advogado Toríblio Rezende. O redator de *O Arauto* fica encantado pela figura do Conselheiro Silveira Martins. E após sua partida comenta: “É um misto de Sansão Demóstenes. E se me pedissem para pintar Júpiter, barbudo

¹³⁸ Embora não exista dúvida de que *O Tempo e o Vento* seja um romance histórico, isso não significa que o seja por causa da introdução destas figuras históricas em sua composição. Conforme observou Joaquín Rodrigues Suro, para Lukács “o caráter histórico duma obra não consiste em que apareçam nela as figuras históricas políticas mais importantes da época, mas em seu caráter típico como reflexo do momento histórico-social. Portanto, o autor não tem que ser fiel a todos os detalhes históricos da época narrada, mas à sua estrutura”. In: *Erico Verissimo: história e literatura*. Op. cit., p 27. LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3ª ed. México: Era, 1997.

e formidável por entre nuvens de tempestade, com um feixe de raios eu o representaria na figura do Conselheiro!” (O CONTINENTE II, p. 589). Quando a Revolução Federalista está em marcha e Licurgo Cambará, encurralado com a sua família, no Sobrado, pensa nos homens aos quais “prestou favores” e que estão atirando contra a sua casa, lembra com mágoa maior da traição de Toríbio Rezende.

Fascinado pela personalidade de Gaspar Silveira Martins, Toríbio Rezende abandonou os companheiros de ontem, fez-se parlamentarista, cerrou fileiras com os maragatos, afastou-se aos poucos do Sobrado e por fim chegou até a escrever verrinas contra Júlio de Castilhos, chamando-lhe ditador. Castilhos ditador! Era o cúmulo do absurdo chamar tirano a um homem que para evitar a guerra civil abandonou voluntariamente o cargo de Presidente do Estado para o qual fora legalmente eleito. E quando a revolução rebentou, Toríbio uniu-se às forças de Juca Tigre, convencido – o idiota! – de que os federalistas queriam salvar o Rio Grande da ditadura, não compreendendo – o infeliz! – que por trás daquelas conversas de parlamentarismo e liberdade, o que os maragatos queriam mesmo era restaurar a monarquia, destruir a república pela qual o próprio Toríbio tanto se batera. (O CONTINENTE II, p. 469)

Nesta guerra, acima de tudo ideológica, o advogado e “jornalista” pula para o lado dos federalistas e o narrador anula, com um destino irônico para o personagem, toda a força do discurso positivista no quadro de formação da república dentro do romance. A contradição entre diferentes correntes políticas e ideológicas e a sua imagem de fragilidade raramente se apresentam de forma tão clara quanto nesta passagem da narrativa.¹³⁹ As outras vezes serão naquelas, entre outras, em que Licurgo e Rodrigo Cambará defendem a bandeira dos maragatos, e isso acontece com frequência na trama, mesmo que o quadro com o retrato de Júlio de Castilhos¹⁴⁰ permaneça intocável no escritório do Sobrado por muitos anos.

Quando Rodrigo edita *A Farpa* para defender a candidatura civilista, indo contra o candidato republicano Hermes da Fonseca, ele cai na mesma contradição que envolveu Toríbio Rezende. Mistura sentimentos com ideais políticos e não sabe ao certo qual o sentido de sua militância.¹⁴¹ Como demonstra neste diálogo com o pai:

¹³⁹ “É assim que Erico descoloniza o processo de seu estado. Empregando os procedimentos formais europeus, [...] faz com que trabalhem a favor de um modelo identitário próprio, tipificado, mas multiforme, em que a história oficial contracenava com a história anônima e, incorporada à ficção, denuncia suas próprias contrafações”. BORDINI, Maria da Glória. O Continente: um romance de formação? In: *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Op. cit., p. 86.

¹⁴⁰ Regina Zilberman diz que: “Figuras históricas não aparecem em posição central em *O Tempo e o Vento*, embora dependa delas a carreira e o desempenho de personagens importantes da narrativa, como é o caso de Júlio de Castilhos em relação a Licurgo”. Mulheres: entre o mito e a história. In: VERISSIMO, Erico. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2003, p. 118.

¹⁴¹ Orlando Fonseca vê no comportamento de Rodrigo uma alegoria de Erico Verissimo que configura “os traços de caráter e ações políticas contraditórias que pretendia enfocar no próprio Getúlio dos anos 30”. In: *O Retrato e a Identidade*. GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit., p. 144.

- Mas o senhor então está convencido mesmo que com o seu jornal pode mudar a situação?
[...]
– Claro que estou. Se não estivesse, o jornal nasceria morto.
– Não se iluda, meu filho. Nenhum jornal tem essa força.
[...]
– Pode ser que A Farpa não dê nenhum voto para o Dr. Rui Barbosa, mas uma coisa lhe garanto: vai fazer época, e o lombo do Trindade vai arder. (O RETRATO I, p. 199)

Um comentário de Rui Barbosa sobre a sua plataforma de governo, lido por ele no dia 16 de janeiro de 1910, na Capital Federal, sai na edição do *Correio do Povo* e entra na narrativa através da leitura que Rodrigo faz em voz alta para os familiares, que estão retirados no Angico. São duas páginas em que, interrompido de vez em quando pelos “ouvintes” para algum comentário, o personagem resume as propostas do civilista. Entre elas:

- Preconiza a necessidade da reforma da Constituição. Declara-se infenso ao intervencionismo do presidente da República nos Estados.
– Muito bem! – exclamou Licurgo.
– Propõe o melhoramento do ensino secundário, a remodelação do ensino jurídico, etc... e tal... esta parte não interessa muito... agora deixem ver onde está um trecho de escachar...ta-ta-ta – combate a publicidade do voto a descoberto, que representa a intimidação e o suborno... não é isso... ah! Aqui está.
Aproximou mais da cadeira da mesa.
– Referindo-se ao Exército e à Armada, lembra os serviços que lhe prestou em 95 e 98... (O RETRATO I, p. 204)

O candidato segue atacando o militarismo e Rodrigo se emociona com as idéias de Rui Barbosa. Diz o narrador que “Rodrigo não estava mais a ler um comentário de jornal para membros de sua família, mas sim no alto duma tribuna, a falar às massas”.¹⁴² Em seguida, ele informa que o *Correio da Manhã*, de acordo com o *Correio do Povo*,¹⁴³ havia publicado um violento artigo editorial de ataque ao marechal Hermes da Fonseca. “Diz esse jornal que a candidatura do marechal tem o aspecto criminoso e repulsivo de um conluio entre uma parte

¹⁴² “Diz que sua plataforma é o grito duma consciência, a síntese duma carreira, o eco da vida e o perfil dum homem que apela para as forças populares e para os elementos nacionais da opinião, ao passo que o Dr. Nilo Peçanha traz a seu lado a reação oficial que apóia um sinistro cortejo de violências odiosas, que compra consciências pela derrubada administrativa, pela insolência policial, que intimida a imprensa, que derrama sangue em Barbacena, que ameaça com mazorcas, com carrancas de estado de sítio, com bravatas de vitória da candidatura marechalícia, seja como for, aconteça o que aconteça, custe o que custar”. O Retrato I. Op. cit., p. 205.

¹⁴³ Este foi um recurso que o *Correio do Povo* utilizou na época para tentar convencer os leitores de sua imparcialidade nos temas políticos. O jornal selecionava e publicava informações originadas em outros periódicos, eximindo-se da autoria dos artigos.

do Exército e os politiquinhos mais torpes e ladrões do País, a começar pelo Senador Silvério Nery.”

Ao término da notícia, Rodrigo sente que chegou a hora de retornar à cidade e entrar em ação. Ele recebe autorização do pai e decide partir no dia seguinte.

- Vou amanhã.
- Ué! Pra que tanta pressa? – estranhou Maria Valéria.
- Fandango soltou a sua risadinha rouca:
- Ele vai salvar a República. (O RETRATO I, p. 206)

É a notícia da chegada do Marechal Hermes da Fonseca a Porto Alegre, publicada no *Correio do Povo* do dia 13 de fevereiro (O RETRATO I, p. 218), que tira Rodrigo Cambará do plano das idéias e o leva para a ação, mais precisamente para as oficinas de *A Farpa*. O jornal da Capital afirma que um dos oradores, “falando em nome do operariado”, dissera que a espada do marechal haveria de converter-se num ramo de flores, “síntese mais elevada dos povos à paz”. No entanto, Rodrigo, que naqueles tempos andava com a cabeça cheia de pensamentos de Chateaubriand, Rousseau, Voltaire, Renan e Le Bon, chega a escrever artigos sobre igualdade e fraternidade e a “fazer um discurso inflamado e quase revolucionário na União Operária local.” (O RETRATO I, p. 135)

Hélgio Trindade (1979, p. 121) tenta explicar a dicotomização das forças políticas no Rio Grande do Sul e sua expressão através de diferentes estruturas partidárias da seguinte forma: “A literatura, em geral, tem enfatizado dois tipos de explicação: segundo uma visão elitista da política, alguns autores procuram justificar a divisão em termos de conflitos entre lideranças e de disputa pessoal pelo poder; outros autores, valorizando a articulação entre os conflitos políticos e seu embasamento sócio-econômico, acentuam a existência de diferenciações na estrutura social que se manifestariam em contradições políticas”.

No caso de Erico Verissimo e *O Tempo e o Vento*, pode-se afirmar com segurança que os conflitos nas relações pessoais dos personagens são originados por ambos os motivos. Existe realmente uma disputa pessoal pelo poder entre as lideranças locais, representados pelas famílias Cambará, Amaral, Prates, Quadro e outras, mas a faísca que acende o fogo desta batalha está diretamente relacionada ao cenário sócio-econômico do início do Século XX no Brasil e no Rio Grande.

No território gaúcho, o bloco republicano geralmente era formado por uma agremiação mista de pequena burguesia urbana, fazendeiros abastados da Serra, profissionais liberais e colonos ítalo-gaúchos. Do lado dos liberais estava a velha elite de estancieiros da

Campanha, que haviam perdido força e prestígio com a proclamação da República.¹⁴⁴ A reprodução desta realidade aparece de forma difusa no romance, uma vez que a família Cambará continua filiada ao Partido Republicano, mas defende candidatos liberais nas eleições de 1910, 1915 e 1923. Com a perpetuação de Borges de Medeiros no poder da Província, todos os movimentos políticos de Rodrigo e Licurgo – inclusive com os panfletários de *A Farpa* e *O Libertador* – serão no sentido de negar a prática dos dogmas positivistas, embora nunca consigam se desvencilhar totalmente do espírito de Júlio de Castilhos.

Orlando Fonseca¹⁴⁵ está certo ao destacar que “a visão de Rodrigo aparece [...] como um confuso retrato que reflete a sua impetuosidade e ausência de um corpo doutrinário consistente”. Durante o baile de *réveillon* (O RETRATO I, p. 156), Rodrigo escuta com atenção a longa palestra do coronel Jairo Bittencourt, na qual ele faz uma analogia do moinho d’água do Spielvogel com a revolução industrial. Ele olha e percebe que não há agricultores no Clube Comercial porque lá impera a aristocracia rural e, com a percepção de um legítimo positivista, observa a presença da população urbana composta de burgueses, “membros da economia capitalista que só agora começa entre vós”. O coronel prossegue em seu discurso analítico da sociedade para acrescentar a este grupo urbano “um singular, pouco numeroso e ainda mal definido proletariado, que irá fatalmente crescendo à medida que os Veigas e Spielvogels forem crescendo em número e prosperidade”.

Rodrigo ouve aquela aula de filosofia positivista sem muito interesse, pensando mais em cortejar Flora do que em compreender a observação científica dos fatos sociais a que se propõe a corrente de Augusto Comte.

- A propósito, qual é o filósofo de sua predileção?
- Spencer – mentiu Rodrigo com tão grande convicção, que por um minuto ele próprio chegou a acreditar no que dizia. [...] Alcides Maya, que pontificava no mundo das letras de Porto Alegre, lançara entre seus discípulos e admiradores o nome de Spencer, que era agora o “filósofo da moda”, lido, comentado e discutido nos jornais e nas tertúlias literárias. (O RETRATO I, p. 158)

A atitudes como esta se acrescenta a preferência do personagem pela cultura francesa em detrimento de todas as outras. De um exemplar do *Correio do Povo*, que havia

¹⁴⁴ Esta divisão, segundo Alfredo Bosi em “A arqueologia do Estado-Providência”, é defendida por historiadores como Joseph Love e Sérgio da Costa Franco. Outros, como Sandra Jatahy Pesavento e Geraldo Muller, preferem aproximar os partidos inimigos sob o rótulo geral de burguesia gaúcha. In: *Dialética da Colonização*. Op. cit., p. 284.

¹⁴⁵ O Retrato e a Identidade. In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit., p. 126.

guardado com especial cuidado, Rodrigo lê uma notícia sobre a peça *Chantecler*, cujos direitos de reprodução haviam sido comprados pela revista *L'Illustration*. “Paris está em polvorosa!” (O RETRATO II, p. 307), porque os jornais parisienses *L'Eclair* e *Paris Journal*, além do *Il Secolo*, de Milão, estão sendo processados por terem publicado estrofes da peça sem licença. É com estas referências, alimentadas pelo sonho de viajar a Paris, que Rodrigo revela-se também inseguro em relação a sua identidade. Cássia Corintha Pinto Camargo¹⁴⁶ aponta que “Rodrigo confere ao grupo uma origem digna. É criado na plena aceitação dos valores, culturais, éticos e ideológicos dominantes do grupo. Não propõe uma visão crítica da sua situação, é uma tentativa de manter vivos os ideais da classe; é um passado que perde terreno para o novo, para o moderno”. Com este forte laço com a França,¹⁴⁷ Rodrigo vai contra o moral do gaúcho em sua feição mais “pura” para seguir os passos de outra corrente de pensamento, mais aberta aos conceitos modernos, mas não menos aristocrata.

Neste extenso fragmento da narrativa em que os personagens tomam a tarefa de tecer o pano de fundo da narrativa, em suas linhas políticas e filosóficas, atuam ainda outros dois interessantes tipos com orientações doutrinárias diferentes. O anarquista Don Pepe surge como uma antecipação do que virá a ser o comunismo pregado por Arão Stein, nos anos de 1920, e por Eduardo Cambará, nos últimos anos da história fictícia. Para Don Pepe, o pintor de retratos que vive errando pelo mundo, “la podrida sociedade burguesa” é a culpada de todos os sofrimentos da humanidade. Outro é o tenente Rubim, admirador da filosofia de Nietzsche, defensor de uma casta superior, o super-homem. Para o super-homem, explica Rubim, “a felicidade não consiste na posse dum objeto determinado, mas sim numa continuada superação de si mesmo. O que importa para ele é a vontade de poder, que consiste em desejar e escolher o sofrimento e a dor, se tanto for necessário para essa superação” (O RETRATO II, p. 309).

O jornal *Voz da Serra* está a serviço dos republicanos e *A Farpa* ergue-se como uma oposição inesperada que incomoda os que estão no comando, que precisam contra-atacar os ataques pessoais. Neste instante da história, o autor confere outra vez um efeito de “verdade histórica” ao romance ao introduzir na narrativa a visita de Pinheiro Machado ao Sobrado (O RETRATO II, p. 371). O senador faz um pedido pessoal para que Rodrigo pare com os ataques pelo jornal. A eleição já havia terminado e a derrota do candidato civilista era

¹⁴⁶ CAMARGO, Cássia Corintha Pinto. Rodrigo e filhinho: apogeu e crise do mito gaúcho. *Correio do Povo*. Porto Alegre, v.75, n. 575, Ano 8, 21 jul. 1979. Caderno de Sábado.

¹⁴⁷ “Paris é a praça onde tudo circula, o ponto de encontro entre norte e sul, leste e oeste. Sua história a constitui como um meio cultural homogêneo e constante, na herança do centralismo real, do jacobinismo republicano, num desejo de irradiação universalista, de munificência do poder até a ostentação”. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.

dada como certa.¹⁴⁸ Apesar de não ficar explicitado, a visita de Pinheiro Machado é uma tentativa do senador de reaproximar a família Cambará do Partido Republicano. Antes de se retirar, ele acena com a possibilidade de indicar Rodrigo ao cargo de deputado, um gesto que soa como suborno. Mais tarde Rodrigo é eleito deputado estadual pelo PRR.

– Vou conversar com o Dr. Borges de Medeiros a teu respeito – prometeu o senador. – Vejo em ti um bom corte de deputado. É só questão de tempo. Estás ainda muito moço. Mas...digamos daqui a uns quatro ou cinco anos, quem sabe? Deixa que esses petiços de fôlego curto fiquem correndo carreira nestas manchas municipais. Tu és parceiro que merece tomar parte em páreos mais importantes. (O RETRATO II, p. 374)

A presença de Pinheiro Machado em Santa Fé e, em especial, ao Sobrado acentua a importância dos Cambará na representação da comunidade, primeiro pelo tamanho de suas posses e, em consequência, pelo prestígio de suas opiniões, e também sinaliza que havia uma voz a ser calada ou comprada. Joseph Love (1975, p. 161) diz que o PRR, como outros importantes partidos, “tentou influenciar a opinião pública da Capital Federal, dando cobertura financeira a vários jornais cariocas”, e cita como exemplos *A Tribuna*, *Correio da Noite*, *A Imprensa*, *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Commercio*. Como se sabe, Pinheiro Machado tinha autoridade concedida por Borges de Medeiros para representar o partido na política nacional e pode ter visitado muitas redações de jornais. Sobre a influência do senador, Joseph Love afirma que (1975, p. 162): “No Rio Grande do Sul, a maioria dos municípios fronteiriços submetia a vida política à apreciação de Pinheiro”.

Mais adiante, quando faz um balanço do governo Hermes da Fonseca, Rodrigo vai recordando de vários acontecimentos do cenário político nacional daquele período, com pensamentos do tipo “nunca em toda a História do Brasil houvera governo mais catastrófico e acidentado” e “o Marechal não passava de um fantoche nas mãos hábeis e poderosas de Pinheiro Machado” (O RETRATO II, p. 448). E prossegue os relatos de como as caricaturas publicadas em jornal haviam afetado a imagem do presidente, chamado na imprensa de

¹⁴⁸ Apesar de toda a mobilização da família Cambará, o próprio Licurgo não acredita numa virada a favor de Rui Barbosa. “Licurgo não escondia seu pessimismo. Achava agora que fazer propaganda do candidato civilista em Santa Fé era puro desperdício de tempo, energia e dinheiro. Estava convencido de que a eleição, como de costume, seria uma fraude e o candidato oficial sairia vitorioso por grande maioria de votos. Entretanto, como prova de sua boa vontade, estava disposto a contribuir com dinheiro para custear as caravanas”. *O Retrato I*. Op. cit., p. 284.

“Dudu”.¹⁴⁹ As sátiras, manifestadas através de quadrinhos, piadas e trocadilhos, “apareciam em jornais e revistas, eram repetidas pelo homem de rua”.

No entanto, Rodrigo refletia que “o Zé Povo da caricatura não queria mal a Hermes da Fonseca” (O RETRATO II, p. 449). Para ele, o presidente era atacado apenas por ser mais vulnerável que Pinheiro Machado, que era imune à sátira. “O ridículo não atingia aquela figura olímpica”, pensava Rodrigo. O senador Pinheiro Machado volta às páginas dos jornais de *O Tempo e o Vento* de uma forma trágica, mas, antes disso, a Primeira Guerra Mundial passa a ser o principal assunto da pauta dos personagens.

O tema da guerra persiste no episódio “A Sombra do Anjo”, no qual o autor procura explicar o conflito mundial a partir de Santa Fé, com informações pinçadas da imprensa e que ajudam a formar um esboço de cenário político e econômico, por onde se movimentam os personagens. O editorial do *Correio do Povo*¹⁵⁰ do dia 3 de janeiro de 1915 enumera as desgraças continentais que afetam aquele princípio de ano: conflito entre México e Estados Unidos; assassinato do presidente da República da Colômbia; luto na Argentina pela morte de Saenz Pena; a “semana vermelha” na Itália; agitação política na França com a tragédia do *Figaro* – o escandaloso “affaire Calmette” –; greves na Rússia; novos desentendimentos entre Turquia e Grécia; a farsa das sufragistas na Inglaterra; guerra civil na Irlanda; o assassinato do arquiduque herdeiro do trono dos Habsburgos.

Rodrigo relembra todas estas coisas enquanto lê o editorial e volta a uma fria noite de julho de 1914, quando Cuca Lopes entrara no Sobrado, esbaforido, trazendo uma notícia dramática:

– Rebentou a guerra na Europa!

Havia semanas que os jornais andavam cheios de negros presságios em torno da possibilidade dum conflito armado no continente europeu. Depois da tragédia de Serajevo, esperava-se para qualquer momento a deflagração da guerra. Entretanto, no seu incurável otimismo Rodrigo achava que as dificuldades seriam contornadas e

¹⁴⁹ SODRÉ, Nels on Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 378. “Sob a batuta de Pinheiro Machado e debaixo de implacável crítica da imprensa oposicionista, o governador Hermes da Fonseca assinalou o apogeu da crítica política em caricatura no nosso país. As violências se sucediam”.

¹⁵⁰ “Ano Novo! Ano Bom! A alma popular teima, a cada novo ano que surge, em querer ver no seu despontar os raios duma nova aurora, o início dum novo período de ventura e de bondade. O Ano Novo é sempre o Ano Bom. Assim nos iludíamos todos a 1º de janeiro desse malsinado 1914. Todos esperávamos que ele nos viesse compensar dos desgostos de 1913, que nos viesse ressarcir dos males que este nos causara. E, no entanto, nunca houve ano de tão dolorosas provações para todo o mundo, de tantas misérias, de tantas dores, de tantos horrores. Aqui no Brasil tivemos, logo aos primeiros meses desse ano terrível, a tragédia do Ceará e o seu longo cortejo de desgraças; vieram depois o estado de sítio, a perseguição à imprensa, os crimes do Contestado; a *débâcle* financeira, o abalo do nosso crédito no estrangeiro, arrastando-nos ao beco sem saída do “funding loan”. Não foram mais felizes os outros países do continente. [...] Que das duras provações de hoje surja uma humanidade melhor, mais tolerante, menos egoísta, mais inclinada a perdoar as culpas do próximo e desculpar-lhe os erros”. O Retrato II. Op. cit., p. 438.

a crise vencida graças aos esforços conjugados da diplomacia francesa e inglesa. (O RETRATO II, p. 439)

Ao impacto inicial da notícia a narrativa segue reconstruindo a interferência da guerra na vida e na organização social dos personagens, principalmente de Rodrigo Cambará. As informações que chegam pela imprensa, conforme mais de uma vez destaca o narrador, são as fontes que levam os grupos a assumirem sua posição na guerra. Em Santa Fé, a maioria era simpática à causa aliada. A Farmácia Popular vira o centro de concentração dos aliados, já a Confeitaria Schnitzler é o ponto de reunião dos membros da colônia alemã. “Quanto a Rodrigo, não tivera a menor hesitação. Onde estivesse a França, lá estaria também seu espírito e seu coração” (O RETRATO II, p. 440).

Ele entra de cabeça nesta nova causa e organiza uma marcha *aux flambeaux* e uma festa com leilão em benefício da Cruz Vermelha belga. Perde a paciência com o tenente Rubim, “germanófilo empedernido”, e com Don Pepe, que pensa agora no Partido Socialista, e fica indignado em saber que em Nova Pomerânia, a poucos quilômetros dali, aconteciam comícios pró-Alemanha. Também se enfurece porque “os jornais noticiavam que nas sociedades germânicas de Porto Alegre, São Leopoldo e Santa Cruz faziam-se subscrições e festas em benefício dos soldados alemães e austríacos” (O RETRATO II, p. 440). Desta forma, com este recurso de mimetização da “realidade”¹⁵¹ a partir da seleção de notícias que refletem nas ações e reações de Rodrigo e seus interlocutores, prepara-se o palco para uma encenação maior, que é a crise do pós-guerra na economia e na política sulina. Este é um dos motivos que leva aos conflitos políticos dos anos de 1920 e, conseqüentemente, ao fim da Primeira República.¹⁵²

O efeito imediato da Primeira Guerra no Brasil de Erico Verissimo foi preocupante, segundo o narrador. “O governo decretara moratória e férias comerciais para os bancos, muitos dos quais foram fechados e guardados pela polícia. Havia no tom das notícias econômicas e financeiras algo que sugeria um princípio de pânico.” (O RETRATO II, p. 442). Na interiorana Santa Fé, os estancieiros Cacique Fagundes, Joca Prates e Pedro Teixeira “mostravam-se preocupados com as alterações de preços nos gêneros de primeira necessidade

¹⁵¹ “A predileção pelo tema existencial, seja no nível do indivíduo, seja no nível da história, autoriza a conclusão de que a literatura do autor de *O Tempo e o Vento* é criada como mimese da vida, com as experiências de pessoas, lugares, momentos e situações efetivamente vividas, assim como de vidas passadas, que a história lhe oferece parciais pelas narrativas historiográficas”. BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Op. cit., p. 265.

¹⁵² “No Brasil, a depressão acabou com a oligárquica ‘República Velha’ de 1889-1930 e levou ao poder Getúlio Vargas, mais bem descrito como populista-nacionalista”. HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX: 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 110.

e com a paralisação do mercado da banha”.¹⁵³ Durante um de seus acirrados debates sobre quem estava ao lado do bem e quem estava ao lado do mal na guerra, Rodrigo apanha um exemplar do *Correio do Povo* que transcreve um discurso que Rui Barbosa pronunciara no Senado.¹⁵⁴ Após a leitura, Rubim encerra o assunto comparando o discurso a uma “pura retórica dum país de mulatos pacholas e pernósticos” e com um comentário que coloca a rivalidade comercial entre Inglaterra e Alemanha como um fator propulsor da guerra mundial.

O autor não exclui do enredo, neste momento, os problemas da política que continuam acelerando ódios no Rio Grande do Sul e no Brasil. A morte de manifestantes durante um protesto em Porto Alegre, noticiada pelos jornais, leva Rodrigo a escrever um telegrama ao senador Pinheiro Machado pedindo desligamento do Partido Republicano. Pouco depois o senador morre assassinado e, para os habitantes de Santa Fé, esta morte é mais dolorosa do que todas as mortes da guerra na Europa.

Marilene Weinhardt¹⁵⁵ chama a atenção para a forma com que a notícia se espalha pela cidade e como reage cada personagem. Diz Marilene que “para a realização literária, é relevante notar, em princípio, se essas realizações são verossímeis, das perspectivas comportamental e ideológica, com a atuação que cada um vinha demonstrando, e se o ato integra-se ao curso da ação romanesca”. A resposta é sim. Elas são verossímeis porque os detalhes buscados nos jornais e revistas são inseridos no drama para completar o quadro que o autor se propõe a desenhar, são elementos intrínsecos ao texto. As descrições ali contidas fazem parte da ação da narrativa, necessárias para que a representação histórica da morte de Pinheiro Machado tenha a medida certa no panorama pretendido no romance. Marilene

¹⁵³ “Naquelas primeiras semanas os estancieiros andavam apreensivos, alarmados mesmo, ante a possibilidade de a guerra trazer desastrosos prejuízos à pecuária. O Couro, que havia pouco estava a 1\$640, agora não tinha cotação. Os proprietários de barracas do interior do Estado ordenavam aos seus representantes que suspendessem todas as compras”. O Retrato II. Op. cit., p. 442.

¹⁵⁴ “Agora que a Bélgica atravessa as provações de seu martírio sobre-humano, com um heroísmo cuja sublimidade obumbra às vezes as páginas mais belas da antiga história grega [...] da luta helênica contra as hordas do Oriente, se por ali voltássemos só encontraríamos naquele solo da indústria, do progresso, das letras, vastas necrópoles, campos ermos, chão gretado pelas ossadas, cidades consumidas, construções em ruínas. É que a guerra escolheu aquele torrão de liberdade e trabalho para a sua sementeira de cinzas e luto. A guerra, uma guerra que banuiu o direito, a humanidade, o cristianismo; uma guerra que eliminou as inviolabilidades mais sagradas, uma guerra que passa com a iracúndia do furacão sobre o princípio tutelar das neutralidades; uma guerra que rasga todas as leis internacionais, uma guerra que considera os tratados como trapos, que não admite os direitos dos fracos, que não conhece o dever dos fortes; uma guerra que incendeia museus, bibliotecas e templos, uma guerra que arrasa cidades abertas, queima aldeias pacíficas, tala campos sorridentes, cativa populações desarmadas; uma guerra que fuzila velhos, inválidos, corta seios das mulheres, decepa mãos das crianças; uma guerra que sistematiza a crueldade, a destruição e o terror; uma guerra que escancara as fauces hiantes para a Europa dilacerada e se sacia nas presas sanguinolentas, no meio dum ciclone, a cuja rajada o mundo todo parece estremecer, como se o próprio solo da consciência se lhe houvesse abatido debaixo dos fundamentos divinos, e sorvedouros do inferno se abrissem para tragar a civilização fecundada pelo céu [...]”. O Retrato II, p. 444-445.

¹⁵⁵ WEINHARDT, Marilene. Um diálogo entre ficção e história. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

lembra ainda que as reações à morte do senador no universo de Santa Fé são, naturalmente, produtos do imaginário, mas questiona-se se “seria invenção em grau muito mais elevado, no sentido de distanciamento da realidade, do que aquilo que aconteceu no Rio de Janeiro e foi objeto do olhar e da pena do jornalista?”¹⁵⁶ Neste caso, o desconhecimento das intenções dos jornalistas em relação à mensagem que pretendem transmitir, bem como a falta de confrontação com outras fontes históricas, dificulta a formulação de uma resposta mais precisa. Porém, antes de questionar-se até onde vai esta representação da realidade na obra, vale mais tentar perseguir a linha de raciocínio do narrador, que procura ao final deste longo episódio “A Sombra do Anjo” acentuar a importância deste fato para o futuro da política no país. Por isso torna-se interessante uma leitura em tópicos para visualizar melhor a disposição, pela ordem seqüencial da narrativa, dos recursos de composição de enredo aplicados pelo autor.

- Em meados de agosto, Rodrigo lê no *Correio do Povo* um dos últimos discursos de Pinheiro Machado, ficando impressionado com o tom dramático do senador;¹⁵⁷

- Pinheiro Machado era ameaçado de morte e sabia que poderia morrer a qualquer hora. Numa entrevista a João do Rio, confiara-lhe: “Morro na luta, menino. Eles me matam. Mas pelas costas. São uns ‘pernas-finas’. Pena é que não seja no Senado, como César. Há de ser na rua. Morro em defesa da República.”¹⁵⁸

- Rodrigo lê essas histórias e ficava com remorsos do telegrama que passara ao Senador, não por ter jogado fora a oportunidade de uma carreira política, mas por ter perdido a amizade do homem;

- Os detalhes do crime conforme relatado pelo criminoso à polícia estão no romance, inclusive com a confissão do assassino de que chegara à conclusão de matar o Senador por influência da leitura dos jornais;¹⁵⁹

¹⁵⁶ O jornalista a que Marilene Weinhardt se refere é aquele que descreveu os detalhes da morte de Pinheiro Machado publicado no jornal consultado por Erico Verissimo.

¹⁵⁷ O Retrato II. Op. cit., p. 559. “É possível que durante a convulsão que sacode a República em seus fundamentos possamos submergir. É possível. É possível mesmo que o braço assassino, impelido pela eloqüência das ruas, nos possa atingir. Afirmamos, porém, aos nossos correligionários que, se esse momento chegar, saberemos ser dignos de vossa confiança. Tombaremos na arena, fitando a grandeza de nossa pátria, serenamente, sem maldição, nem desprezo, sentindo tão-somente compaixão para com aquele que assim avulta a nobreza inata do brasileiro.”

¹⁵⁸ Idem, p. 560.

¹⁵⁹ Idem, p. 566. “declarou chamar-se Francisco Manso de Paiva Coimbra, ser padeiro e natural do Rio Grande do Sul. Confessou que odiava Pinheiro Machado e que ao ler nos jornais as notícias de que o País estava dividido por causa da candidatura do Marechal Hermes, chegara à conclusão de que era indispensável que alguém matasse o homem que infelicitava o Brasil. [...] Em breve, porém, lera na *Gazeta de Notícias* um artigo sobre a candidatura de Hermes da Fonseca e ficara tomado do desejo de eliminar Pinheiro Machado.”

- Rodrigo lê ao padre Astolfo o telegrama enviado por Rui Barbosa à viúva de Pinheiro Machado;¹⁶⁰
- O padre chama a atenção de Rodrigo para o conteúdo da carta encontrada no bolso do assassino;¹⁶¹
- Pelo relato do repórter, revelam-se todos os detalhes da vítima, o que vestia e os objetos que portava. O que mais impressiona Rodrigo é o detalhe que o Senador morreu com apenas três mil e duzentos réis em dinheiro no bolso.¹⁶²

A riqueza descritiva deste fato em *O Tempo e o Vento* se repete no suicídio de Getúlio Vargas no romance *Incidente em Antares*.¹⁶³ A diferença entre as duas situações é que as informações da morte de Getúlio chegam aos personagens de Antares pela voz do *Repórter Esso* no rádio, o que desencadeia a revolta popular e a destruição das instalações do *Diário de Notícias* e das emissoras dos *Diários Associados*. Sandra Jatahy Pesavento (2005, p. 2) salienta que a literatura não se faz para confirmar a História e que “se Erico se instrumentalizou das informações do conhecimento histórico sobre o Rio Grande, foi para ‘dizer além’, através da sua narrativa de um ‘poderia ter sido’. Erico Verissimo incorpora no texto também o que se dizia, o que se ouvia contar. Toda uma tradição oral e um anedotário político se revela na narrativa, permitindo que o leitor encontre no texto o que já sabia e que lhe contava o pai, a avó, o vizinho...”. Esses elementos assinalados por Sandra Pesavento estão presentes na crônica política ficcionalizada por Erico Verissimo em *O Retrato* e, mais do que isso, fazem com que o imaginário despertado pelas notícias de jornal passe a incorporar certo sentido de verdade histórica.

Seguindo este rastro dos eventos que aparecem no romance, chega-se aos conturbados anos de 1920, durante os quais a estética realista do autor continua fazendo “desaparecer o ‘feito’ que a obra é e confundindo-a com o real que ela mimetiza” (BORDINI,

¹⁶⁰ Idem, p. 567. “Para mim que sempre considerei inviolável a vida humana, a dele era duplamente, ainda por mais dois títulos, sagrada: o da antiga amizade e do antagonismo atual. Faço votos para que todos vejamos neste crime deplorável uma lição viva contra os excessos da violência e do sangue, com os quais nunca transigi e de que sempre preguei o horror. Queira V. Excia. Aceitar as homenagens de meu pesar e o respeito que ponho, comovido, a seus pés.”

¹⁶¹ Idem, p. 568. “Caso eu seja morto pelos capangas deste homem que me leva a praticar este ato, não culpem ninguém. Como rio-grandense vingo meus conterrâneos mortos nas ruas de Porto Alegre; como brasileiro, a afronta atirada sobre o povo roubado e esfomeado”.

¹⁶² Idem. “- Veja, padre, se isso não tem uma significação enorme! O homem de maior prestígio do Brasil morre com três mil e duzentos réis no bolso! O vigário sacudiu lentamente a cabeça. Rodrigo ergueu-se, ascendeu o cigarro e pensou em Toni, com um desejo lânguido de tê-la ao seu lado, de pousar a cabeça cansada no colo dela.”

¹⁶³ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 84. “Rio. Urgente. O Presidente Getúlio Vargas acaba de suicidar-se com um tiro no coração, às oito horas e vinte e cinco minutos, em seus aposentos particulares do Palácio do Catete”.

1995, p. 267).¹⁶⁴ As crises na política e na economia do Brasil e do Rio Grande do Sul nestes últimos anos da Primeira República são muito mais profundas do que no decênio anterior, e Erico Verissimo aprofunda a representação deste período nos episódios “O Deputado”, “Lenço Encarnado” e “Um Certo Major Toríbio”. Nesta época o país já era fortemente afetado pela crise do pós-guerra e o reflexo disso, somado aos respingos da Revolução Russa, atingem diretamente os personagens do romance.¹⁶⁵ Em 1922, centenário da Independência, Rodrigo desliga-se mais uma vez do Partido Republicano e abre o jornal *O Libertador* para trabalhar a favor da campanha da Aliança Libertadora, do candidato Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Como já acontecera antes, o personagem principal da trama empurra sob o tapete todas as idéias que defendia antes e passa a atacar o situacionismo positivista. “No Rio Grande do Sul espanca-se, mata-se e degola-se em nome de Augusto Comte” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 103), vocifera Rodrigo do alto da tribuna, na Assembléia, durante o seu discurso de desligamento do partido, para, entre outros, Getúlio Vargas, que ouve a fala sentado em seu lugar. Com Getúlio Vargas, Rodrigo trava diálogos imaginários, mostra-se intrigado com sua figura pitoresca e estranha o fato de jamais ter encontrado o homem no Clube dos Caçadores.¹⁶⁶

Nesta altura da narrativa, Getúlio Vargas passa a ser a figura para a qual convergem os destinos do país na alegoria de *O Tempo e o Vento*. Apesar de haver referências a vários outros personagens e acontecimentos – como as eleições que desencadearam a revolução de 1923, o levante dos tenentes no Rio de Janeiro, o comunismo, o Modernismo e a Coluna Prestes –, a pessoa de Getúlio Vargas herda no romance a mesma afeição simbólica que anteriormente estava com Júlio de Castilhos e Pinheiro Machado. Getúlio aparece em vários momentos do romance a partir de 1922, ano em que se inicia o “ciclo de Vargas”,¹⁶⁷

¹⁶⁴ BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Op. cit., p. 267.

¹⁶⁵ MENEZES, Lená Medeiros de. Civilização x Barbárie. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marcos; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A Editora, 2006, p. 389. “Quanto mais a crise do pós-guerra alastrou-se [...], mais a revolução tornou-se tema de destaque na agência jornalística [...], próxima para produzir sentimentos sobre um processo que produzia euforia e anseios por mudança ou medos inconscientes e coletivos”.

¹⁶⁶ “Mas era com Getúlio que ele agora mantinha uma discussão imaginária. Estavam ambos na sala do café da Assembléia, e Rodrigo contava ao colega quem era Laco Madruga. [...] Na sua mente, o deputado de São Borja sorria, silencioso. “Tu vê Getúlio, quando o chefe não sabe distinguir entre um correligionário leal e desinteressado como o meu pai, e um sacripanta bandido e ladrão, o partido vai a gaita. Getúlio torcia as pontas dos bigodes: sua cara não exprimia emoção alguma. “Outra coisa, essa história de resolver pendengas municipais impondo candidatos alheios à vida do município é outro erro trágico.” Mas qual! O homenzinho não se comprometia com uma opinião. Pois que fosse para o diabo! Ele e os outros.” O Arquipélago I. Op. cit., p. 105.

¹⁶⁷ A expressão popularizou-se a partir dos livros de Hélio Silva. Para ele, o ciclo inicia-se em 1922 e seu fechamento é menos definido, podendo ser tanto no ano de sua morte, em 1954, quanto no do Golpe Militar de 1964.

tornando-se uma peça-chave para um período de significativas transformações. Para René E. Gertz,¹⁶⁸ a história referente ao “ciclo de Vargas” se manifesta em vários níveis e formas. Quanto aos níveis, afirma, “temos desde os mais profundos sobre transformações econômicas, sociais, religiosas, culturais, até o mais cambiante dos episódios políticos do dia-a-dia”. Já quanto às formas, “temos, no mínimo, duas: a história narrada pelo autor e as versões dos personagens”.

Este período do “ciclo” foi rico em transformações econômicas e conflitos políticos, geralmente atrelados uns aos outros. Maria Antonieta Antonacci¹⁶⁹ afirma que foi a situação do mercado mundial que garantiu a hegemonia dos republicanos no Rio Grande do Sul até o início da década de 20. No entanto, “o desencontro entre o governo Borges de Medeiros e os setores ligados à pecuária – os mais atingidos pela crise econômica do pós-guerra – abriu condições para a arregimentação política das oposições gaúchas frente ao grupo no poder”, isso porque o programa positivista não previa intervenção e proteção estatal a setores produtivos da iniciativa privada. Este panorama aparece em *O Arquipélago* nas referências às crises, aos novos aspectos das manifestações culturais, à influência norte-americana e às notícias dos conflitos políticos e sociais, quase sempre filtradas pela imprensa.

Para debates sobre filosofia, literatura e política sempre há personagens ligados de alguma forma à escrita ou à leitura jornalística para apresentar seus pontos de vista. Quando se aproxima a eleição para a presidência do Estado, em 1922, a quinta consecutiva de Borges de Medeiros, acirram-se as disputas em Santa Fé e inimigos de antes tentam se aproximar em torno de um ideal comum, mas Licurgo não aceita fazer grandes planos com Alvarino Amaral, chefe maragato que atacara o Sobrado em 1895. As velhas feridas ainda não haviam curado. Um dia, *A Federação* traz na capa o poema campestre *Antônio Chimango*, no qual Ramiro Barcellos, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, satiriza Borges de Medeiros.¹⁷⁰ Rodrigo recita um trecho do poema (O ARQUIPÉLAGO I, p. 141):

Veio ao mundo tão flaquito
Tão esmirrado e choquinho
Que ao finado seu padrinho
Disse, espantada, a comadre

¹⁶⁸ O Ciclo de Vargas segundo Verissimo. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

¹⁶⁹ ANTONACCI, Maria Antonieta apud TRINDADE, Héglio. *Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937)*. Op. cit., p. 153.

¹⁷⁰ Ramiro Barcellos fora redator de *A Federação* e um membro ativo do Partido Republicano Rio-Grandense. Sua dissidência do partido originou o livro de poesias satíricas escrito por ele e publicado com o pseudônimo de Amaro Juvenal. *Antônio Chimango* foi escrito em 1915 e conta a história de um peão desajeitado e subserviente acolhido pelo padrinho estancieiro. Com a morte do coronel, Chimango fica com a fazenda e a conduz à falência, uma sátira do autor a Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

“Virgem do céu! Santo Padre!
Isto é gente ou passarinho?”

Aqui Rodrigo volta a repetir as atitudes ambíguas de épocas anteriores, atacando uma bandeira que há pouco defendia,¹⁷¹ ao mesmo tempo em que admira seus principais líderes, os quais acaba seguindo mais adiante. Nesta eleição, em que Borges de Medeiros atinge os 75% dos votos e vence com o uso de fraudes eleitorais, Getúlio Vargas exerce o cargo de presidente da comissão escrutinadora. No entanto, esta mancha na sua biografia não impede que Rodrigo siga fielmente o comandante no momento da tomada do poder na Capital.¹⁷²

A corrupção dos ideais também atinge outros personagens, como Arão Stein, o comunista que aceita trabalhar na tipografia de *O Libertador*. Mas ao menos ele tem noção de que está fazendo o serviço porque tem interesse em ficar com o equipamento ao final do trabalho. “Componho e imprimo estes artigos de jornal e boletins como se tudo fosse literatura infantil, sabes? Contos da carochinha. É por isso que faço este trabalho, sem problemas de consciência.” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 143). Arão Stein circula pelo Sobrado sempre acompanhado do amigo Roque Bandeira, com o qual trava longas discussões sobre política e sociedade. Ele encarna o pensamento marxista, recebe livros clandestinamente do Uruguai e da Argentina, e o seu discurso assume na ficção o contraponto à rápida expansão do capitalismo e da ascensão da classe burguesa e urbana. Para Stein, os “objetivos da revolução são mais econômicos e sectariamente políticos do que ideológicos. É uma revolução de plutocratas.” (O ARQUIPÉLAGO I, p. 276). E vai além: “O preço do boi vem baixando desde a Guerra Européia. Esses estancieiros de lenço encarnado no pescoço se meteram na luta porque para eles é mais bonito sair da enrascada pela porta ‘gloriosa’ da revolução do que por meio da falência ou da concordata”.

De fato, uma interpretação deste tipo do ideal revolucionário gaúcho não está totalmente fora de propósito, conforme se pode constatar na avaliação de Hobsbawm (1995, p. 137) sobre a forma de agir dos líderes populistas latino-americanos no período da depressão pós-guerra.

¹⁷¹ O Arquipélago I. Op. cit., p. 191. “E depois, havia razões ideológicas – continuou a refletir. A ditadura borgista era uma vergonha, um ultraje: Que iria o resto do país dizer da hombridade dum povo que suporta um ditador positivista durante vinte e cinco anos? Seria que o famoso ‘centauro dos pampas’ não passava dum matungo velho e acovardado?”

¹⁷² Segundo Joseph Love, “Obviamente, Getúlio podia permitir-se ser mais flexível do que Borges; aos olhos dos libertadores, ele não era um usurpador”. In: *O Regionalismo Gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. Op. cit., p. 242.

Mas as massas que eles queriam mobilizar, e se viram mobilizando, não eram as que temiam pelo que poderiam perder, mas sim as que nada tinham a perder. E os inimigos contra os quais eles as mobilizavam não eram estrangeiros e grupos de fora [...], mas a “oligarquia” – os ricos, a classe dominante local.¹⁷³

Não se deve, portanto, deixar de relacionar as crises e revoltas dos anos 20 com o golpe que leva Getúlio Vargas ao poder, em 1930, e com o que isso representa para demarcar o fim de um ciclo e o começo de outro em *O Tempo e o Vento*.¹⁷⁴ No romance, essas transformações na política, na economia e nas representações ideológicas de cada um dos personagens sempre passam pelos Cambará, para culminar na tomada do poder central pelos gaúchos, e levam à derrocada moral da família logo mais adiante, na década de 1940. No final, seus integrantes estarão divididos, não haverá mais apego às tradições, e Rodrigo será o primeiro Cambará a morrer na cama e não em combate. Ironicamente, quando comenta sobre a revolta dos tenentes, Rodrigo diz que “essa revolução visa derrubar as oligarquias que nos infelicitam”, (O ARQUIPÉLAGO II, p. 485) esquecendo-se de que ele faz parte da casta mais nobre desta oligarquia.¹⁷⁵

A reconstituição deste período, feita com a ajuda de fontes jornalísticas e da prática do discurso jornalístico enquanto sinônimo de uma “verdade” histórica, conduz a narrativa ao momento em que acontece o rompimento de fortes laços que perduravam desde o início da República Velha. Abre-se o caminho para a industrialização, a sociedade urbana e burguesa, a discussão em torno da “questão social” levantada pelo Modernismo e, logo em seguida, o Estado Novo de Vargas.¹⁷⁶ Nasce também a primeira rede nacional de jornais no Brasil, obra de Assis Chateaubriand, que aproveitou o movimento revolucionário para expandir seus negócios e criar a primeira rede de jornais e revistas do país.

Chateaubriand percebeu que o momento poderia lhe ser favorável e se envolveu pessoalmente na trama que leva Getúlio Vargas ao poder. Em 1929, Assis Chateaubriand já era dono da revista *O Cruzeiro* e do jornal *O Jornal*, no Rio de Janeiro, e dos diários *Diário*

¹⁷³ Hobsbawm atribui ainda a depressão como fator decisivo na queda de governos. “Só na América Latina, onde as finanças dos governos dependiam, em sua maior parte, das exportações de um ou dois produtos primários, cujos preços despencaram de repente e dramaticamente, a depressão provocou a queda quase imediata de quaisquer governos existentes, sobretudo por golpes militares”. In: *A era das revoluções*. Op. cit., p. 140.

¹⁷⁴ É todo um universo, no qual o ‘contador de histórias’ já não se restringe à fotografia social, mas expressa, a partir dela, uma concepção da existência que abrange toda a ordem das coisas criadas”. CHAVES, Flavio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: *O contador de histórias*. Op. cit., p. 80.

¹⁷⁵ “No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser”. CANDIDO, Antonio (org.) et ali. *A personagem do romance*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 59.

¹⁷⁶ “A Revolução de 1930, episódio marcante da ascensão burguesa em nosso país, teria, essencialmente, esse sentido: adaptar o aparelho de Estado, provavelmente obsoleto, às necessidades da expansão burguesa.” SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 237.

da Noite e *Diário de São Paulo*, na capital paulista. Para multiplicar seus negócios, primeiro ele convenceu o governador mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada a retirar sua própria candidatura, a rejeitar qualquer proposta de continuidade da política café-com-leite e a apoiar o nome de Vargas, numa coligação composta por gaúchos, mineiros e paraibanos – a Aliança Liberal. Depois, ele fez com que os liberais financiassem a compra de jornais para repercutir neles a agitação do movimento oposicionista.¹⁷⁷

Assim, Chateaubriand duplicou sua rede em menos de um ano, a começar pela aquisição do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, em 1929 (MORAIS, 1994, p. 201). O jornalista já havia tentado adquirir o *Diário de Notícias* em 1927, mas a interferência direta de Oswaldo Aranha impediu a negociação. Curiosamente, foi Oswaldo Aranha que formalizou a compra do jornal às vésperas de eclodir a Revolução de 30, com dinheiro saído do caixa da Aliança Liberal.¹⁷⁸ Com uma proposta moderna e inovadora de jornalismo impresso, o *Diário de Notícias* – que foi fundado em 1925 – se estabeleceu como o principal concorrente do *Correio do Povo* no Rio Grande do Sul até ser superado pelo jornal *Zero Hora*, nos anos de 1970.

Os recursos da Aliança pagaram também a implantação do carioca *Diário da Noite* e a compra do *Estado de Minas*. Em retribuição, o empresário fazia com que a propaganda em benefício do bloco liberal se repetisse nos quatro principais estados do Brasil e em todos os seus veículos de comunicação, cujo conglomerado ficou conhecido por “consórcio”. O “consórcio” de Assis Chateaubriand teria incluído também o jornal *Correio do Povo*, não fosse mais uma vez a intervenção de Oswaldo Aranha (MORAIS, 1994, p. 203). Prevendo que a expansão dos negócios de Chateaubriand poderia causar problemas, Oswaldo Aranha impediu a negociação do *Correio* com um telegrama enviado ao deputado João Neves da Fontoura.

Nos anos seguintes, o “consórcio” de Chateaubriand se expande cada vez mais e se transforma nos *Diários Associados*. Em 1931, ele implanta a primeira agência de notícias do Brasil, a Agência Meridional, com sede no Rio de Janeiro, que alimenta com fotos e reportagens os veículos de comunicação no resto do país. No ano seguinte, Chateaubriand fica ao lado dos paulistas na Revolução Constitucionalista e os seus jornais são perseguidos pela

¹⁷⁷ MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 197. “Obscurecido na maioria dos livros sobre a história da Revolução de 30, o papel desempenhado por Chateaubriand para convencer Antônio Carlos – o fato a que nem o próprio jornalista de referiria – só acabou merecendo um breve registro, décadas depois, perdido em meio às memórias do então deputado federal e ex-vice-governador de Vargas no Rio Grande, João Neves da Fontoura, um dos mais expressivos líderes da Aliança Liberal”.

¹⁷⁸ GRANDI, Celito De. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 33.

censura imposta por Vargas. No entanto, a partir de 1935 a empresa entra na era do rádio e mantém o seu domínio sobre a informação no país.

Agora, para compreender alguns aspectos que caracterizaram a sociedade gaúcha e brasileira, tal qual são retratados no romance de Erico Verissimo, é necessário investigar como os grupos hegemônicos interagem nesse processo quanto à prática de suas correntes ideológicas. Uma análise sobre as representações destas doutrinas na ficção de *O Tempo e o Vento* pode ser a chave para se completar um julgamento crítico dos eventos narrativos no quadro histórico, em suas variáveis políticas, econômicas e sociais.

3.2 UNIVERSO IDEOLÓGICO MULTIPLICADO¹⁷⁹

O discurso ideológico dos personagens de *O Tempo e o Vento* se movimenta em diferentes direções no espaço/tempo delimitado na pesquisa. O traço que os une, de uma forma geral, está identificado num primeiro momento com as idéias positivistas que emergem no período pré-República num cenário mais amplo, nacional, para depois se concentrarem no âmbito do território gaúcho. Na história do Brasil, com esse ideário “importado” a partir das teses de Augusto Comte, criou-se um amplo discurso em torno de um “modelo” de condução do governo e de se fazer política de forma contrária ao *laissez-faire* do setor oligárquico (BOSI, 1992, p. 281). Esse movimento surge com mais força no Sul – e em toda a região do Prata –, onde as necessidades de novas atividades urbanas e a policultura voltada ao mercado interno entram em atrito com os velhos estancieiros. A nova configuração econômica que se estabeleceu passou ao plano político, dividindo os gaúchos entre monarquistas e republicanos. Do discurso à prática, os republicanos “castilhistas” do Rio Grande conseguiram fazer do poder público a principal referência de promoção e controle do desenvolvimento econômico, cujas matrizes doutrinárias aprofundaram a divisão entre chimangos e maragatos e, em seguida, entre borgistas e assisistas.¹⁸⁰

No romance, a família Cambará se engaja na corrente republicana e, mesmo lutando contra a política da situação em alguns momentos, ela acompanha a revolução que leva os gaúchos ao poder em 1930. Tudo começa com a introdução dos argumentos de Júlio de Castilhos pelo fim da monarquia, publicados em *A Federação*, que são reproduzidos e interpretados pelos personagens do Sobrado. O mesmo não acontece com o programa liberal de Gaspar Silveira Martins.

Não há dúvida quanto à influência de *A Federação*¹⁸¹ na construção de uma ideologia positivista e republicana. Nelson Boeira¹⁸² destaca que o positivismo e os

¹⁷⁹ Por ideologia entende-se: “o conjunto de idéias acerca do mundo e da sociedade, que correspondem a interesses, aspirações ou ideais de uma classe num contexto social dado, que guia e justifica o comportamento dos homens de acordo com estes interesses, aspirações ou idéias”. VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez apud PESA VENTO, Sandra Jatahy. *Historiografia e Ideologia*. In: *RS: Cultura e Ideologia*. Op. cit., p. 61.

¹⁸⁰ Para Bosi, o castilhismo-borgismo “só veio a ocupar o poder nacional nos anos de 1930, quando a coalizão tática de repúblicos sulinos e tenentes arredou do centro das decisões o liberalismo oligárquico já declinante”. In: *Dialética da Colonização*. Op. cit., p. 304.

¹⁸¹ “O importante é ter-se claro que a idéia do “tecido social”, do “tecer”, em Platão, ou do “tecido orgânico”, entre os intelectuais e políticos brasileiros positivistas e/ou autoritários, na transição republicana, explicita-se no jornal *A Federação*. Esse, com seu discurso, “tece” a construção de uma verdade e impõe uma ideologia, e uma concepção de política: a castilhista.” In: FÉLIX, Loiva Otero. *Imprensa, Revolução e Discurso: a construção de categorias*. Op. cit., p. 182.

¹⁸² O Rio Grande de Augusto Comte. In; DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 46.

cientificismos evolucionistas afetaram não apenas os intelectuais ligados a várias atividades, mas também o público leitor de jornais da época, para os quais o comtismo “chegou através de clichês, frases soltas, fórmulas grandiloqüentes ou simplesmente conceitos a admirar”. Esses clichês que falam de humanidade, ordem e progresso são reproduzidos, num primeiro momento, por Toríblio Rezende e Licurgo Cambará. Durante um diálogo em que os personagens discutem essas idéias, Toríblio Rezende explica que o governo imperial não segue uma “política sensata” no assunto da abolição. Para ele, essa sensatez poderia acontecer com o fim da propriedade escravagista por meio de um imposto que os senhores de escravos teriam de pagar, cujo dinheiro seria empregado num fundo de emancipação, de uma política de leis que dificultasse o negócio de escravos e do incentivo à imigração como forma de substituir o braço escravo. “– Só conseguiremos essas coisas com a república – afirmou Curgo” (O CONTINENTE II, p. 596), que se entrega aos projetos republicanos mesmo sem acreditar no verdadeiro sentido daquilo e chega a arriscar a vida dos seus familiares na defesa desses ideais durante a Revolução de 1893.

Loiva Otero Félix (1995, p. 180) afirma categoricamente que *A Federação*, através de uma “forma” própria de linguagem, criou categorias e modos de pensar que foram responsáveis pela elaboração de um imaginário cujo “conteúdo” ideológico ajudou na construção de um determinado tipo de “verdade”. Essa “verdade” é incorporada pelos personagens de *O Tempo e o Vento* de forma a transmitir uma idéia de formação do cenário político e da própria identidade nacional, mas não se apresenta de maneira acabada, absoluta ou pronta. A “verdade” castilhista de Toríblio Rezende e Licurgo Cambará, que tem a simpatia do Pe. Romano (a visão da Igreja?), não é mais verdadeira do que o ceticismo do Dr. Winter ou do que a admiração de Florêncio pelo imperador, e, no decorrer da história fictícia, essas diferentes verdades são constantemente confrontadas e questionadas.

Os artigos de Júlio de Castilhos em *A Federação* neste período de transição da Monarquia para a República, e que recentemente foram reunidos em livro,¹⁸³ se constituíram numa fundamental ferramenta de divulgação da ideologia positivista em seu nascedouro. Num dos fragmentos da narrativa, Licurgo Cambará reproduz um trecho de um destes escritos para abordar a questão dos escravos e antecipar a culpa do governo no caso de uma luta armada no país.

– O que vou ler agora foi o Dr. Castilhos que escreveu:

¹⁸³ BAKOS, Margaret Marchiori. *Júlio de Castilhos: Positivismo, Abolição e República*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

“Abandonada aos impulsos naturalmente irregulares da paixão revolucionária que anima tanto o abolicionismo intransigente como a escravocracia emperrada, a questão do elemento servil assume uma gravidade excepcional.” Agora prestem bem atenção a este final: “Se a luta violenta sobrevier, desabe todo o peso da responsabilidade sobre o governo medíocre que compromete a paz pública.” (O CONTINENTE II, p. 596)

De fato, no programa do Partido Republicano havia uma agenda de leis a cargo do Estado para garantir liberdade e assistência aos negros.¹⁸⁴ No romance, Licurgo não acredita na importância do gesto de libertar os escravos do Angico e também não esconde o racismo que sente em relação a eles.¹⁸⁵ “Não achava nada agradável ver aqueles negros molambentos e sujos, de olhos remelentos e carapinha encardida a exhibir toda a sua fealdade e sua miséria naquela casa iluminada.” (O CONTINENTE II, p. 630)

Na construção do painel histórico de *O Tempo e o Vento*, a família Cambará se enquadra ativamente nos modelos de “modernidade” e “progresso” pregados pelo comtismo, embora seus integrantes estejam sempre envolvidos em contradições que levam a rompimentos e reatamentos com o sistema conforme a situação do momento. Segundo Nelson Boeira (1980, p. 40), os movimentos que indicam a penetração do universo ideológico local por parte dos republicanos no poder, “prolongam-se até a plena reformulação da ordem legal, por volta de 1898 (ou do ponto de vista político, até a morte de Castilhos)”. Esse é o período, diz ele, de “maior correspondência entre o positivismo político e o positivismo enquanto modismo cultural dominante.”

Em *Aparelhos Ideológicos de Estado*,¹⁸⁶ Louis Althusser diz que o que se permite falar de um “sistema político” como um “aparelho ideológico de Estado” é a “ficção”, que corresponde a uma “certa” realidade, cujas peças que fazem o sistema funcionar apóiam-se na “ideologia da liberdade” e da “igualdade” do indivíduo. Para Althusser, foi sobre a base dessa ficção que se criaram os “partidos políticos”, aos quais cabe expressar e representar as opções divergentes ou convergentes da política nacional. A ideologia deste “aparelho” no romance de Erico Verissimo repete a mesma idéia de ficção que trata Althusser, facilmente identificada no comportamento de Rodrigo Cambará.

¹⁸⁴ Para Bosi: “A transição do regime escravo para o assalariado foi o catalisador inicial das idéias pré-trabalhistas dos nossos comtianos”. A Arqueologia do Estado Providência. In: *Dialética da Colonização*. Op. cit., p. 297.

¹⁸⁵ LEENHARDT, Jacques. Narrativa e história em *O Tempo e o Vento*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Erico Verissimo: o romance da história*. Op. cit., p. 36. “Verissimo quis insistir não apenas em que os personagens fossem cada vez mais construídos em cima de suas contradições internas, que tornassem concretas, no plano de suas ações, as contradições do próprio desenvolvimento da sociedade brasileira, mas também no fato de que a atitude dos grupos sociais frente à escravidão no Brasil da época era particularmente ambígua, pois, em certos momentos, os republicanos podiam ser mais escravagistas que os monarquistas.”

¹⁸⁶ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1983, p. 116.

Essa ideologia que guia o pensamento das famílias de *O Tempo e o Vento* está repousada, segundo Regina Zilberman,¹⁸⁷ sobre um mundo mitológico que se torna insustentável a partir de 1930. A questão do mito investigada por Regina Zilberman, ao qual se soma o imaginário popular e a ótica de cada personagem, interessa menos neste estudo do que a delimitação temporal proposta, quando antigos ideais divergentes serão temporariamente esquecidos em nome de uma frente única pela tomada do poder central. A preparação deste terreno onde os “sonhos” positivistas afundam com os mitos do passado começa, na trilogia, quando Rodrigo Cambará entra em cena para confrontar a intendência de Santa Fé com um jornal sem idéias, apenas com sentimentos e emoções que o personagem considera justos. Rodrigo se considera um liberal, “um partidário da tolerância religiosa, da livre iniciativa, do livre pensamento, do respeito ao indivíduo” (O RETRATO II, p. 413), e acha que “todos os homens nasceram iguais e o que os torna desiguais são as circunstâncias em meio das quais crescem”.

Em sua vontade de poder, confundida com desejos de promover o bem-estar, exercer a medicina e de tornar-se um modelo exemplar de conduta, como forma de recuperar erros do passado, Rodrigo repete os equívocos daqueles que controlam as rédeas do governo, os mesmos que ele combate ferozmente e que foram conduzidos ao “trono” com o apoio da família.

Estava decidido a conquistar Santa Fé, a submetê-la à sua vontade, a moldá-la de acordo com seus melhores sonhos. Não se deixaria dominar por ela. Jamais se entregaria ao desânimo e à rotina. Jamais seria um maldizente municipal como o Cuca Lopes, um indolente inútil como o Chiru Mena e muito menos um capacho como o Amintas. Não perderia de vista Paris, e não esqueceria nunca que o mundo não terminava nos limites do município de Santa Fé. (O RETRATO I, p. 129)

Para a primeira edição do jornal *A Farpa*, Rodrigo escreve o editorial em que enumera as crueldades do intendente Trindade, além de abusar de adjetivos ofensivos ao homem. Antes de publicar ele mostra ao pai, mas Licurgo não aprova o conteúdo do texto. Rodrigo refaz o artigo, este,¹⁸⁸ sim, sensato e moderado, contendo um discurso ideológico no qual o personagem gostaria de acreditar, identificado com uma conduta menos emocional e

¹⁸⁷ “O Continente”: do mito ao romance. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O Contador de Histórias*. Op. cit., p. 189.

¹⁸⁸ “A Farpa” não foi fundada para ofender quem quer que seja. Nossos objetivos são os mais elevados. De resto, como poderíamos nós censurar os que nos atacam em nossa fé política, se nós mesmos não respeitamos as convicções alheias? Este semanário pretende manter-se no nível superior do bom jornalismo e jamais descenderá ao terreno mesquinho e lamacento das retaliações pessoais. Será, antes de mais nada, uma tribuna limpa e justa, sempre aberta aos que tiverem fome e sede de justiça.” O Retrato I. Op. cit., p. 221.

mais racional, o que seria condizente com o seu discurso. Entretanto, a versão que acaba sendo publicada é a primeira, aquela que fora escrita num momento de profunda irritação e raiva do personagem. Na troca de ofensas entre *A Farpa* e *A Voz da Serra* não existe um debate de interpretação de idéias, apenas ataques verbais despropositados. O efeito disso na trama remete a imprensa escrita a um papel de instrumento opressor, do ponto de vista ético, e repressor, do ponto de vista da violência, uma vez que os exemplares precisam ser distribuídos aos leitores sob ameaça.¹⁸⁹

Nesta fase, na qual Rodrigo se aventura na atividade jornalística, os militares são interlocutores ativos na rede de diálogos que forma esse “painel ideológico” do romance. O coronel Jairo Bittencourt¹⁹⁰ faz de tudo para convencer os outros sobre as maravilhas do positivismo, uma espécie de reforço do discurso de Toríbio Rezende, enquanto o tenente Rubim defende as polêmicas teorias de uma raça superior, uma antecipação na trama das idéias que acabam levando à Segunda Guerra Mundial. Na história oficial, de acordo com Sandra Jatahy Pesavento,¹⁹¹ estes personagens seriam os “intelectuais”, que atuam como elementos de ligação entre a classe dirigente e sua ideologia com o restante das classes.

Maria de Fátima Marinho¹⁹² lembra da importância das múltiplas focalizações, decorrentes dos inúmeros personagens em cena, e aponta que “correspondentes a opiniões distintas, que derivam freqüentemente de formações diversificadas, as tomadas de posição significam sentimentos, convicções, crenças”. É justamente na crença que Rodrigo tem em uma “verdade” ideológica pouco clara, que ele absorve ao acaso de jornais, revistas e livros, que se estrutura a sustentação da família Cambará na representação panorâmica de *O Tempo e o Vento*. Rodrigo ouve pacientemente os discursos dos militares, às vezes os contesta, mas não apresenta nenhum projeto consistente para melhorar a política e a sociedade, apenas

¹⁸⁹ “Começou pela Rua do Comércio. Fazia o cavalo subir nas calçadas, aproximava-se das janelas abertas e atirava para dentro de cada casa um exemplar da folha. Na rua entregava-os a amigos, conhecidos e desconhecidos. Fazia isso com tamanha decisão, com tão turbulenta energia, que os outros nem sabiam como recusar. E quando alguém lhe dizia ou fazia que não, Bio perseguia-o, chegava a meter-lhe o cavalo em cima, gritando: ‘Pega o jornal, molenga!’ E assim foi descendo em ziguezague a rua principal.” *O Retrato I*. Op. cit., p. 295.

¹⁹⁰ O personagem diz que: “A única coisa capaz de evitar as perturbações sociais oriundas da anarquia espiritual em que nos debatemos é a criação duma autoridade temporal verdadeiramente poderosa, capaz de efetuar a regeneração moral e mental da humanidade, criar, em suma, uma nova Fé. [...] Não a ditadura orgulhosa, cruel e desumana preconizada pelo nosso Rubim, mas a ditadura republicana positivista.” *O Retrato II*. Op. cit., p. 538-539.

¹⁹¹ Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: Cultura e Ideologia*. Op. cit., p. 62. “Os intelectuais vinculados a um bloco histórico dado constituem um grupo social que teoriza, torna coerente e difunde as idéias e os valores da classe dominante junto à massa da população. Há, evidentemente, o tipo de intelectual que, não comprometido com o “status quo”, luta pela transformação da sociedade [...]”.

¹⁹² Os interstícios da história em *O Tempo e o Vento*. In: BORDINI, Maria da Glória. *Caderno de Pauta Simples*. Op. cit., p. 273.

repete trechos de artigos que leu na imprensa,¹⁹³ ainda preso aos velhos clichês de igualdade e fraternidade. A avaliação negativa que o personagem faz da reflexão das ciências humanas sobre temas da existência pessoal e política indicia, segundo Maria da Glória Bordini (1992, p. 135), “um comportamento peculiar das lideranças políticas da República Velha até o Estado Novo, que só consideram ciência o conhecimento do Século XIX”.

Por isso, também, os periódicos que ele implanta em Santa Fé nas campanhas eleitorais não poderiam durar mais do que algumas edições. *A Farpa* e *O Libertador* são instrumentos doutrinários importantes e dos quais a família Cambará se utiliza, mas surgem com prazo de validade estabelecido até o final das eleições. Os jornais não têm o objetivo de fornecer aos leitores um espaço para discussão de propostas, apenas tentam convencer os eleitores com a desmoralização do outro candidato. Tampouco têm condições de agregar algum tipo de experiência nova aos poucos leitores, pois as notícias ali publicadas não obedecem a qualquer planejamento editorial no sentido de se formar uma doutrina.¹⁹⁴

Para trabalhar na tipografia destes jornais, surgem, em épocas diferentes, dois sujeitos atrelados às idéias socialistas. O espanhol Pepe Garcia dizia-se ser anarquista e “dava a entender” que estivera metido na conspiração que em 1905 resultou na explosão de uma bomba, na Rambla de las Flores, em Barcelona (O RETRATO I, p. 179). Ele gaba-se de possuir um exemplar do famoso e raro panfleto de Bakunin, o “Catecismo Revolucionário, a Bíblia dos anarquistas europeus.” Don Pepe coloca novas cartas nesta espécie de jogo de discursos ideológicos antagônicos que perpassam a trama ficcional. Ele carrega a bandeira da revolução contra a classe burguesa (no tempo cronológico do romance, sete anos antes da deflagração da Revolução Russa), embora também seja corrompido pelo sistema porque freqüente o Sobrado e desfruta da riqueza material dos Cambará. Pepe mexe com o preconceito e o conservadorismo de Santa Fé ao pintar quadros de mulheres nuas e causa escândalo quando pinta o retrato de um pecuarista e dá a ele os contornos da cabeça de um boi. No entanto, no retrato de Rodrigo Cambará ele alcança a perfeição de sua arte. O retrato que eterniza um instante de soberania de Rodrigo passa a ser o duplo do personagem do

¹⁹³ Este trecho é exemplar: “– Pois permita que eu faça mais uma vez a minha declaração de princípios. Creio nos Direitos do Homem, e em todas as conquistas da Revolução Francesa. Creio na liberdade, na igualdade e na fraternidade. Numa palavra: creio na Democracia. [...] – Não me interrompa, coronel, por favor. Quero terminar o meu pensamento. Acredito no progresso e, como Saint-Just, acho que a felicidade é possível sobre a Terra. O que vai pôr essa felicidade ao nosso alcance, no que diz respeito ao conforto material e à saúde, é a ciência, a ciência aplicada. Estamos no limiar duma grande era!”. *O Retrato II*. Op. cit., p. 539.

¹⁹⁴ “Se fosse intenção da imprensa fazer com que o leitor incorporasse à própria experiência as informações que lhe fornece, não alcançaria seu objetivo. Seu propósito, no entanto, é o oposto, e ela o atinge. Consiste em isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor.”. BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Op. cit., p. 106.

Sobrado, que encara o Outro como uma sombra do passado, cada vez mais distante – física e moralmente – do ser presente. Orlando Fonseca (GONÇALVES, 2000, p. 126) diz que o retrato de Rodrigo carrega uma vinculação importante, como signo de época, com “o ‘retrato oficial’, signo histórico popular à época da produção do texto, e que comporta, nas entrelinhas de sua configuração do romance, um julgamento do período político enfocado.”

Em outro momento político entra em cena Arão Stein, este, sim, o personagem que introduz no romance os slogans da bandeira comunista, tornando-se um membro do partido. Arão Stein é neto de um imigrante judeu russo e protegido de Rodrigo Cambará. Fez seus estudos no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre, mas teve que retornar a Santa Fé por ocasião da morte do pai, em 1918, do qual herdara uma loja de objetos usados. Passa a freqüentar o Sobrado, lê muito e logo faz planos de publicar um semanário com idéias comunistas. É por conta deste desejo em editar o jornal, e também por ser vítima da capacidade persuasiva de seu protetor, que Arão Stein se deixa corromper e aceita fazer propaganda da Aliança Libertadora no jornal *O Libertador*.¹⁹⁵ Durante uma discussão na roda dos personagens intelectuais, Arão Stein faz alusões ao Modernismo, inclusive recitando versos de Mario de Andrade, e atribui o movimento a mais um ataque da classe oprimida contra a burguesia, “desta vez pelo flanco da arte e da literatura.” (O ARQUIPÉLAGO II, p, 93). Também encontra relações entre a Primeira Guerra e o nascimento da indústria no Brasil e o movimento renovador da literatura nacional, acusa o exército de ser mais um instrumento de opressão do capitalismo contra as massas e segue o longo debate apresentando as idéias de Karl Marx.

Com esses arquétipos em ação, o autor abre o leque de vertentes ideológicas que compõem o romance no momento histórico. Para reforçar a análise sobre os traços desse esquema estrutural das idéias contidas no romance, e que passam de alguma forma pelo registro jornalístico, agrega-se aqui um apontamento de Maria da Glória Bordini (1995, p. 149):

Erico escolhe para cada personagem uma ideologia (com a devida pesquisa de fontes) e vai anotando desordenadamente os fatos e/ou idéias que deseja inserir em cada reunião ou nos demais episódios, com o cuidado de referi-los à personagem-receptáculo. Para efetuar o arranjo dos serões em família, basta-lhe juntar as personagens adequadas e a discussão estará garantida, mesmo que ele não planeje em detalhe as falas e réplicas. A polêmica implícita em cada ideologia se encarrega de unir os eventos discursivos esquematizados. Para estabelecer as seqüências

¹⁹⁵ O Arquipélago II. Op. cit., p. 127. “- Pode parecer uma incoerência. Todo mundo conhece minhas idéias. Tanto o Dr. Borges como o Dr. Assis não passam de representantes da plutocracia do Rio Grande”, argumenta Arão Stein.

narrativas propriamente ditas, ele apenas sugere os eventos também em desordem, pois as relações emocionais de cada personagem-suporte destes irão vinculá-los naturalmente.

Nos anos de 1920, conforme apresentado no Capítulo 2, a circulação de jornais começava a aumentar pelo interior do Estado. Cada vez mais, portanto, as publicações impressas ganhavam importância do ponto de vista da doutrinação ideológica, do convencimento pela repetição de uma mesma retórica identificada com os grupos dominantes. Num estudo de Ligia Chiappini,¹⁹⁶ ela percebe nos discursos de escritores e críticos da corrente regionalista gaúcha – os mesmos que escreviam nos jornais – a tentativa de “fazer ressurgir o mito do gaúcho-herói, em proveito da propaganda partidária.” Em *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo também não escapa a uma glamourização da figura do gaúcho. A partir do momento em que são as notícias dos jornais que conduzem os movimentos das revoluções e seus fatores antecedentes, criando seus heróis e diminuindo outros, o autor reafirma muitas vezes alguns valores mitológicos do gaúcho que passaram a ser vistos como verdade histórica. Exemplo disso é a mitificação em torno dos personagens Capitão Rodrigo e Ana Terra, que, com ajuda do cinema, passaram ao imaginário popular como sinônimos de uma legitimidade do sujeito gaúcho.

A ótica jornalística, nos episódios pesquisados do romance, em geral não está com os agentes do conflito, mas sim com os espectadores, que assistem a tudo no conforto da casa. Rodrigo tem sua chance de pegar em armas e mostrar que herdou a hombridade do avô na Revolução de 1923. No entanto, a coluna revolucionária – na verdade liderada pelo pai – se desloca sem parar de um lugar a outro, fugindo dos combates porque não tem armas para enfrentar o inimigo.¹⁹⁷ Pouco depois, Rodrigo acompanha os rumos da revolta pelas páginas dos jornais e, num misto de orgulho e inveja, tenta imaginar por onde andará o irmão Toríbio, que segue a coluna revolucionária de Luís Carlos Prestes. Cada informação que chega do irmão, por mais remota que seja, está sempre recheada de aventuras e fatos fantasiosos. Toríbio encarna neste momento o mito do gaúcho herói que sai do Rio Grande do Sul para conquistar o Brasil, uma alegoria perfeita do gaúcho “idealizado” pela historiografia e pela

¹⁹⁶ CHIAPPINI, Ligia. *Regionalismo e Modernismo (O “Caso” Gaúcho)*. São Paulo: Ática, 1978, p. 172.

¹⁹⁷ O Arquipélago I. Op. cit., p. 275. O *A Voz da Serra* publica: “A famigerada Coluna Revolucionária de Santa Fé, comandada pelo conhecido mazorqueiro Licurgo Cambará, com seus bandidos armados de lanças de pau, armas descalibradas, espadas enferrujadas, anda correndo pelos campos do interior do nosso município, carneando gado alheio, roubando estâncias e casas de comércio, desrespeitando mulheres e espancando velhos indefesos. Os bandoleiros assististas recusam combate e fogem sempre à aproximação da vanguarda da coluna republicana do bravo Cel. Laco Madruga, baluarte do borgismo na Região Serrana. Quanto tempo durará ainda esta comédia?”

literatura sulina.¹⁹⁸ O personagem acaba sendo preso na Bahia, mas volta vivo a Santa Fé – por influência de Rodrigo, que o resgata da prisão – para contar aos amigos as proezas que enfrentou durante a marcha.

Enquanto os homens lutam pelo poder, outro tipo de revolução, silenciosa e sem armas, se propaga pelos laços culturais e modifica a sociedade na ficção. Junto com o modernismo chega ao universo romanesco o pensamento norte-americano e, com ele, novas maneiras de interpretar o mundo. Os habitantes se familiarizam com Hollywood, discutem sobre os progressos da ciência e as novidades artísticas. A introdução de informações da imprensa que tratam deste novo modelo social em ascensão não apenas “reproduz” uma sociedade, como também faz dela um molde de seu próprio discurso. Aqui seria interessante lembrar o que escreve Paul Ricoeur¹⁹⁹ sobre ideologia, que, para ele, “é função da distância que separa a memória social de um acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir.” Ainda, segundo o autor, “seu papel não é somente o de difundir a convicção para além do círculo dos pais fundadores, para convertê-la num credo de todo o grupo, mas também o de perpetuar a sua energia inicial para além do período de efervescência.”

É com esta idéia de perpetuar uma determinada prática ideológica que os personagens de *O Tempo e o Vento* se posicionam no romance, atados ao universo da informação jornalística. As idéias de Pepe Vargas e Arão Stein amadurecem para virar o Partido Comunista no Brasil; as do Coronel Jairo se confirmam na permanência republicana no poder e na ascensão de Vargas; as do Dr. Winter se justificam pelas conseqüências nefastas da guerra e as do tenente Rubim pelo anti-semitismo europeu. E todas essas idéias reproduzidas pelos jornais, quando lidas e interpretadas pelos leitores/personagens, transmitem uma noção de que a “verdade” está sempre com a última notícia. Esse é o princípio que faz funcionar as tipografias de *A Voz da Serra*, jornal que sempre tem a versão mais recente dos fatos e fornece ao leitor as informações que ele espera ler. Conforme diz Carlos Reverbel (1957, p. 109), “pois se é verdade que a imprensa influi sobre a sociedade, não é menos exato que a sociedade também influi sobre a imprensa, numa escala talvez mais determinante, já que os jornais, em última análise, são tanto um produto dos leitores e anunciantes, que os compram e sustentam, como dos proprietários que os administram e orientam”.

¹⁹⁸ Em *Regionalismo e Modernismo*, Ligia Chiappini faz uma análise de discurso dos jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *A Federação* durante a campanha da Aliança Liberal, em 1929, nos quais identifica a concretização de um discurso que exalta o gaúcho-herói e o Rio Grande Heróico, sendo que este também está “perfeitamente enquadrado no paradigma em que ressaltam os atributos examinados nos textos pretensamente ficcionais”. Op. cit., p. 166.

¹⁹⁹ RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 62.

O convencimento republicano da folha de Santa Fé acontece de forma evidente nas campanhas políticas e nas revoluções, mas de forma sutil – e talvez mais profunda – em outras situações, como nas descrições de suntuosidade do carnaval do Clube do Comércio e do *réveillon*, eventos sociais que reúnem as famílias abastadas da região. As “notícias” da *Voz*, desta forma, quase sempre exaltam a condição burguesa da gente, um sinal de legitimidade da administração pública dos republicanos.²⁰⁰

Quando começa a estourar a Revolução de 1930, Rodrigo está pronto para defender os interesses do Estado e de sua classe. É chegada a hora dos gaúchos tomarem o poder nacional e o Cambará não poderia ficar de fora, embora enfatize em seu discurso desconhecer o verdadeiro sentido da revolução, que é a concretização de um projeto gaúcho de ampliar a implantação das idéias positivistas.

– Que queres então? – perguntou Rodrigo, já meio espinhado. – Estender o positivismo borgista ao resto do país? Fazer de cada brasileiro um castilhistas, do Amazonas ao Rio Grande? Levar a famigerada “ditadura científica” do Chimango ao governo central? Eu vejo o problema de maneira mais singela. Há quarenta anos que nosso Estado é a Gata Borracheira da República. Chegou a nossa hora de ir ao baile do Príncipe! Apresentamos legalmente um candidato à presidência e fomos esbulhados nas urnas. Agora só nos resta o recurso das armas! (O ARQUIPÉLAGO III, p. 621)

A afirmação de Rodrigo neste diálogo com o Dr. Terêncio mostra a encruzilhada que se apresenta ao personagem e prenuncia o desarranjo familiar dos Cambará. Apesar de a família ascender juntamente com Vargas, essa decisão provoca desgastes na estrutura financeira e moral dos Cambará. No momento em que recebe o telegrama para acompanhar Getúlio Vargas ao Rio de Janeiro, Rodrigo é questionado pelo irmão se aceita ou não o convite. “Claro homem! Não compreende o alcance deste convite? Significa que vou entrar na Capital Federal ao lado do chefe da revolução vitoriosa!” (O ARQUIPÉLAGO III, p. 691). Mas, para entrar nesta aventura, Rodrigo precisa deixar a propriedade sob os cuidados do sogro. Babalo ouve de Rodrigo que a situação “é negra” e que os Cambará “estavam em dificuldades financeiras, tinham dívidas, a estância se achava hipotecada e o prazo da hipoteca prestes a vencer”. Rodrigo não se deixa abater. “– Mas a vitória da revolução é certa”, acrescenta, “com animação”. Regina Zilberman (BORDINI; ZILBERMAN, 2004, p. 40)

²⁰⁰ LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. 3ª ed. Florianópolis: Insular/EdUFSC, 2001, p. 25-26. “A burguesia ascendente utilizou seu novo produto para a difusão dos ideais de livre comércio e de livre produção que lhe convinham. Logo também viriam respostas do poder político autocrático a essa pregação subversiva, sob a forma de regulamentos de censura ou de edição de jornais oficiais e oficiosos, vinculados aos interesses da aristocracia. A liberdade de expressão do pensamento somou-se, na luta contra a censura, às outras liberdades pretendidas no ideário burguês, e o jornal tornou-se instrumento de luta ideológica, como jamais deixaria de ser”.

entende que Rodrigo, após ter sido um forte opositor do regime durante a República Velha, “chega a uma posição de prestígio em 1930 e se corrompe: o jovem liberal e idealista transforma-se em adepto da ditadura”. Já no trem, em direção ao Rio de Janeiro, Rodrigo faz um balanço dos últimos tempos e conclui que:

Não pude salvar a vida da minha filha – refletiu ele com amargura. Queimei o meu diploma, abandonei minha profissão. Levei meu pai à morte. Perdi o afeto da minha mulher e do meu filho mais velho. Matei um amigo... Santo Deus, que tremendo fracasso!

As lágrimas agora escorriam-lhe livremente pelas faces. João Neves da Fontoura apareceu rapidamente à porta, e disse:

– O Presidente manda te convidar para um uísque...

Enxugando os olhos com as pontas do lenço, Rodrigo entrou no carro.

(O ARQUIPÉLAGO III, p. 697)

Desta forma, os artifícios da trama conduzem a leitura para uma desconstrução das virtudes defendidas pela família Cambará. A colaboração de Rodrigo com o Estado Novo e a desagregação familiar²⁰¹ que se aprofunda a partir de 1930 mostra que não valeu a pena brigar por certos ideais. As intermináveis batalhas ideológicas travadas nos diálogos, na leitura dos jornais ou pelas armas revelam que tudo caiu no vazio. E, como diz Rodrigo Cambará, o verdadeiro partido de um homem, no final das contas, é o amor-próprio.

Se tudo se reduz a uma pura necessidade econômica, como vocês marxistas afirmam, como se explica a dedicação e o sacrifício desses revolucionários que não têm terras ou fábricas a defender, e que de seu hoje não possuem mais que a roupa de corpo, o cavalo e as armas? [...] Nossos homens são capazes de lutar desinteressadamente por um ideal, por um amigo, pela cor de um lenço, por...por...pelo seu penacho! Em 23 muito “provisório” recrutado a maneador, na hora do combate brigou como um leão. Por quê? Por causa de fatores econômicos? Por causa da mais-valia ou da ditadura do proletariado? Não! No fundo, o verdadeiro partido de um homem é seu amor-próprio, o seu orgulho de macho. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 487)

Ao optar-se por concentrar o foco da análise no eixo histórico do romance, foram deixadas de lado as reflexões feitas por Floriano no eixo ideológico, no qual os diálogos dos episódios de “Reunião de Família” se encaixam para fechar o tempo cíclico da trilogia. Deter-

²⁰¹ Palavras de Floriano Cambará: “Em 1937 já a desintegração do clã Cambará no Rio era quase completa. D. Flora e o Dr. Rodrigo (ninguém ignorava lá em casa) já não eram mais marido e mulher, tinham quartos separados, guardavam apenas as aparências...Mamãe e Bibi tinham conflitos de temperamento. Aos dezessete anos minha irmã mandara para o diabo o código para discussões e emburramentos sem fim lá em casa. Eduardo estava já em lua de mel com seu marxismo, começava a sentir-se mal como membro daquela família de plutocratas, e não perdia oportunidade de me agredir por causa do que ele chamava (e ainda chama) de meu “comodismo”. O Arquipélago II. Op. cit., p. 391.

se no eixo ideológico poderia provocar, além de uma exceção perigosa à delimitação temporal da pesquisa, o surgimento de várias outras possibilidades de estudo, uma vez que Floriano é o narrador do romance.²⁰² Os pensamentos que Floriano expressa nas conversas com Tio Bicho, em 1945, carregam todo um conjunto de julgamentos, de novas versões dos fatos, interpretações da representação histórica e social nas quais os personagens e seus feitos no eixo histórico são analisados à distância.²⁰³ Uma abordagem sobre estes elementos certamente implicaria em uma dispersão dos propósitos desta pesquisa. O que não acontece numa análise sobre a postura crítica e a visão que o autor tem da História a partir do discurso jornalístico presente em *O Tempo e o Vento*, próximo tema deste estudo.

²⁰² FONSECA, Suzana Job Borges da. *Floriano Cambará – personagem de O Tempo e o Vento*. Porto Alegre: UFRGS, 1985. Dissertação de Mestrado. Além desta pesquisa, três esclarecedores ensaios sobre o personagem Floriano Cambará estão no livro *Erico Veríssimo: o romance da história* (Op. cit.), de autoria de Sandra Jatahy Pesavento, Lígia Chiappini e Jacques Leenhardt.

²⁰³ “O eixo da discussão ideológica propõe um exame franco dos pressupostos teóricos e históricos das ações políticas que são a matéria do eixo histórico”. In: BORDINI, Maria da Glória. *O Questionamento Político em O Arquipélago*. Op. cit., p. 132.

3.3 EDIÇÃO DE NOTÍCIAS: UM OLHAR PARTICULAR

A descrição que Erico Verissimo faz da História do Rio Grande do Sul e do Brasil na narrativa ficcional de *O Tempo e o Vento* apresenta, segundo a crítica, elementos que a identificam como uma espécie de “revisão” desta história. Sergius Gonzaga²⁰⁴ entende que “o projeto de Erico ao escrever a trilogia visava a desmistificar o conjunto de fantasias articuladas em torno do gaúcho”. Mas ressalva: “uma obra artística, todavia, não é necessariamente a tradução da vontade subjetiva de seu criador.” Já Sandra Jatahy Pesavento (PESAVENTO; LEENHARDT, 2001, p. 90) afirma que o autor é um “escritor que recria a ‘atmosfera’ – para usar a expressão de Sérgio Buarque de Holanda –, os seus compromissos com a história vão além da criação de uma mera ‘ambiência’ de época, que confere um ‘efeito de real’ à temporalidade narrada”. Por sua vez, Heloisa Jochims Reichel²⁰⁵ destaca que “o romance de Erico pode ser considerado como um discurso regionalista que contribui significativamente para a aceitação coletiva de determinadas representações como sendo próprias da identidade sul-rio-grandense”. Diante destas constatações iniciais, busca-se agora uma interpretação própria que explique a profundidade da relação entre os recursos jornalísticos na obra ficcional e o pensamento do escritor Erico Verissimo enquanto sujeito social.

O autor de *O Tempo e o Vento* sempre procurou em vida definir-se como um homem sem partido, humanista e liberal, contrário à violência e à censura.²⁰⁶ No entanto, ao se considerar que as questões pessoais do autor são levadas naturalmente no plano narrativo da ficção²⁰⁷, surgem então novas hipóteses de interpretação no estudo das fontes e do discurso jornalístico, combinados com os perfis ideológicos dos personagens letrados no romance.

A primeira dificuldade de uma análise crítica sobre autobiografia e ficcionalidade é que nunca se poderá afirmar categoricamente que determinado aspecto da ficção

²⁰⁴ GONZAGA, Sergius. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1986, p. 20.

²⁰⁵ A identidade Sul-rio-grandense. In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Op. cit., p. 208.

²⁰⁶ “Foram muitos os escritores declaradamente de esquerda, como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Raquel de Queirós, Abguar Bastos, Dionélio Machado, Oswald de Andrade; ou simpatizantes, como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego (este, ex-integralista); ou que não eram uma coisa nem outra, mas manifestavam a referida consciência “social”, que os punha um grau além do liberalismo que os animava no plano consciente, como Erico Verissimo, Amando Fontes, Guilhermino César”. A Revolução de 30 e a cultura. In: CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 229.

²⁰⁷ Sobre isso, Antonio Candido diz que: “[...] quando toma um modelo de realidade, o autor sempre acrescenta a ele no plano ideológico, a sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada. Noutras palavras, o autor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas que é uma interpretação deste mistério; interpretação que elabora com a sua capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida”. In: *A Personagem de Ficção*. Op. cit., p. 65.

corresponde ao caráter do escritor. Em *O Tempo e o Vento*, a principal revelação da trama neste sentido acontece nas últimas páginas, quando Floriano Cambará revela-se o narrador do romance. Nas palavras de Regina Zilberman (BORDINI; ZILBERMAN, 2004, p. 163), “Floriano é o autor de *O Tempo e o Vento*, personagem doravante responsável por tudo que pode ser atribuído ao narrador – julgamentos, descrições, acertos e erros. Delegam-se a autoria e a propriedade, permitindo que o autor histórico esconda-se no anonimato.” Segundo Antonio Hohlfeldt,²⁰⁸ a constância do autor em criar alter egos ou transferir a alguns personagens suas próprias idéias “caracteriza um dos principais elementos de afirmação e importância da obra de Erico Verissimo, qual seja sua preocupação de ao mesmo tempo em que cria ficcionalmente, refletir sobre esta criação, testemunhando sobre seu tempo”. Quando teoriza sobre a visão de mundo de Erico Verissimo traduzida pelo alter ego Tônio Santiago de *O Resto é Silêncio*,²⁰⁹ Flávio Loureiro Chaves (2001, p. 79) destaca que:

Portanto, o fator ideológico passa a interessar não porque seja um referente externo, um mero adjetivo ou comentário da realidade factual, mas porque se tornou interno, fundamento da existência dos seres de ficção e, assim, consubstancial à narrativa.

O mesmo acontece, acredita-se, com o alter ego Floriano e os rumos da narrativa em *O Tempo e o Vento*. Por trás deste “anonimato”, Erico Verissimo constrói o panorama histórico da trilogia sem ter que responder por isso mais tarde, pois o romance é ficção, mas seria ingenuidade acreditar que o autor passa ao largo das questões que o incomodam.²¹⁰ Na voz de Floriano, com a ajuda da memória, dos jornais e de outras fontes históricas, o escritor desenha o “seu” Rio Grande projetado sobre uma família, desde o enlace entre Pedro Missioneiro e Ana Terra, no Século XVIII, até a ruína representada pela morte do patriarca Rodrigo Cambará, neto do bravo Capitão Rodrigo Terra Cambará, em 1945.

Uma interrogação que se levanta neste momento é o porquê do autor, que se declarava humanista e liberal, ter amarrado o enredo a uma família positivista e republicana, integrante do regime que dita os rumos do Rio Grande durante quase quarenta anos e depois estende seus domínios ao resto do país numa revolução armada. Com as informações publicadas em jornal que são levadas ao romance, Erico Verissimo legitima sua concepção

²⁰⁸ HOHLFELDT, Antonio. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê!, 1984, p. 24.

²⁰⁹ VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. 20ª ed. São Paulo: Globo, 1994.

²¹⁰ “A relação do criador com sua cultura teria, assim, a dupla função da maternidade e da paternidade. Num ato de entrega amorosa, o escritor fertilizaria a matéria da história com sua imaginação e suas culpas e gestaria a obra elaborando suas repressões ao escrever”. BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Op. cit., p. 249.

literária do ponto de vista da historicidade, inserindo fontes da versão jornalística dos fatos, mas reitera na ficção as bases ideológicas que moldaram o pensamento republicano rio-grandense, na teoria e na prática.

No panorama dicotomizado da política gaúcha no período estudado, a ala republicana era formada em geral por ruralistas “progressistas” (chimangos), defensores de um Estado moderno e de economia diversificada, que se uniram à pequena burguesia urbana em oposição aos ruralistas liberais (maragatos), ligados ao sistema econômico agropastoril. Entretanto, essas relações muitas vezes eram ambíguas e a troca de lado era um fato comum, bem como as dissidências internas em cada facção.

Neste contexto, a família Cambará, estancieira e latifundiária, segue desde o princípio – 1884 – o bloco favorável à República e às idéias positivistas. Em algumas ocasiões ela luta contra essa origem e defende a bandeira liberal, mas a fidelidade ao “progresso” se confirma na cadeira de deputado de Rodrigo Cambará e no sucesso da Revolução de 30. O vaivém ideológico do Sobrado, portanto, que coloca os Cambará atuando em duas frentes políticas de acordo com a situação e a necessidade, simboliza a ambigüidade da elite gaúcha na defesa de seus interesses. Essas ambigüidades e contradições dos personagens de *O Tempo e o Vento* também podem, entende-se, estar relacionadas às próprias angústias do escritor. Um agente intermediário na transposição da História para a narrativa histórica, Erico Verissimo vive o conflito de ter que fazer os seus julgamentos da sociedade e posicionar-se ideologicamente como indivíduo.

Quando introduz no Sobrado diversos interlocutores intelectuais e atribui a cada um deles uma corrente de pensamento e de crença, o autor deixa-os exprimirem suas idéias sem evidenciar claramente a preferência por nenhuma. Desta forma, com a opinião dos militares, dos padres, dos jovens socialistas e dos latifundiários, muitas vezes amparados pelos editoriais dos jornais, o escritor expõe todas as facetas ideológicas e identitárias de um período histórico de profundas transformações. No entanto, é justamente a somatória destas correntes que forma a Aliança Liberal e estabiliza Getúlio Vargas no poder. Nas palavras de Alfredo Bosi (1992, p. 305), “o líder castilhistas gaúcho não hesitou em convocar militantes socialistas, industriais avançados e cultores do nacionalismo centralizador” quando constituiu a comissão de consultores do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Ao se relacionar as idéias dos personagens de *O Tempo e o Vento* com este aspecto específico da história nacional, nota-se que o painel romanesco do autor tende a reforçar valores do passado real, sem, portanto, necessariamente, evidenciá-los como crítica ou negação.

Em suas anotações biográficas de *Solo de Clarineta I*, Erico Verissimo (1995, p. 289) observa que antes de começar o projeto de *O Tempo e o Vento* precisou vencer resistências interiores, a maioria delas originadas nos tempos de escola. Afirma ele que os livros apresentavam a história do Estado “como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas”, e que “a verdade sobre o passado do Rio Grande devia ser mais viva e bela que a sua mitologia. E quanto mais examinava a nossa História, mais convencido ficava da necessidade de desmistificá-la.”

Para a crítica consagrada do autor, Erico Verissimo consegue concretizar o seu projeto de revelar uma nova história do Rio Grande na trilogia, suplantando a visão romântica e mitológica do gaúcho. É justamente este o ponto discordante que a pesquisa evidencia acerca dos recursos jornalísticos na narrativa. Fazem parte do romance os políticos gaúchos influentes, os jornais de maior circulação e as notícias impressas que incutem nos leitores as idéias destes mesmos políticos. Logo, a ficção acaba por legitimar pela repetição²¹¹ os discursos que caracterizam o gaúcho na historiografia e na literatura do Rio Grande do Sul.

Em seu plano criativo, o escritor transmite ao narrador Floriano Cambará a sua “psicologia pessoal”²¹² e deixa que este se encarregue do acerto de contas com a história apresentada. Mesmo que no final da trilogia a morte de Rodrigo Cambará e a desestruturação da família evidenciem a queda de uma tradição, muitas lacunas ficam abertas na reflexão que Erico Verissimo faz da realidade histórica e social. Concorde-se, aqui, com o que assinala Joaquin Rodrigues Suro (1985, p. 248), quando diz que “essas reflexões históricas são feitas desde a estrutura mental ambígua de sua posição social de democrata liberal de classe média”.

Na sua composição histórica, o escritor concentra-se muito mais sobre os aspectos políticos da sociedade do que em suas ramificações econômicas. Sobre este ponto, Daniel Fresnot²¹³ destaca que “a luta política aparece não apenas como parte integrante, mas talvez como preocupação básica de Erico Verissimo”. A constatação de Fresnot se confirma, nesta pesquisa, tendo em vista a numerosa multiplicação de aspectos político-ideológicos confrontados em diversos instantes da narrativa. Quando projeta sobre a família Cambará o

²¹¹ A questão da repetição, ou da redundância, inclusive, foi motivo de estudo em outro livro no qual Erico Verissimo utiliza muitos recursos do jornalismo, que é *Incidente em Antares*. Nesta pesquisa, Eliana Pibernat Antonini afirma que “a repetição se constata plenamente numa cultura de massa” e que “o texto como produto é objeto da cultura de massa e Erico pode ser considerado, no sistema literário brasileiro e rio-grandense, um precursor deste tipo de literatura”. In: *Incidentes Narrativos: Antares e a Cultura de Massa*. Op. cit., p. 173 e 240.

²¹² A expressão é utilizada por Tristão de Athayde, que afirma ser essa “psicologia pessoal” uma consequência da coincidência do objetivismo realista e da presença subjetiva do autor na obra. Erico e o antimachismo. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias*. Op. cit., p. 87.

²¹³ FRESNOT, Daniel. O pensamento político de Erico Verissimo. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 32.

ideário positivista de Júlio de Castilhos, o autor evidencia a impossibilidade de fuga do contexto político na representação da sociedade.

Assim, toda a estrutura conjuntural que leva o Partido Republicano ao governo da província, sua continuidade na figura de Borges de Medeiros e o crescimento de um sentimento forte de rejeição a este governo estão presentes na trama.²¹⁴ Mais do que isto, os elementos políticos do ponto de vista partidário e seus efeitos sobre os habitantes de Santa Fé estão associados aos destinos da família Cambará. Por isso, a Revolução de 1930, que delimita o fim da Primeira República e de antigos modelos de desenvolvimento econômico e social, coincide com a partida de Rodrigo Cambará para o Rio de Janeiro. A vitória dos Cambará simboliza a realização de um projeto que tira o governo central das mãos de São Paulo e Minas Gerais e o delega ao Rio Grande do Sul, apesar desta conquista cobrar um preço alto da família, que é a sua crise financeira e moral.

Durante uma conversa com o pai, já convalescente numa cama do Sobrado, Floriano lembra das eleições de 1930 e de como foi o seu primeiro contato com o processo democrático:

Acompanhei-o até a Intendência, onde estavam instaladas várias das mesas eleitorais. O senhor me segurou o braço e murmurou: “meu filho, a esta hora os lacaios do Washington Luís em dezoito estados da União estão falsificando as atas e esbulhando a eleição. Se não fizermos o mesmo estamos perdidos. A nossa causa é boa e o fim justifica os meios.” [...]

– O senhor então me mostrou seus companheiros que estavam todos empenhados em assinar nas atas nomes de eleitores imaginários, para aumentar os votos para Getúlio Vargas e João Pessoa. Em suma, queriam que eu também colaborasse... Minha relutância caiu diante da sua veemência [...].

– Repito que só tens memória para as coisas negativas.

– E sabe qual foi a maneira que encontrei de varrer a testada? Foi inventando e escrevendo nomes como Jérôme Coignard da Silva, João Gabriel Borkmann da Cunha, Dorian Gray de Almeida, Hendrik Ibsen de Oliveira. Era como se eu estivesse mandando uma mensagem cifrada à Posteridade nestes termos: “Forçado a me acumpliciar nesta fraude, submeto-me à comédia *cum grano salis*.” E enquanto eu escrevia, uma voz dentro de mim repetia um estribilho: “Isto então é democracia? Isto então é democracia?”

Rodrigo olha para o filho e diz:

– Exatamente. Aquilo era democracia. Foi por essa e por outras que o Getúlio compreendeu que nosso povo não estava e não está amadurecido para o regime democrático. Naturalmente não concorda.

– Não. Na minha opinião, que vai contra a sua e contra a do Eduardo, só há um caminho para uma boa democracia: é ainda uma democracia defeituosa como a que temos tido. (O ARQUIPÉLAGO II, p. 577-578)

²¹⁴ “O fenômeno sócio-político do caudilhismo forçosamente haveria de marcar o mundo sensorial de Erico Verissimo”. FRANCO, Sérgio da Costa. Erico e o caudilhismo. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 13 dez. 1975. Caderno de Sábado, Ano 8, v. 17, n. 395.

Apesar de não ser possível tomar as conclusões de Floriano como sendo as mesmas de Erico Verissimo, mesmo que o personagem seja assumidamente o seu alter ego, o sentimento de frustração expressado pelo filho – que é o verdadeiro escritor de *O Tempo e o Vento* – em relação aos eventos ocorridos em 1930 pode, sim, ser o mesmo experimentado pelo autor enquanto sujeito da História. A Floriano cabe a tarefa de esgarçar a utopia de um Estado formado por homens corruptos e imperfeitos. Mas o resultado disso ao final do romance tem mais sentido em reafirmar a posição soberana do gaúcho no cenário nacional do que em destruir os seus castelos.

Neste contexto, as notícias de jornal e recursos outros do jornalismo analisados servem, também, para confirmar a “parcialidade” deste olhar particular de Erico Verissimo sobre a sociedade gaúcha e brasileira no período estudado. Se pensarmos que durante o processo criativo da trilogia o autor selecionou determinadas notícias e artigos em detrimento de outros, além de projetar sobre os personagens diferentes efeitos interpretativos, chega-se à conclusão de que a imprensa de certa forma também orientou a psicologia pessoal do autor, a mesma que acaba sendo conduzida para o romance.

Nilson Lage²¹⁵ diz que a “identificação” e a “empatia” são fatores importantes na retórica do jornalismo. Sobre estes dois aspectos se apóiam “notícias sobre personagens que correspondem a estereótipos sociais, como o malandro que engana a todos, o vingador destemido, o homem que se fez por si mesmo ou o herói revolucionário e romântico”. Independentemente das razões que levam Erico Verissimo a preferir certos extratos ou manchetes em detrimento de outros, o fato é que na mediação entre jornal, escritor e romance há um fio condutor pelo qual transita um conjunto de idéias e opiniões que se encaixa na estrutura da narrativa. Essas idéias, em geral, evidenciam a sociedade sob governo republicano e seus principais interlocutores.

Tendo em vista que o discurso jornalístico reproduzido na ficção parte principalmente de uma imprensa comprometida politicamente (*A Federação* e, em alguns momentos, *Correio do Povo*), é lógico pensar que as inclinações deste programa político e ideológico predominem sobre os destinos dos personagens da narrativa histórica. Consciente ou não, o autor, em seu projeto de reconstituir a História rio-grandense na ficção, o faz de forma a direcionar o quadro social para um desfecho marcado pelo fracasso e pela falência de um grupo social. No entanto, a ação que se desenrola para conduzir os personagens a esse final acaba por se tornar muito mais marcante no conjunto de significações de *O Tempo e o*

²¹⁵ LAGE, NILSON. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1997, p. 49.

Vento. A saga da família Cambará – castilhistas e latifundiária – se transforma num épico em que seus integrantes se apresentam como heróis, acostumados ao combate e que alcançam a glória em 1930.

Ao abrir a narrativa do romance com a guerra da “degola” na Revolução Federalista, recuando para o momento de implantação do modelo positivista na sociedade pré-república e avançando no tempo em direção aos sucessivos conflitos de natureza política, Erico Verissimo legitima de certa forma os gestos de Licurgo Cambará, que prefere ver os seus familiares mortos a pedir uma trégua, e fortalece os sentimentos de coragem e heroísmo deste personagem. Essa herança de altivez de Licurgo (herdada, por sua vez, do Capitão Rodrigo) é passada para Rodrigo Cambará e seu irmão Toríbio.

Nem a morte de Rodrigo Cambará ou a desintegração da família conseguem anular essa imagem gloriosa dos personagens e a exaltação de seus destinos. No período da formação político-ideológica republicana no Rio Grande, como retratado na trilogia, constata-se que o escritor se apropria de um “modelo” social reproduzido na imprensa, bem como nos livros de História e em suas próprias experiências e observações. Sem que ele consiga, portanto, fugir de um discurso repetido e assumido como verdade pela historicidade.

Neste ponto mais uma vez é necessário recorrer a Walter Benjamin (1989, p. 106), quando este diz que:

Se fosse intenção da imprensa fazer com que o leitor incorporasse à própria experiência as informações que lhe fornece, não alcançaria seu objetivo. Seu propósito, no entanto, é o oposto, e ela o atinge. Consiste em isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra) contribuem para esse resultado, do mesmo modo que a paginação e o estilo lingüístico.

Seria difícil, portanto, imaginar que o escritor enquanto leitor de jornais não teria também sido influenciado por estes princípios que regem o discurso jornalístico fragmentado. Percebe-se a preferência do autor pelas informações jornalísticas que apresentam o mundo do presente (notícias e artigos sobre as guerras e revoluções) e o mundo do futuro (novidades tecnológicas, progresso e o movimento urbano), as quais levam os personagens a assumir, de uma forma ou de outra, a doutrina ideológica do grupo social e político dominante. Como numa paródia, os símbolos representativos deste grupo são integrados à narrativa e dividem-se continuamente em novas possibilidades de interpretação, mas sempre convergem para a

formação de um caráter gauchesco não muito diferente do que até então já existia na literatura sulina.

A hipótese aqui levantada é a de que Erico Verissimo, ao desenvolver a narrativa baseada em fatos, muitos deles advindos do jornalismo ou representativos deste sistema de comunicação, constrói um panorama que carrega em si todos os conflitos de uma revisão de valores éticos e estéticos da sociedade gaúcha e brasileira na Primeira República, traduzindo conceitos do próprio autor. Entretanto, deste imenso quadro não emerge nem se revela uma “nova” sociedade, mas, ao contrário, se legitima uma identidade social já conhecida dos jornais.

CONCLUSÃO

Ao estruturar a trilogia de *O Tempo e o Vento* em três eixos distintos, um mitológico, um histórico e um ideológico, Erico Verissimo constrói a saga da família Terra-Cambará a partir de diferentes focos de abordagem narrativa. No primeiro há uma preferência pelos aspectos míticos da formação do Rio Grande do Sul, que remontam ao passado remoto do Século XVIII. No segundo, onde se concentra esta pesquisa, o autor se debruça sobre os acontecimentos políticos e sociais que marcaram a transição de um país imperial para um país republicano, tendo como matriz principal a atuação dos gaúchos neste projeto nacional, representado no romance pelos personagens de Santa Fé. No terceiro, no plano ideológico, os personagens fazem seus julgamentos da História e são julgados por ela.

Quando começa a trabalhar na trilogia, Erico Verissimo cerca-se de jornais publicados na época retratada e a partir deles “reconstitui” a História rio-grandense. Com a inserção de fatos reais em meio ao universo fictício, o autor narra em diversos quadros uma história que, em geral, é recebida pela crítica como sendo a sua obra-prima e o primeiro romance histórico brasileiro. Nesta pesquisa, procurou-se mostrar que a estratégia do escritor em levar os recursos jornalísticos para o romance vai além de apenas criar um efeito de veracidade na trama.

Erico Verissimo cresceu num ambiente onde a leitura de jornais era um hábito comum. Ao mudar-se de Cruz Alta para Porto Alegre, ele trabalhou como diretor da *Revista do Globo* e, mais tarde, colaborou com jornais da Capital. Apesar de não ter sido um jornalista profissional, o escritor aprendeu a se relacionar com a prática jornalística e a atribuir a ela um elevado grau de representatividade na formação social rio-grandense. Desta forma, juntamente com outros objetos que representam elementos importantes para a preservação da linhagem familiar dos Terra-Cambará, como o punhal, a tesoura e a roca, o autor incluiu também o jornal neste conjunto de signos de *O Tempo e o Vento*.

É a partir das páginas da imprensa escrita que Erico Verissimo introduz na narrativa as idéias positivistas pregadas por Júlio de Castilhos nos últimos anos da Monarquia e os debates que antecedem a Proclamação da República. Na reprodução do discurso republicano à época dos debates sobre, entre outros temas, a libertação dos escravos, tendo por base os artigos publicados em jornal, o narrador “explica” os motivos que levam os personagens à Revolução Federalista. Esse é o momento histórico escolhido para abrir o romance nos episódios de “O Sobrado”. Neste fragmento crucial da narrativa, quando

principia a suplantação do “velho” Rio Grande, os jornais estão à mão dos personagens. Para aquecer o fogo ou para trazer uma notícia da guerra pela força do vento.

No período abrangido pelo estudo, que vai de 1884 a 1930, o escritor se utiliza de diversos veículos de comunicação – reais e fictícios – para arquitetar a história política e social do Rio Grande do Sul e do Brasil. Além das notícias retiradas de mais de uma dezena de jornais, Erico Verissimo também cria personagens-jornalistas, tipógrafos e redatores, ou simplesmente municia os protagonistas com periódicos que funcionam como fontes históricas indiretas no romance. Assim, ajudado pelas notícias de *A Federação* e do *Correio do Povo*, bem como dos fictícios *A Voz da Serra*, *A Farpa* e *O Libertador*, o escritor atribui ao recurso jornalístico uma importância fundamental na composição narrativa e na construção do cenário gaúcho e nacional.

Viu-se que as transformações econômicas, políticas e sociais que acompanham o ciclo de mudanças do regime governamental brasileiro também atingem a imprensa, que enfrenta novas exigências de um público leitor cada vez mais diversificado e menos simpático ao jornalismo declaradamente engajado nas correntes partidárias. Mesmo com os baixos índices de leitura e do elevado grau de analfabetismo da população, os jornais tiveram um papel de destaque na formação ideológica de seus leitores no Sul. Nas mãos de poucos privilegiados, as folhas assumiram desde o princípio o papel de panfletos partidários e, em épocas de campanha eleitoral, foram decisivas a favor de determinados candidatos. Em *O Tempo e o Vento*, a propaganda partidária também é o objetivo principal dos jornais representados, salvo alguns fragmentos em que eles informam sobre os acontecimentos mundiais de merecido destaque, como as descobertas científicas, as guerras e as manifestações artísticas e culturais.

Apesar da forte penetração dos jornais no mundo fictício do romance, eles não são tratados da mesma forma pelos personagens. Se para Manfredo Fraga, Toríbio Rezende, Rodrigo Cambará e Amintas Camacho os periódicos servem quase que exclusivamente para divulgar ideais políticos e programas partidários, para mulheres como D. Evangelina e D. Vanja eles são úteis apenas na reprodução dos folhetins. Outros personagens, os que carregam a estirpe do gaúcho apegado aos velhos costumes e contrário aos aspectos da modernidade, como Aderbal Quadros e Fandango, vêm as folhas impressas com desconfiança e desprezo. Já as mulheres que habitam o Sobrado, Maria Valéria e Flora, dividem o interesse entre os folhetins e as notícias das revoltas armadas, uma vez que o destino delas e dos homens da casa está sempre relacionado de alguma forma aos rumos da política nacional e gaúcha.

Os personagens-jornalistas do romance surgem aos pares e em dois momentos, mas têm arquétipos psicológicos bem diferentes. Manfredo Fraga e Toríbio Rezende se enfrentam em 1884 em jornais opostos, *O Democrata* e *O Arauto*, um em defesa dos interesses liberais-monarquistas e o outro das idéias republicanas baseadas na filosofia de Auguste Comte. A narrativa não revela o destino de Fraga, mas, quanto a Toríbio Rezende, sabe-se que após ser acolhido pela família Cambará ele se encanta com a figura de Gaspar Silveira Martins e acaba seguindo o chefe liberal.

Já em 1910, Rodrigo Cambará e Amintas Camacho entram em cena para repetir o mesmo enfrentamento de 26 anos antes. Pelo menos as agremiações partidárias em choque são as mesmas. A diferença está na importância que estes personagens assumem no romance, tanto pelo tempo em que permanecem na ação quanto pela repetição de conflitos. O Cambará funda dois jornais para combater os candidatos republicanos, mas acaba se elegendo deputado por este partido. Camacho dirige e escreve no jornal de Santa Fé, veículo sempre identificado com o governo da situação. No final de tudo, ou seja, na Revolução de 30, os dois ficam do mesmo lado e seguem Getúlio Vargas.

É também sobre este eixo principal – o jornalismo-partidário – que giram as transformações da imprensa gaúcha no final do Século XIX e início do Século XX. Para melhor se compreender a representação da estética jornalística na trilogia, procurou-se mostrar também como eram as relações entre imprensa e sociedade na época. Neste período havia na atividade jornalística um “regime” político-partidário em processo de extinção, caracterizado por pequenos jornais feitos por uma única pessoa, sem regularidade de publicação e endereço fixo, e outro identificado com o jornalismo informativo, a indústria cultural e as primeiras empresas voltadas ao lucro. A terceira manifestação foi o jornalismo-literário independente, que deixou como principal contribuição o papel de ter mediado a transição dos “regimes” jornalísticos.

No entanto, essas transformações não se resumiram apenas ao fato dos jornais passarem de um plano artesanal para um sistema industrial. Bem mais do que isso, as mudanças também afetaram o conteúdo editorial das folhas e a forma com que elas passaram a se dirigir ao público leitor. Começaram a surgir as reportagens, diminuíram os formalismos na linguagem e a prática da apuração das informações fez nascer a figura do repórter. Com equipamentos cada vez mais modernos, a imprensa brasileira passou a publicar exemplares para um número cada vez maior de leitores e os jornais começaram a sobreviver de anúncios e assinantes.

Os principais representantes destes dois “regimes” do jornalismo gaúcho foram os jornais *A Federação* e *Correio do Povo*. O primeiro foi fundado por Júlio de Castilhos como órgão oficial do Partido Republicano e resistiu durante 50 anos, até ser fechado definitivamente pelo Estado Novo, em 1937. O segundo surgiu como um contraponto ao modelo do jornalismo-partidário (embora também tenha tomado partido em certos momentos) e fixou-se por um tempo ainda maior como o jornal mais importante do Rio Grande. Justificasse, portanto, a inclusão destes dois veículos no panorama histórico arquitetado por Erico Verissimo, tendo em vista a influência que ambos tiveram na formação da opinião pública gaúcha.

Além de recheiar o enredo com citações de jornais, jornalistas e leitores, o autor inclui no mundo fictício de Santa Fé um jornal que concentra muitas das características das folhas da época. O *A Voz da Serra* aparece primeiramente como um jornal a serviço da intendência republicana, e nunca deixa de servir ao partido, mas conforme o tempo avança o diretor Amintas Camacho diversifica sua linha editorial. Pelo *A Voz da Serra* os moradores acompanham a eterna batalha entre a família Cambará e os governantes locais, além de lerem sobre variados temas da atualidade – como a Primeira Guerra Mundial, o Modernismo e os conflitos armados. Na ficção de *O Tempo e o Vento*, o jornal de Amintas Camacho posiciona e identifica os personagens em suas categorias sociais e ideológicas. Na descrição dos *réveillons*, o redator repete sempre os mesmos artigos que enaltecem a condição burguesa da cidade. Por outro lado, o *A Federação* e o *Correio do Povo* entram para reproduzir discursos e manchetes que o narrador julga importantes na contextualização histórica da trama.

Com isso, a inserção de fontes históricas advindas da imprensa ganha uma dimensão fundamental na estética do romance. Nos instantes cruciais da narrativa, quando se faz necessário a reprodução de um fato que apenas informe ou explique outro, os jornais são acionados para que os personagens os leiam em voz alta. Por vezes a iniciativa parte do narrador, que apresenta uma versão jornalística do acontecimento e atribui as informações aos “jornais”. É assim desde os debates acerca da implantação da República, passando pelas eleições e as revoluções. Encontram-se na trilogia longos trechos de artigos e editoriais, discursos de políticos, notícias de revoltas e revoluções no Brasil e no exterior, até descrições em detalhes da morte de Pinheiro Machado e de João Pessoa. Com um enredo de pouca ação, os momentos de maior sobressalto nos episódios analisados acabam acontecendo justamente quando componentes jornalísticos estão evidentes. Nos jornais *A Farpa* e *O Libertador*, Rodrigo Cambará tenta enfrentar no campo das idéias os candidatos da situação, mas o seu discurso se resume a agressões verbais que em geral terminam em agressões físicas.

Ligados aos jornais, também transitam pelo romance os tipógrafos Pepe Vargas e Arão Stein. Não por acaso, acredita-se, ambos são guiados pelo sentimento de rompimento com a condição social em que vivem. O espanhol é anarquista e seus pensamentos antecipam em dez anos o comunismo assumido por Stein. Pepe Vargas não tem residência fixa, mas simpatiza com Santa Fé e por ali se estabelece. Ele trabalha no *A Farpa* por amizade a Rodrigo Cambará, sem, contudo, acreditar em nenhuma das correntes conflitantes. É Pepe Vargas quem pinta o retrato de Rodrigo, uma obra-prima admirada por todos e que condena o protagonista a conviver com os fantasmas do passado. Já o descendente alemão tem interesse em permanecer com a tipografia para divulgar suas idéias socialistas. Somente por isso Stein aceita colaborar com *O Libertador*.

Procurou-se mostrar, desta forma, que o cruzamento de elementos da ficção com situações da versão jornalística oficial não apenas imprime um sentido de verdade histórica aos episódios narrados, mas também amarra fatos e personagens em torno de determinados preceitos filosóficos e ideológicos. Quanto a este universo ideológico que caracteriza os personagens de *O Tempo e o Vento*, viu-se no estudo que ele se manifesta em diferentes vertentes e direções, mas o traço que o guia está codificado na doutrina positivista.

Num primeiro momento, o jornal *A Federação* assume a função de doutrinar os personagens centrais da ficção. Influenciado por Toríbio Rezende, Licurgo Cambará simpatiza com os republicanos e liberta os escravos do Angico, mesmo estando confuso em relação ao verdadeiro significado do seu gesto. Com os artigos publicados em *A Federação*, Rezende introduz na narrativa as principais teses e proposições de Júlio de Castilhos para o Brasil republicano. O contraponto a essas idéias fica a cargo do Dr. Winter, céptico em relação a qualquer um dos modelos em discussão, e a Florêncio, defensor do regime monárquico. Sempre baseados no que lêem nos jornais, os personagens dialogam a respeito dos principais temas que agitaram os anos pré-república, antecipando motivos que expliquem a guerra da “degola” de 1893.

Mais adiante na História, a família Cambará não concorda com a política do governo de Borges de Medeiros e Rodrigo confronta a Intendência de Santa Fé. Jovem, recém-formado em Medicina e cheio de projetos progressistas para o povoado, o personagem mistura desejos pessoais com a vontade de praticar o bem-estar social e repete os erros daqueles que combate. Ele quer conquistar Santa Fé e ser o mais admirado e respeitado, mas vive sonhando com as luzes de Paris, sua principal referência em filosofia, literatura e vida social. No momento em que Rodrigo se aventura na atividade jornalística, dois militares entram em cena para contrapor as ações do protagonista. O coronel Jairo Bittencourt tenta a

todo custo convencer o jovem idealista e liberal da perfeição do sistema positivista, já o tenente Rubim causa espanto aos outros personagens com teorias sobre uma raça superior e o super-homem de Nietzsche.

Além destes personagens, Erico Verissimo também insere na trilogia personalidades da política nacional, como Gaspar Silveira Martins, em 1884, e Pinheiro Machado, em 1910. Nas duas ocasiões, os chefes políticos estão em campanha a favor de projetos contrários aos interesses dos Cambará, mas reconhecem a importância da família e visitam o Sobrado. Mais do que isso, para os fins pretendidos neste estudo, Pinheiro Machado afirma conhecer as publicações de *A Farpa* e sugere uma cadeira de deputado a Rodrigo Cambará em troca do fim das acusações pelo jornal.

Analisando as atitudes de Rodrigo diante dos conflitos impostos pela História, constatou-se também que ele é o responsável pela frágil estrutura de sustentação dos Cambará. Ao defender algumas “verdades” ideológicas que ele apanha ao acaso dos jornais e das revistas, bem como ao trocar constantemente de agremiação política, o personagem incorpora o arquétipo de um sujeito sem projetos definidos, que vive em eterna ambigüidade entre assumir suas raízes de homem do campo ou se transferir de vez para a cidade. Os jornais que ele funda tampouco servem para doutrinar os leitores, uma vez que em seus artigos encontram-se apenas ofensas ou velhos clichês de pouco impacto.

O jornalismo representado no romance a partir da década de 1920 continua fiel ao seu propósito de fornecer fatos do cenário político, fortalecido por um momento histórico em que se multiplicam os conflitos entre as facções intraclasses. Na Revolução de 23, a família Cambará lidera uma coluna revolucionária e as folhas impressas alimentam os moradores de Santa Fé com informações do movimento armado. O mesmo acontece com Rodrigo, quando busca nos jornais as notícias sobre a coluna de Luís Carlos Prestes, na qual o irmão Toríbio está integrado. No entanto, o período também concentra outros acontecimentos sociais que são levados para a ficção. Caso do pensamento modernista, os progressos científicos e a influência norte-americana na cultura em detrimento da supremacia francesa.

Tentou-se neste estudo, ainda, relacionar as posições políticas e ideológicas assumidas pelo escritor Erico Verissimo, este enquanto sujeito que vive a História, com os aspectos que caracterizam o universo dos personagens de *O Tempo e o Vento*, sempre observando a narrativa do ponto de vista do discurso jornalístico. Partindo de leituras críticas que apontam que o autor faz no romance uma “revisão” da História e desmistifica fantasias em torno do gaúcho, procurou-se entender se isso seria possível num quadro fictício recheado

de notícias da imprensa, as quais em geral reproduzem discursos dos chefes políticos e, por consequência, a ideologia predominante.

Percebe-se, neste aspecto, ambigüidades entre a posição humanista e liberal de Erico Verissimo e sua opção por uma família protagonista republicana, que representa o projeto político hegemônico do Rio Grande do Sul. A influência política e social dos Cambará na trilogia acompanha a expansão do ideal “progressista” no cenário político rio-grandense, mesmo que em alguns momentos essa identificação sofra rompimentos. A indefinição da família quanto aos seus verdadeiros ideais revela, a princípio, um plano consciente do autor de repetir na ficção as dissidências internas que afetaram tanto os republicanos quanto os liberais. Entretanto, esses vacilos também podem evidenciar as contradições do escritor em seu projeto de reescrever a História gaúcha no romance. Em seu objetivo final de desenhar um novo retrato do Rio Grande, menos estereotipado no que concerne à sua história política e social, Erico Verissimo acaba por exaltar mais uma vez na literatura sulina a condição heróica e vencedora do gaúcho. Isso ocorre pela repetição de discursos legitimados na imprensa e pela situação de prestígio dos Cambará desde o surgimento da República até a tomada do poder central pelos gaúchos, em 1930.

Conclui-se, por fim, que a “parcialidade” do autor na seleção das informações retiradas dos jornais e introduzidas na trama histórica tem reflexos decisivos sobre a estética do romance. A versão jornalística dos fatos garante um efeito de veracidade aos episódios narrados, mas, como consequência, repete na ficção os mesmos discursos já propagados na mídia e que fazem parte do conhecimento popular. Ou seja, os elementos fundamentais que deveriam caracterizar uma “revisão” da história gaúcha na ficção acabam por ratificar a imagem de exaltação do projeto “progressista”.

Um estudo mais apurado sobre a figura de Floriano Cambará, o narrador do romance, poderia esclarecer melhor questões relativas ao pensamento político e social do autor e como ele se traduz na voz do personagem. É no discurso de Floriano, alter ego do autor, que podem estar as respostas para essas novas hipóteses que se abrem ao final desta pesquisa. Questões essas que, se pertinentes forem, encontrarão respostas em outra ocasião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA DE ERICO VERISSIMO

- A Volta do Gato Preto*. 17ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- Breve História da Literatura Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 1996.
- Gato Preto em Campo de Neve*. 23ª ed. São Paulo, 1997.
- Incidente em Antares*. 49ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Senhor Embaixador*. 21ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Tempo e o Vento - O Continente I*. 34ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Tempo e o Vento - O Continente II*. 29ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Tempo e o Vento - O Retrato I*. 24ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Tempo e o Vento - O Retrato II*. 23ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Tempo e o Vento - O Arquipélago I*. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- O Tempo e o Vento - O Arquipélago II*. 16ª ed. São Paulo: Globo, 1995.
- O Tempo e o Vento - O Arquipélago III*. 22ª ed. São Paulo: Globo, 2000.
- Saga*. 20ª ed. São Paulo: Globo, 1995.
- Solo de Clarineta I*. 20ª ed. São Paulo: Globo, 1995.
- Solo de Clarineta II*. 10ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

FORTUNA CRÍTICA DE ERICO VERISSIMO

- AGUIAR, Flávio; CHIAPPINI, Ligia (orgs.). *Civilização e exclusão: visões do Brasil em Erico Verissimo, Euclides da Cunha, Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- ANDRADE, Mario de. *Saga*. In: _____. *O empalhador de passarinho*. São Paulo/INL, 1972.

ANTONINI, Eliana Pibernat. *Incidentes narrativos – Antares e a cultura de massa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

_____. *O questionamento político em O Arquipélago, de Erico Verissimo*. Letras de Hoje, Porto Alegre: PUCRS, v. 27, n.1, p. 99-110, mar. 1992.

_____. Realismo e resistência em *Os Maias* e *O Tempo e o Vento*. In: ZILBERMAN, Regina et al. *Eça e outros. Diálogos com a ficção de Eça de Queirós*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 73-90.

_____. (org.) *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Porto Alegre: Globo, 1999.

_____. (org.) *Erico Verissimo: O escritor no tempo. Homenagem aos 85 anos de nascimento*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1990.

_____. (org.) *Caderno de pauta simples. Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

_____; ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CAMARGO, Cassia Corintha Pinto. *Rodrigo e filhinho: apogeu e crise do mito gaúcho*. *Correio do Povo*. Porto Alegre, v. 75, n. 575, ano 8, 21 jul. 1979. Caderno de Sábado.

CAMPOS, Maria do Carmo. *Narratividade e ficção em O Arquipélago*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, v. 2, n. 3, p. 39-47, nov. 1996. *Atas do Seminário Internacional Erico Verissimo: 90 anos*. Org. Maria da Glória Bordini.

CASTELLO, José Aderaldo. “O continente” como obra-síntese. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

CESAR, Guilhermino. *Do condicionamento épico ao drama social*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 jan. 1976. Caderno de Sábado, n.398, v. XVII, ano VIII.

_____. *Erico Verissimo e a historicidade*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 jan. 1976. Caderno de Sábado, n.399 v. XVII, ano VIII.

CHAGAS, Wilson. *Mundo velho sem porteira*. Porto Alegre: Movimento, 1985.

CHAVES, Flávio Loureiro (org). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

_____. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2001.

_____. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

_____. Erico Verissimo, narrador e personagem. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 dez 1975. Caderno de Sábado.

_____. O realismo social de Erico Verissimo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 out.-2 nov. 1974. Caderno de Sábado.

_____. O narrador como testemunha da história. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

CIÊNCIAS E LETRAS. *O centenário de Erico Verissimo e a história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA), n. 38, jul/dez 2005.

DACANAL, José Hildebrando. “O Tempo e o Vento”: notas para uma interpretação sociológica. *Correio do Povo*, Porto Alegre, v. 17, n. 398, ano 8, 3 janeiro 1976. Caderno de Sábado.

_____. O Tempo e o Vento: o auto-elogio da oligarquia. In: _____. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 48-54.

FONSECA, Suzana Job Borges da. *Florianópolis – personagem de O Tempo e o Vento*. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1985. Dissertação de mestrado.

FRANCO, Sérgio da Costa. Erico e o caudilhismo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 dez. 1975. Caderno de Sábado, ano 8, v.17, n. 395.

FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

GENRO, Tarso Fernando. Erico: notícia ideológica. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 03 jan. 1976. Caderno de Sábado, ano 8, v.17, n. 398.

GERTZ, René E. O ciclo de Vargas segundo Verissimo. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. Santa Maria: UFSM; Bauru: EDUSC, 2000.

GONZAGA, Sergius. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1986.

HELENA, Lucia. Figuração e questionamento da nação em O tempo e o vento. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Artes, PUCRS, v. 2, n. 3, p. 56-71, nov. 1996. Atas do Seminário Internacional Erico Verissimo: 90 anos. Org. Maria da Glória Bordini.

HOHLFELDT, Antônio. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê!, 1984.

_____. Caminhos e descaminhos da história: Erico Verissimo e John dos Passos. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, 1996, v.2, n.3. p. 56-71.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. O retrato. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1952. 2ª secção. p. 5-6.

LEENHARDT, Jacques. Narrativa e história em O tempo e vento de Erico Verissimo. In: AGUIAR, Flávio; CHIAPPINI, Lígia; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). *Civilização e exclusão. Visões do Brasil em Erico Verissimo, Euclides da Cunha, Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Boitempo, 2001. p. 15-30.

_____. Erico Verissimo e os quadros do poder. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, n. 301, jan. 1976.

LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica*. 2ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

MARTINS, Wilson. As gerações e a terra. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

MORETTO, Fúlvia M. L. *Erico e seu tempo*. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

NEUBERGER, Lotário. A intertextualidade em Erico, o narrador. In: MORETTO, Fúlvia M. L. (org.). *Erico e seu tempo*. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

PERIN, Jairo. *O Tempo e o Vento adaptado – A literatura que se vê*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2000. Dissertação de Mestrado.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, et al. *Erico Verissimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

_____. Encontros e desencontros da ficção com a história. *Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2005. Cultura.

_____. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura. In: AGUIAR, Flávio; CHIAPPINI, Lígia; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). *Civilização e exclusão. Visões do Brasil em Erico Verissimo, Euclides da Cunha, Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Boitempo, 2001, p. 15-30.

SAIBRO, Maria Luiza Fleck. Por detrás do ‘contador de histórias’. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 jan. 1976. Caderno de Sábado, n. 400, v. 17, ano 8.

SURO, Joaquín Rodríguez. *Erico Verissimo: história e literatura*. Porto Alegre. D.C. Luzzatto, 1985.

UFRGS, Escola Técnica. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Papyrus, 1996.

VERISSIMO, Erico. O Correio do Povo e eu. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1 out. 1975, p 2 e 3. Artigo para a edição comemorativa dos 80 anos do jornal.

_____. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003.

WASSERMAN, Renata R.M. *O tempo e o vento de Erico Verissimo e as complicações do conceito de identidade*. Wayne State University, 1st May, 1995.

WEINHARDT, Marilene. Um diálogo entre ficção e história. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 set. 1999. Cultura/Especial.

ZILBERMAN, Regina. O tempo e o vento: história, mito, literatura. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso histórico e narrativa literária*. São Paulo. Ed. da UNICAMP, 1998, p. 135-157.

_____. *O flâneur*, de Baudelaire a Vasco, entre Benjamin e Erico Verissimo. *Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2005. Cultura.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1983.

ANTONACCI, Maria Antonieta. A revolução de 1923: as oposições na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 229-254.

BAKOS, Margaret Marchiori. *Júlio de Castilhos: positivismo, abolição e república*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2001.

BARCELLOS, Rubens de. *Estudos rio-grandenses: motivos de história e literatura*. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.

BELLOMO, Harry Rodrigues. A revolução de 30: eclosão. In: FLORES, Hilda A. Hübner (org.). *Correio do Povo – 100 anos*. Porto Alegre: Círculo de Pesquisas Literárias/Nova Dimensão, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – Um lírico no auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. O narrador. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Os pensadores).

BERNARDI, Mansueto. *A Revolução de 1930 e temas políticos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Sulina Editora, 1981.

BESSA-LUÍS, Augustina. *Literatura e História*. In: MARINHO, Maria de Fátima (org.). *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*. Porto: Faculdade de Letras do Porto; Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, 2004.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 34-59.

BOSI, Alfredo. A arqueologia do estado-providência. In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 273-307.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 42ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio, et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. *Literatura e sociedade*. 6ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. A história observada pelo avesso. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 133-149.

CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986.

DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____; GONZAGA, Sergius (orgs.). *Rio Grande do Sul: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Quatro publicações marcantes no jornalismo rio-grandense*. Nova Petrópolis: Editora Amstad (s.d.).

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1996.

ENDLER, Sergio Francisco. *Recordações do escrivão Isaias Caminha: Ficção e Jornalismo*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994. Dissertação de Mestrado.

FELIX, Loiva Otero. Imprensa, revolução e discurso: a construção de categorias. In: RAMBO, Arthur Blásio; FELIX, Loiva Otero. *A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1995, p. 179-185.

_____. Religião, imprensa e Revolução Federalista. In: RAMBO, Arthur Blásio; FELIX, Loiva Otero. *A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1995.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

FERREIRA FILHO, Arthur. *História geral do Rio Grande do Sul (1503-1964)*. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Correio do Povo – 100 anos*. Porto Alegre: Círculo de Pesquisas Literárias/Nova Dimensão, 1995.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *RS: Economia & conflitos na República Velha*. Porto Alegre, Mercado Aberto Editora, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (Ufrgs), 1988.

FREITAS, Décio. *Capitalismo pastoril*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 113-132.

GRANDI, Celito De. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos – O breve século XX: 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *A imprensa sul rio-grandense entre 1870 e 1937: discussão sobre critérios para uma periodização*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, 6 a 9 de set, 2006.

_____; RAUSCH, Fábio Flores. *Júlio de Castilhos – jornalista em combate aos sofismas liberais*. Apresentado ao Grupo de Trabalho "Estudos sobre Jornalismo", do VIII Congresso

Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação – Alaic. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 19 a 21 de jul, 2006.

_____. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LACOMBE, Américo Jacobina. Literatura e jornalismo. In: Afrânio Coutinho. *A literatura no Brasil*. V.6. São Paulo. Global, 2003, p. 64-116.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. *Ideologia e técnica da notícia*. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2001.

LEENHARDT, Jacques. A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: _____. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

LEITE, Ligia C. Moraes. *Regionalismo e modernismo (O “caso” gaúcho)*. São Paulo: Ática, 1978.

LESSA, Barbosa. *Borges de Medeiros*. 2ª ed. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1985.

LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como gênero literário*. São Paulo: EDUSP, 2003.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3ª ed. México: Era, 1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, Wilson. *O Modernismo (1916-1945)*. São Paulo: Cultrix, 1945.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto a venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil. In: *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORITZ, Gustavo. O governo de Barros Cassal e a imprensa. In: AXT, Gunter (org.) *Acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul: partes I e II*. Porto Alegre: Procuradoria-geral de Justiça, 2005.

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa: 30 anos. *A Federação: um sonho republicano*. Porto Alegre: Corag, 2005, p. 33.

_____. *A Federação*. Porto Alegre: Corag, 1984.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marcos; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A Editora, 2006.

OSÓRIO, Joaquim Luís. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul (Período Republicano)*. Pelotas: Livraria Globo, 1930.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

_____. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. *República: verso & reverso*. Porto Alegre: IEL/Ufrgs, 1989.

_____. *RS: a economia e o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 60-88.

_____. República Velha gaúcha: “Estado autoritário e economia”. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 193-228.

PINTO, Céli Regina. *Positivismo, um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

REVERBEL, Carlos. *Maragatos e pica-paus – guerra civil e degola no Rio Grande*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. Tendências do jornalismo gaúcho. In: *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. N. 1, p. 99-124. Porto Alegre: UFRGS, 1957.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ROSSATO, Luciana. *Imagens construídas – imaginário político e discurso federalista no Rio Grande do Sul (1889-1896)*. Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado em História, 1999.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 1993.

_____. “A Federação” e o processo político-ideológico rio-grandense. In: *Comunicação & Cultura*. N.1, p. 10-20. Porto Alegre: Museu Hipólito da Costa, 1984.

_____. A imprensa: fonte e agente da Revolução de 93. In: *Seminário Fontes para a Revolução de 1893*, Bagé, 12 a 15 de nov. 1983. Anais. Bagé, 1990.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo et BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-riograndense*. Porto Alegre: Corag, 1986.

SILVA, João Pinto da. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *O primeiro 5 de julho (1920-1922)*. São Paulo: Editora Três, 1975.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *História da burguesia brasileira*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOUZA, Cláudio Mello e. *A imprensa brasileira através dos tempos, rádio, jornal, TV*. São Paulo: Práxis Artes Gráficas, 1986.

SOUZA, Scylla Soares de S. e. A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul. In: *Rio Grande do Sul, imagem da terra gaúcha*. Porto Alegre: Editora Cosmos Limitada, 1942.

TRINDADE, Hélió. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 119-191.

_____. *Partidos e imprensa partidária no Rio grande do Sul (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____ et al. *O Partenon Literário: poesia e prosa - antologia*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1980.

ANEXO

EPISÓDIO	ANO	ACONTECIMENTOS NO ROMANCE	JORNAIS CITADOS
Ismália Caré	1884	Alforria dos escravos do Angico Licurgo abolicionista e republicano Conflitos com a família Amaral O positivismo de Júlio de Castilhos	A Federação O Arauto O Democrata
O Sobrado	1895	Revolução Federalista Cerco do Sobrado e vitória dos Cambará Vitória republicana e castilhista	O Arauto O Democrata
Chantecler	1909 e 1910	Campanhas eleitorais de Rui Barbosa e Hermes da Fonseca Rodrigo funda o jornal A Farpa Pinheiro Machado visita o Sobrado Passagem do cometa Halley	A Farpa A Voz da Serra Correio da Manhã Correio do Povo L'Illustration L'Eclair Paris Journal Il Secolo
A Sombra do Anjo	1915	Primeira Guerra Mundial Protestos na Capital contra candidatura de Hermes da Fonseca ao Senado Pinheiro Machado assassinado	Correio do Povo Diário do Interior Figaro
O Deputado	1922	Rodrigo desfilia-se do PRR e funda o jornal <i>O Libertador</i> Fraude eleitoral contra Assis Brasil Reeleição de Borges de Medeiros Surge o Movimento Modernista	A Federação A Voz da Serra Última Hora O Libertador A Máscara Correio do Povo
Lenço Encarnado	1923 e 1924	Peste bubônica em Santa Fé Revolução de 1923 Coluna de Licurgo Cambará Revolução Paulista de 1924	Correio do Sul A Voz da Serra Correio do Povo
Um Certo Major Toríbio	1924 a 1926	Levante militar em São Paulo Coluna Revolucionária de Luís Carlos Prestes A Warner Brothers produz o primeiro filme sonoro	Correio do Sul A Voz da Serra Correio do Povo Saturday Evening Post Ladies' Home Journal
O Cavalo e o Obelisco	1930	João Pessoa assassinado Revolução de 1930 Getúlio Vargas no poder Rodrigo parte com Getúlio Vargas	A Voz da Serra